

JOÃO FREDERICO RICKLI

**A 'COMUNIDADE DA BÊNÇÃO': RELIGIÃO, FAMÍLIA E TRABALHO NA
COLÔNIA CASTROLANDA**

**Dissertação apresentada como requisito
parcial à obtenção do grau de Mestre em
Antropologia, Programa de Pós-Graduação
em Antropologia Social, Setor de Ciências
Humanas, Letras e Artes, Universidade
Federal do Paraná.**

Orientador: Prof. Dr. Marcos P. D. Lanna.

**CURITIBA
2003**

21ª Ata da Sessão Pública de Arguição, de Defesa da Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Aos 31 dias do mês de julho do ano de 2003, às 14:00 horas, na sala seiscentos e dezessete do Edifício D. Pedro I, no Departamento de Antropologia do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, reuniu-se a Comissão Examinadora designada para arguir a Dissertação de Mestrado em Antropologia Social do candidato João Frederico Rickli intitulada "A Comunidade da Benção: Religião, Família e Trabalho na Colônia de Castrolanda". A Comissão examinadora foi presidida pelo Orientador prof. Dr. Marcos Pazzanese Duarte Lanna e integrada pelas professoras-doutoras Marta Rosa Amoroso (USP) e Ciméa Barbato Bevilaqua (PPGAS-UFPR). Aberta a sessão pelo Presidente da banca, o candidato foi convidado a apresentar prova de conclusão das disciplinas constantes do plano curricular do Programa de Mestrado em Antropologia Social, o que realizou apresentando o histórico escolar, assinado pela Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social Professora Doutora Sandra Jacqueline Stoll. A seguir o Senhor Presidente concedeu a palavra ao candidato para apresentar breve resumo oral de sua dissertação. Em seguida o presidente da banca concedeu a palavra à primeira examinadora, Professora Doutora Marta Rosa Amoroso, que realizou sua arguição, sendo concedido ao candidato igual tempo para as respostas. Da mesma maneira foi concedida a palavra à segunda examinadora, Professora Doutora Ciméa Barbato Bevilaqua, sendo procedido do mesmo modo. Encerradas as arguições, os membros da Comissão Examinadora se reuniram para realizar a atribuição de notas. O parecer da comissão foi pela aprovação do candidato com conceito...A, o que lhe confere os 30 créditos previstos na regulamentação do Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social, completando-se assim, todos os requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre. Face os termos desse parecer o Presidente da Comissão Examinadora declarou aprovado candidato, estando o mesmo em condições de receber o grau e o diploma de Mestre. Nada mais havendo a tratar o Presidente deu por encerrada a sessão, da qual eu, Osvanir José Gonçalves de Andrade, secretário, lavrei a presente Ata que vai assinada pelos membros da Comissão Examinadora.



Professor Doutor Marcos Pazzanese Duarte Lanna
Presidente



Profª Drª Marta Rosa Amoroso
1ª Examinadora



Profª Drª Ciméa Barbato Bevilaqua
2ª Examinadora

Obs.: a Comissão Examinadora acrescenta ao Conceito A um grau de distinção e louvor, recomendando a publicação do trabalho.

CRS M. Lanna J. Stoll

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

DIAGRAMA 1	-	Famílias Kiers e Pot.....	54
DIAGRAMA 2	-	Famílias Moorlag, Groenwold e Rabbers.....	54
DIAGRAMA 3	-	Famílias Borg, van der Vinne, de Jager, Salomons, Leffers e Loman.....	55
DIAGRAMA 4	-	Famílias Keegstra e Fokkema.....	55
FIGURA 1	-	Planta baixa esquemática do templo da IER de Castrolanda.....	09
FOTO 1	-	Um domingo em Castrolanda: silêncio e ruas desertas.....	10
FOTO 2	-	O Centro III ou o <i>Boeren Hemel</i>	10
FOTO 3	-	O Moinho ' <i>De Immigrant</i> '.....	17
FOTO 4	-	O interior de uma residência: <i>gezelligheid</i>	17
FOTO 5	-	A fachada e o jardim da IER de Castrolanda.....	23
FOTO 6	-	O interior do templo durante um culto de Santa Ceia.....	23
FOTO 7	-	O caminho da igreja ao cemitério.....	68
FOTO 8	-	Uma vista parcial do cemitério.....	68
FOTO 9	-	Os silos da cooperativa e a fábrica de ração, vistos do moinho.....	76
FOTO 10	-	O moinho, de outro ângulo.....	76
TABELA 1	-	Opções de distribuição mensal dos cultos de acordo com o idioma.....	31
TABELA 2	-	Resumo dos resultados da enquete sobre idioma nos cultos.....	32
TABELA 3	-	'Famílias pioneiras' por data de chegada de cada navio.....	53
TABELA 4	-	Áreas totais e médias por produtor.....	77
TABELA 5	-	Produção pecuária total e média por produtor.....	78

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	iii
RESUMO.....	iv
ABSTRACT.....	v
INTRODUÇÃO.....	1
I. A COLÔNIA CASTROLANDA.....	6
II. A IGREJA EVANGÉLICA REFORMADA.....	21
BREVE HISTÓRICO.....	21
O CONSELHO DA IER DE CASTROLANDA.....	24
EDUCAÇÃO RELIGIOSA.....	26
ASSISTÊNCIA SOCIAL.....	27
OUTROS GRUPOS.....	28
COMISSÕES ADMINISTRATIVAS.....	29
OS CULTOS.....	30
BATISMO, PROFISSÃO DE FÉ E CASAMENTO.....	33
A IER E A ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CASTROLANDA.....	35
A FESTA DOS 50 ANOS DE CASTROLANDA.....	40
III. PARENTESCO E RELIGIÃO.....	51
AS RELAÇÕES DE PARENTESCO EM CASTROLANDA.....	51
“INTERLÚDIO AMERÍNDIO”	63
RELIGIÃO E PARENTESCO.....	66
IV. A COOPERATIVA CASTROLANDA.....	74
ASPECTOS GERAIS.....	74
DUAS FACES DA COOPERATIVA CASTROLANDA.....	79
O ‘DIA DA COMUNIDADE’ E A ‘COMUNIDADE DA BENÇÃO’.....	83
CONCLUSÃO.....	89
REFERÊNCIAS.....	92

RESUMO

Esta dissertação de mestrado apresenta uma etnografia de Castrolanda, uma colônia fundada em 1951 por um grupo de imigrantes holandeses, em Castro, a cerca de 170 km de Curitiba, no estado do Paraná. O trabalho privilegia a descrição das atividades e da organização da Igreja Evangélica Reformada, a denominação calvinista à qual pertencem os membros da colônia, e da Cooperativa Castrolanda, que organiza a vida econômica do grupo, além da compreensão do modo como se constitui o parentesco na colônia. A articulação entre estas três esferas – a religião, o parentesco e o trabalho – constitui o foco central deste trabalho, que busca compreender como, em Castrolanda, a igreja, articulada na linguagem do parentesco, constitui-se como a esfera dominante da vida comunitária, tornando-se o termo hierarquicamente englobante em relação às outras esferas da vida social do grupo. Nestes termos, existiria em Castrolanda uma peculiar articulação entre hierarquia e ética protestante, que está bem expressa no conceito local de 'comunidade da benção', que nomina esta dissertação.

INTRODUÇÃO

Este trabalho baseia-se em uma extensa pesquisa de campo na colônia Castrolanda, fundada por imigrantes holandeses em 1951 no município de Castro, a cerca de 170Km de Curitiba, a capital do estado do Paraná. Entrei em contato com o grupo em novembro de 1999, quando passei a desempenhar as funções de organista da Igreja Evangélica Reformada, a IER de Castrolanda, e de regente do coral da comunidade¹, o Coral *Hosanna*. Desde meu ingresso no PPGAS (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) da UFPR, tenho utilizado os períodos em que permaneço na colônia desempenhando as funções de músico, para a observação de aspectos da vida social do grupo e o levantamento dos dados que compõem esta pesquisa. Além destas estadias semanais, tive dois períodos de permanência mais intensiva em Castrolanda: em novembro de 2001, quando acompanhei por 10 dias as atividades das comemorações dos 50 anos da colônia; e em novembro e dezembro de 2002, o período mais intenso do trabalho de campo.

Esta dissertação é uma etnografia da colônia Castrolanda, baseada sobretudo na apreensão da organização da igreja, das relações de parentesco e da cooperativa. A análise dos dados privilegia a compreensão da articulação entre as esferas da religião, da família e do trabalho, conforme são concebidas pelos castrolandeses. No Culto de Ação de Graças, no 'Dia da Comunidade', o pastor falou em sua pregação que, enquanto houver a igreja em Castrolanda, haverá a 'Comunidade da Benção', conceito nativo que aponta para o modo específico de se operar, em Castrolanda, o imbricamento entre estes três domínios da vida social da colônia.

Os temas abordados na presente pesquisa não são simplesmente o resultado de escolhas particulares do autor, mas sim um reflexo das temáticas abordadas pelos castrolandeses sempre que falam sobre a própria comunidade. Da mesma forma, os posicionamentos teóricos do trabalho buscam dar conta do modo como, em Castrolanda, diferentes domínios da vida social se articulam entre si. Por outro

¹ Utilizo, no decorrer deste trabalho, o termo "comunidade" sempre no sentido utilizado em Castrolanda, despojado das diversas implicações teóricas que lhe confere a tradição da disciplina. Os castrolandeses utilizam-no referindo-se, na maioria das vezes, ao conjunto de membros da igreja, mas também eventualmente aos moradores da localidade.

lado, a organização dos dados e a inspiração do etnógrafo não deixam de ser também resultado de um dado arcabouço teórico.

No primeiro capítulo, me utilizo de uma descrição de um domingo “comum” em Castrolanda, para introduzir aspectos gerais da colônia e apresentar brevemente alguns dados sobre ela. Destaco o caráter repetitivo e ritualizado de muitas das atividades cotidianas dos castrolandeses, procurando situar este aspecto no panorama das interações entre Castrolanda e o contexto no qual se insere.

No segundo capítulo, trato da Igreja Evangélica Reformada, descrevendo sua organização interna e seus principais ritos e atividades. A partir desta descrição, explico como os ritos do Batismo, do Casamento e da Profissão de Fé fornecem categorias que organizam a comunidade. Na segunda parte do capítulo, descrevo alguns eventos das comemorações dos 50 anos de Castrolanda, abordando as questões da identidade e da etnicidade inseridas num contexto mais amplo, subordinadas aos princípios de organização estabelecidos a partir da igreja e suas categorias.

Passo, então, a tratar da esfera da família, no terceiro capítulo. Primeiramente, esboço uma descrição geral, procurando estabelecer um quadro sistemático das relações de parentesco em Castrolanda. A partir destes dados, passo a analisar a articulação entre a religião e o parentesco na colônia, utilizando o relato etnográfico de uma cerimônia fúnebre que presenciei, na qual atuei como organista. A análise destes dados parte de um “interlúdio ameríndio”, no qual analiso o tratamento dado por três autores da etnologia indígena (Carlos Fausto, Manuela Carneiro da Cunha e Peter Gow) à dicotomia entre esfera pública e doméstica, através da qual busco entender a questão do imbricamento entre religião e parentesco em Castrolanda.

Finalmente, o quarto capítulo apresenta a Cooperativa Castrolanda, descrevendo suas atividades e fornecendo dados acerca da produção agrícola da colônia. Procuro compreender, neste capítulo, como a cooperativa engloba a esfera do trabalho em Castrolanda, e como ela se relaciona com a igreja e com o parentesco. Para isso, apresento a descrição do ‘Dia da Comunidade’, comemorado anualmente no feriado do “Primeiro de Maio”.

Alguns esclarecimentos de caráter prático são necessários para facilitar a leitura do texto. Os termos em holandês aparecem sempre em itálico, e são usados quando referem-se a nomes próprios ou quando não têm uma tradução possível em português. Os termos e conceitos nativos em português estão colocados entre aspas simples, as aspas duplas sendo restritas às citações, a vocábulos não peculiares à linguagem do texto e à acentuação, pelo autor, de determinadas palavras.

As frases que aparecem como epígrafes a cada um dos capítulos e à conclusão foram extraídas de um mural montado na igreja durante a semana de festividades em comemoração aos 50 anos da colônia. No culto de abertura da semana, a comunidade foi incentivada a escrever, num papel distribuído pelos diáconos, um desejo para a Castrolanda do futuro. Estas frases foram expostas num quadro, no fundo do templo, de onde selecionei aquelas aqui citadas.

As relações e posições de parentesco estão expressas no texto empregando-se a notação inglesa, com as iniciais dos termos básicos em inglês (com exceção de “Z” para “sister”, usado para distingui-lo de “S”, “son”): F = pai; M = mãe; B = irmão; Z = irmã; S = filho; D = filha; Ch = filhos, sem distinção de sexo; H = marido e W = esposa. G designa os germanos, ou seja, irmãos, sem distinção de sexo. Os compostos devem ser lidos na ordem do genitivo anglo-saxão. Assim, por exemplo, ZH é “sister’s husband”, ou seja, o marido da irmã; MBD é “mother’s brother’s daughter”, ou seja, a filha do irmão da mãe.

Aos eventuais leitores castrolandeses, friso que, embora as informações aqui contidas tenham sido obtidas em conversas com muitas pessoas da comunidade, todas as opiniões e análises são exclusiva e inteiramente de minha responsabilidade. Esta dissertação é o resultado de uma pesquisa acadêmica e as idéias nele expressas são fruto de um encontro entre a observação em campo e a minha leitura particular de uma determinada tradição teórica desenvolvida no interior de uma disciplina, a Antropologia Social. Espero que a análise dos dados de Castrolanda a partir deste ponto de vista não fruste as expectativas expressas por muitos em relação à concepção deste trabalho.

A realização desta pesquisa só foi possível graças à colaboração e ao apoio de muitas pessoas e instituições. Em primeiro lugar, agradeço ao Prof. Marcos Lanna, que foi verdadeiramente um orientador, no sentido pleno do termo. Além da leitura sempre cuidadosa, atenta e generosa de meus textos, e de me introduzir em leituras importantes, entre elas as dos chamados “estudos de comunidade” e do seu próprio trabalho, que de uma certa forma inspiraram esta pesquisa, apontou muitos caminhos, representando uma orientação segura sempre que me senti perdido entre dados e teorias.

Gostaria também de agradecer aos professores que ministraram as disciplinas que freqüentei no PPGAS da UFPR. O curso da Prof.^a Sandra Stoll, de Rituais e Simbolismo, introduziu leituras importantes – sobretudo dos clássicos britânicos – que possibilitaram a realização de boa parte do capítulo sobre a igreja em Castrolanda. Da mesma forma, a contribuição da Prof.^a Selma Baptista, no curso de Etnicidade, Fronteiras Culturais e Análise Intercultural, foi inestimável para a análise das comemorações dos 50 anos da colônia. À Prof.^a Edilene Cofacci Lima devo a orientação na leitura de etnografias dos povos ameríndios. Além dos autores citados na análise dos ritos funerários, as discussões do curso de Etnologia Indígena estão subjacentes a todo o trabalho. Agradeço também sua participação preciosa como banca de qualificação. O curso “Indivíduo e Sociedade”, das professoras Márcia Kersten e Míriam Hartung, possibilitou a leitura e a discussão da obra de Louis Dumont, absolutamente fundamental neste trabalho. À Prof.^a Christine de Alencar Chaves, devo as reflexões sobre o trabalho etnográfico que o curso “Seminários de Pesquisa”, possibilitou. Finalmente, os cursos de Teoria Antropológica I e II, com os professores Marcos Lanna e Márnio Teixeira-Pinto forneceram um panorama teórico da disciplina sem o qual este trabalho não poderia ter sido realizado. Agradeço ainda à Prof.^a Cimea Bevilacqua, cujos comentários e sugestões na banca de qualificação, foram profundamente encorajadores e estimulantes, fundamentais para a finalização desta dissertação. Sou profundamente grato a todos.

Agradeço ainda aos funcionários e demais professores do PPGAS da UFPR. Aos meus colegas, pelas conversas e discussões que alimentaram substancialmente minha formação, e pela companhia nos inevitáveis momentos em que queremos deixar tudo de lado. Ao colegiado, agradeço por ter confiado a mim, desde

dezembro de 2002, uma das raras e preciosas bolsas concedidas pela CAPES ao programa. Embora por um tempo curto, este apoio foi fundamental para que a finalização do trabalho acontecesse. Agradeço a Gabriel Dietrich pelo auxílio com figuras e diagramas. A Izabel Liviski, autora das fotos aqui apresentadas, devo o privilégio de poder completar o texto com imagens produzidas por uma fotógrafa experiente e sensível.

Em Castrolanda, há muito e muitos a agradecer. A Kees e Corrie van Santen pela hospitalidade. A Jantje Morsink, Trijntje Salomons, Gezina Rabbers e Willy Boer pela paciência com as infindáveis perguntas. A Henk e Riek Kassies pela hospitalidade, amizade e pela paciência em me ensinar a jogar *Trouwen*. A Rolinda Salomons, Frederika de Jager, Marianne Paas, Jan-Peter Prenger, Ingrid Caricari e Kleber Machado por muitas coisas, mas antes de tudo, pela amizade.

Finalmente, Acir e Maria, muito obrigado por tudo. Principalmente pela amizade, que para além das dores e delícias embutidas na relação de pais e filho, me permite chamá-los pelo primeiro nome. A José Eduardo pela presença paciente e amorosa, pelas leituras atentas de meus manuscritos e por seus comentários sempre inteligentes, que muito ajudaram na realização deste trabalho.

I. A COLÔNIA CASTROLANDA

“Desejo que a cultura holandesa sempre fique presente nesta comunidade.”

“Desejo que este país possa seguir o exemplo desta colônia.”

“Que todos nós brasileiros sejamos abençoados por Deus.”

Este capítulo apresenta uma descrição dos aspectos mais gerais da colônia Castrolanda, através de uma narrativa das atividades de um dos muitos domingos lá passados desde que desempenho a função de organista e regente do coro da Igreja Evangélica Reformada (IER) de Castrolanda. Localizada a cerca de sete quilômetros da sede do município de Castro, distante 170 km de Curitiba, a colônia foi fundada em novembro de 1951 por um grupo de agricultores cristãos holandeses vindos sobretudo de duas províncias de base rural do nordeste da Holanda: *Drenthe* e *Overijssel*. Conta hoje com cerca de mil habitantes e sua atividade econômica dominante é a agropecuária, organizada em torno da Cooperativa Castrolanda, à qual estão ligados quase todos os moradores da colônia, seja como produtor cooperado, seja como funcionário da cooperativa ou das chácaras e fazendas a ela associadas. Há duas escolas e duas igrejas em Castrolanda: de um lado a Escola Evangélica e a Igreja Evangélica Reformada; de outro, a Escola Estadual e a Igreja Católica. Em termos gerais, pode-se afirmar que as primeiras reúnem os imigrantes e seus descendentes e as últimas são formadas pelas famílias ‘brasileiras’², compostas principalmente pelos funcionários das chácaras e da cooperativa. Além destas duas escolas, há a Escola Holandesa Prins Willem Alexander, inaugurada pelo príncipe dos Países Baixos, em sua visita ao Brasil em 1998, que complementa as atividades da Escola Evangélica com aulas de holandês, geografia e história da Holanda, além de promover atividades que visam a preservação das tradições holandesas em Castrolanda.

Todos os domingos, às oito horas e trinta minutos da manhã, o zelador da igreja dirige-se à torre, ao lado do templo, e toca o sino por cerca de cinco minutos, quebrando o silêncio habitual da colônia, perturbado apenas pelo ronco contínuo e

² Utilizo aqui o termo ‘brasileiro’ como categoria nativa, significando aqueles que não são imigrantes ou seus descendentes.

surdo das máquinas da cooperativa. O jardim da igreja está sempre impecável: nenhum galho das palmeiras e araucárias no chão, a grama perfeitamente aparada, os canteiros de flores bem cuidados e as pedras britadas do pátio e estacionamento que ocupa a frente do prédio cuidadosamente rasteladas e lisas, com nenhuma marca de pneus restando do dia anterior.

A igreja está localizada no ponto mais alto do centro da colônia e sua torre, formada por três longas placas de concreto, tem cerca de vinte e oito metros de altura. O sino, assim, pode ser ouvido a vários quilômetros dali, e seu repicar se espalha pelas diversas chácaras que circundam o aglomerado “semi-urbano” que forma o centro de Castrolanda. Nele, além da cooperativa, da escola, da igreja, do moinho, do Clube Castrolanda, do lar dos idosos, de algumas lojas e agências bancárias, há cerca de noventa residências, onde vivem pouco menos da metade dos castrolandeses. Os demais moram principalmente nas chácaras e fazendas em torno, na cidade de Castro, ou então em propriedades mais distantes, na mesma região.

A colônia está dividida em oito bairros, quatro deles no centro e quatro fora dele. Esta divisão foi feita pelo Conselho da igreja, e não está baseada puramente na situação geográfica e espacial de disposição das residências. O Centro I corresponde às imediações da Praça Concórdia, onde fica a igreja, e das duas ruas que a ligam à cooperativa – a Avenida das Palmeiras e a Rua Juliana. O Centro II corresponde à primeira área residencial do centro, em torno da Rua das Flores e do início da Avenida Brasil. O Centro III compreende a Praça Alvorada e suas imediações, de ocupação mais recente, onde se localizam as melhores casas do centro, por isso apelidada de ‘Beverly Hills’ ou ‘*Boeren Hemel*’ (céu dos fazendeiros). O Centro IV não é territorialmente contínuo e compreende aqueles que vivem nas proximidades do centro, em alguma das suas três principais vias de acesso – o asfalto que recobre os sete quilômetros entre a colônia e a cidade de Castro, a oeste do centro, a estrada do Capão Alto, onde ficam a igreja católica e a escola estadual, a norte, e a leste, a estrada do Cruzo, as duas últimas não pavimentadas.

Os quatro bairros fora do centro são o Capão Alto, compreendendo os arredores da sede da fazenda homônima, a norte do centro, uma das áreas adquiridas para a divisão entre os imigrantes; o *Zwartemeer*, região a leste do centro, seguindo a estrada do Cruzo, onde originalmente se instalaram imigrantes

oriundos da região assim nominada na Holanda; e a Ilha, que corresponde às áreas a sudeste do centro de Castrolanda. O quarto bairro não é territorialmente definido e é chamado simplesmente de Castro, incluindo todas as pessoas que moram fora da colônia, seja na cidade ou nos seus arredores, em fazendas ou chácaras mais distantes do centro de Castrolanda. Esta definição dos bairros só é utilizada no domínio da organização da igreja, e a maior parte das pessoas que circulam pela colônia e não pertencem à IER (funcionários e associados ‘brasileiros’ da cooperativa, por exemplo) simplesmente desconhece esta divisão.

Descrito o “cenário” da colônia, é possível prosseguir o relato das atividades dos domingos. Passando das nove horas começam a chegar as primeiras pessoas à igreja. Os diáconos, o presbítero de plantão e o pastor³ que celebrará o culto chegam sempre cedo, para verificar se está tudo corretamente preparado. Um dos presbíteros fica à porta, cumprimentando aqueles que aos poucos vão chegando, enquanto o pastor e os demais membros do Conselho vão se reunindo no subsolo da igreja, na Sala do Conselho.

O templo da Igreja Evangélica Reformada de Castrolanda foi inaugurado em 1967, e é um projeto de arquitetura bastante moderna. A nave tem a forma de um losango, com as duas extremidades cortadas, conforme o diagrama abaixo. Tem um coro – um mezanino localizado na parte posterior da nave – onde ficam o órgão e a mesa de som, que controla os microfones usados no culto e a estação de rádio⁴, operada pelos diáconos de plantão e pelo zelador. O órgão eletrônico digital é uma réplica de um instrumento holandês do século XVIII, e foi importado da Holanda em 1990. No subsolo, há a Sala do Conselho, ocupada por uma grande mesa ao redor da qual são feitas as reuniões, a sala da biblioteca e o *Oppas*, onde durante os cultos matinais as crianças de zero a três anos permanecem. Há um revezamento entre as mães, e todos os domingos cinco delas são escaladas para tomarem conta das crianças do *Oppas*. O templo tem capacidade para cerca de 360 pessoas, e é dotado de longos bancos de madeira, nos quais se sentam as famílias da comunidade, em lugares mais ou menos fixos. Na comemoração dos 50 anos da

³ O significado destes cargos e suas funções serão descritas no capítulo II, tratando da Igreja Evangélica Reformada (IER).

⁴ Os cultos da IER de Castrolanda são transmitidos por rádio na frequência FM 107. A antena transmissora fica no alto da torre da igreja, e atinge um raio de cerca de 10 km.

igreja, em outubro de 2002, uma das imigrantes mais idosas fez um relato detalhado da história da IER, nele frisando a importância da opção por bancos, ao invés de cadeiras, para que as famílias pudessem sentar-se juntas durante os cultos.

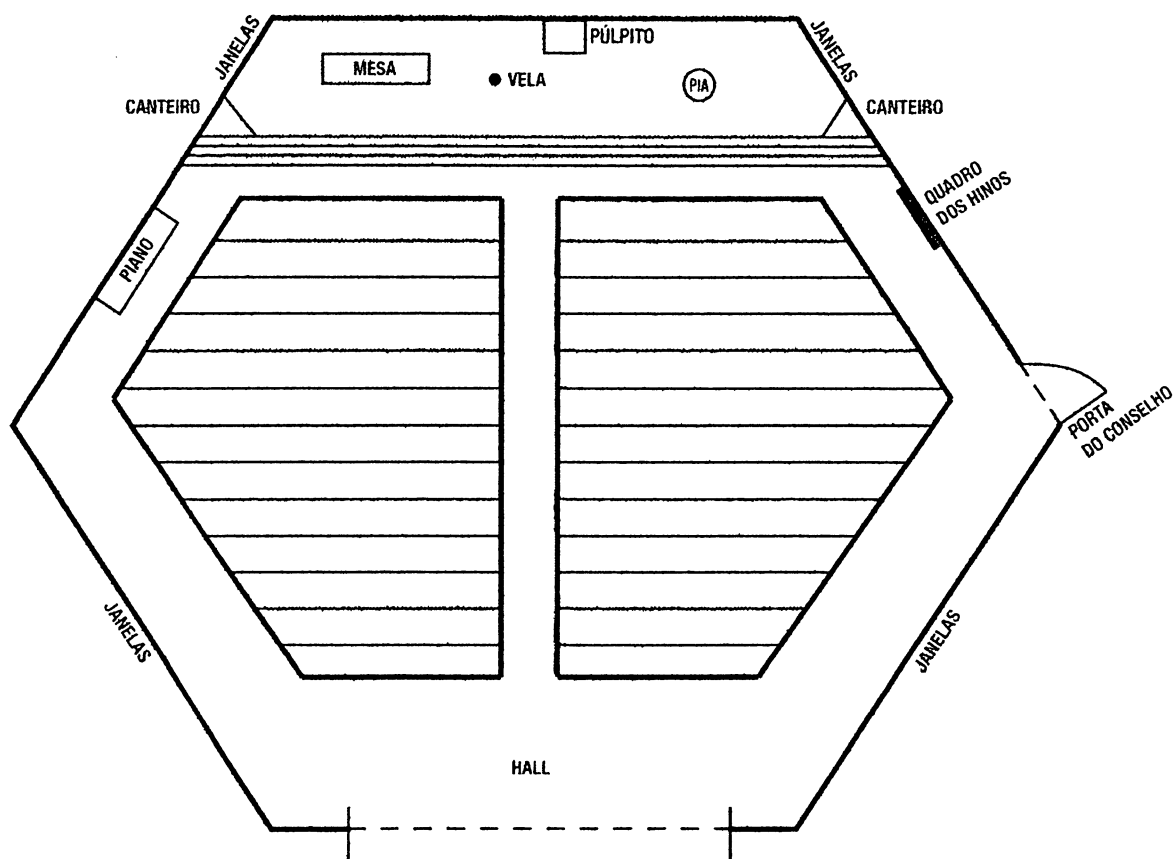


Figura 1 – planta baixa esquemática do templo da IER de Castrolanda

Às nove e quinze, o sino toca por mais cinco minutos, anunciando o início do culto. Ouvem-se os ruídos característicos de muitos carros e pessoas chegando, os pneus crepitando no pedrisco, frases curtas e o bom dia do presbítero designado para se postar à porta, recepcionando os fiéis. O organista tem instrução de começar a tocar o hino de entrada às nove e vinte e sete, para que a entrada do pastor e do presbítero de plantão aconteça exatamente às nove e trinta. A falta de pontualidade é muito criticada em Castrolanda, sobretudo em relação aos cultos, que começam rigorosamente na hora, com poucas pessoas chegando depois das nove e trinta. Entretanto, embora muito apreciada e reconhecida como uma qualidade genuinamente holandesa, são bem poucos os que mantêm em outras atividades a mesma pontualidade dos serviços religiosos.



Foto 1 – Um domingo em Castrolanda: silêncio e ruas desertas



Foto 2 – O Centro III ou o *Boeren Hemel*

Após o início do culto, a atmosfera é de concentração e profundo silêncio, que é ainda maior após a saída das crianças para a escola dominical⁵. Por dois momentos apenas escutam-se ruídos na assistência: no início da pregação ouve-se o farfalhar dos papéis de balas que são consumidas por quase todos, e alguns murmúrios de conversas durante o momento das ofertas, enquanto se espera os diáconos circularem pelo templo recolhendo as doações.

A saída tem sempre um ar festivo, as vozes animadas com pequenas 'rodinhas' se formando no pátio em frente ao templo. Muitas pessoas acendem seus cigarros, e nas manhãs ensolaradas, os carros muito limpos brilham efusivos. Dominam as caminhonetes e os modelos 'perua' vistosos, e pode-se notar que os veículos são de grande importância para os castrolandeses, seja pela recorrência do tema nas conversas informais, seja pelo grande número de modelos novos e de alto valor estacionados no pátio da igreja aos domingos.

As 'rodinhas' se formam de acordo com alguns critérios. Normalmente, os casais com mais idade dividem-se por gênero, em grupos de tamanhos variados, de três a sete ou oito pessoas cada um. Os solteiros também dividem-se por gênero, e raramente se vê um grupo misto (com homens e mulheres conversando juntos). Os casais mais jovens, com filhos ainda pequenos, não se dividem, e suas 'rodinhas' incluem normalmente de dois a quatro casais.

A língua em que se conversa no pátio da igreja varia de acordo com a idade dos componentes de cada grupo e com o assunto discutido. Normalmente, os mais velhos conversam em holandês, enquanto os mais jovens (solteiros ou casados), em português. Entretanto, quando o assunto gira em torno das questões de trabalho, como a qualidade das lavouras, as cotações da bolsa de Chicago, os preços do leite e da carne suína, temas predominantes nas 'rodinhas' dos homens mais velhos, a conversa se dá em português. Entre os casais mais jovens, como veremos no segundo capítulo, há um número elevado de 'brasileiros', portanto a língua predominante é o português, independentemente do assunto discutido. Entre as mulheres mais velhas, o holandês é certamente preferido e o português só é utilizado quando há entre elas um 'brasileiro'. Os jovens solteiros raramente se

⁵ A descrição completa do culto será também apresentada no capítulo II. Limito-me aqui a descrever os aspectos mais gerais.

expressam em holandês, e segundo alguns informantes, muitos deles não têm muita fluência no idioma. Embora essa divisão não seja rigorosa, e existam exceções em todos estes grupos, estas tendências mais gerais podem ser observadas⁶. Aos poucos as 'rodinhas' vão se desfazendo, e depois de vinte minutos, aproximadamente, já não resta mais ninguém diante da igreja. A colônia volta ao seu silêncio habitual, enquanto no interior das casas o ritual do café tem início.

O café após o culto reúne, normalmente, no mínimo duas famílias e os convites e arranjos são feitos nas 'rodinhas' no pátio da igreja. É bastante comum os filhos casados reunirem-se na casa dos pais, ou os irmãos nas casas uns dos outros, embora também sejam freqüentes as reuniões de amigos ou parentes mais distantes. Em ocasiões especiais, como Páscoa, Pentecostes ou no aniversário da igreja, o café pode ser comunitário, realizado no salão do moinho. Como quase tudo em Castrolanda, ele segue um roteiro rígido. Enquanto as pessoas vão chegando e tomando assento na sala, a dona da casa está na cozinha, preparando tudo, muitas vezes auxiliada pelas filhas. O marido, na sala, recepciona os convidados e conduz as conversas. No café, diferentemente das 'rodinhas', as pessoas conversam juntas, preferencialmente na língua holandesa, quando não há nenhum 'brasileiro' presente. Os assuntos, segundo observei, são mais gerais, e com freqüência versam sobre os principais acontecimentos da colônia durante a semana.

As mulheres chegam da cozinha com canecas fumegantes (raramente xícaras com pires) com café com leite já servido, e pequenos pratinhos com fatias de bolo tipicamente holandeses, como o *gevulde speculaas*, uma massa sem fermento com diversas especiarias e com recheio de amêndoas ou coco; a *citroen tarte*, semelhante à nossa torta de limão; ou o *boter koek*, feito basicamente de manteiga e farinha. As canecas são deixadas sobre porta-copos, onipresentes nas casas castrolandesas, e postas com os pratinhos na mesa de centro, diante de cada um dos presentes. Ninguém bebe imediatamente, mas espera-se alguns momentos, para então sorver o café tranquilamente, normalmente sem açúcar. Terminada a primeira rodada, a dona da casa pergunta se alguém vai querer uma outra caneca, que é normalmente aceita por todos. Ela traz, então, da cozinha uma garrafa térmica

⁶ Sobre o idioma dos cultos, ver capítulo II.

com café e leite já misturados e enche novamente as canecas, servindo mais uma fatia de bolo.

Mesmo as casas mais simples em Castrolanda são extremamente confortáveis, e apresentam também uma certa regularidade na decoração. A sala tem quase sempre móveis grandes, de madeira maciça, com uma grande mesa de centro e às vezes mesinhas menores dispostas ao lado de sofás e poltronas. As toalhas-de-mesa são de tapeçaria grossa, e há enfeites fazendo referência aos principais temas da tradição holandesa: moinhos, tulipas e tamancos. As cortinas são curtas, cobrindo só a metade da janela, e são presas em argolas e varões de madeira.

O vocábulo holandês *gezellig*, sem equivalência muito aproximada em português, representa um valor importante para os castrolandeses, expresso na disposição dos ambientes de uma casa e na forma de organizar reuniões informais e festas. *Gezellig* pode significar aconchegante, acolhedor, confortável. Entretanto o campo semântico recoberto por este adjetivo e por *gezelligheid*, o substantivo dele derivado, é mais amplo, incluindo não apenas ambientes e espaços, mas ocasiões e eventos. Pode-se dizer que uma festa ou uma visita foram *gezellig*, ou que determinada pessoa e sua casa têm *gezelligheid*. O termo também pode significar facilidade e polidez nas relações interpessoais. Por exemplo, numa festa de casamento que presenciei foram fixados avisos de “não fume” no salão. Um castrolandês reclamou, dizendo que sair para fumar fora do salão “quebrava a *gezelligheid*” da festa. O momento do café após o culto, nas salas amplas e aconchegantes, muitas vezes, no inverno, com fogo nas lareiras, é um momento de cultivo da *gezelligheid*. Esta é, assim, um valor local.

Transcorrido algum tempo, com o ritmo da conversa já diminuindo, o marido pergunta se alguém vai tomar mais alguma coisa, listando todas as opções: normalmente vinho, cerveja, refrigerante, suco ou água. Cada um faz sua escolha, e ele, auxiliado pela esposa, que retira as canecas e pratinhos, traz bebidas e copos, e algum petisco salgado – batatas fritas ou salgadinhos. Os assuntos são renovados por mais algum tempo e, finalmente, o ritual do café é encerrado, com as despedidas dos convidados e os preparativos para o almoço. O rito do café se repete todos os domingos, após o culto da manhã e com frequência nas ocasiões de visitas

domésticas. Nestes casos, ele pode ser mais breve, sem o oferecimento de bebidas frias, preservando entretanto o caráter repetitivo e ritualizado.

As refeições em Castrolanda, em qualquer dia da semana, são invariavelmente iniciadas por uma oração, feita freqüentemente pelo dono da casa. A comida consiste normalmente de batatas, uma carne (normalmente frango ou porco), uma salada ou um refogado de legumes e iogurte como sobremesa. No domingo, é bastante comum serem servidos apenas sopa e pão, com uma sobremesa⁷. Após a refeição, alguém lê a Bíblia (quase sempre um dos filhos ou netos dos donos da casa) e uma meditação contida em devocionários de editoras evangélicas. Estes livros são normalmente anuais, e contêm uma meditação curta e sugestões de leituras bíblicas para cada dia do ano.

As tardes de domingo na colônia são paradas e silenciosas. Quase não se vêem pessoas nas ruas, e aqueles que não vão às chácaras ou recantos (cachoeiras, sobretudo) na região, permanecem em casa. Este é também um dia para visitar parentes e amigos, muitos dos quais vivendo em uma das duas outras colônias holandesas da região: Carambeí e Arapoti. A existência prévia de holandeses em Carambeí, a cerca de vinte quilômetros da sede do município de Castro, foi um dos motivos da escolha da área onde foi formada Castrolanda, em 1951. O movimento de emigração que a originou foi promovido por duas entidades não governamentais cristãs – a *Christelijk Emigratie Centrale* (Central Cristã de Emigração) e a *Christelijk Boeren en Tuinders Bond* (Associação Cristã de Granjeiros e Horticultores) – cujos representantes visitaram algumas regiões no Brasil e acabaram por optar pelas proximidades do município de Castro. Carambeí fôra fundada em 1911, em condições bastante adversas, mas representava segurança para o grupo que deixaria a Holanda. Arapoti, fundada em 1961, surgiu de uma iniciativa semelhante à que originou Castrolanda, e representou uma importante área de extensão e estabelecimento dos jovens castrolandeses, evitando a divisão excessiva dos lotes em Castrolanda para atender os direitos de herança dos numerosos filhos dos primeiros imigrantes. Esta questão, e as relações de

⁷ Numa destas refeições, o dono da casa justificou-se comigo, dizendo que no domingo, quando não se trabalha, não é necessária uma refeição pesada, sendo suficiente uma sopa.

parentesco ligando Castrolanda, Carambeí e Arapoti serão detalhadas no terceiro capítulo.

As relações entre as colônias variam entre a amizade e cooperação mútuas e a hostilidade e competição formalizadas. Há algumas instituições “intercoloniais” que evidenciam o caráter cooperativo das relações, como o Sínodo das Igrejas Evangélicas Reformadas; a Cooperativa Central de Laticínios do Paraná, formada pela união das três cooperativas e proprietária da marca “Batavo”, cuja sede industrial fica em Carambeí; e a Fundação ABC (Arapoti, Batavo e Castrolanda), que realiza pesquisa em tecnologia agropecuária. Além destas, há instituições de caráter “cultural” que reúnem todas as colônias holandesas no Brasil – as três paranaenses mais Holambra I e II – além dos imigrantes estabelecidos em Maracaju, no Mato Grosso, e em Tibagi, no Paraná. Nelas, a formalização da competitividade e da hostilidade ficam mais evidentes. A Associação Cultural Brasil – Holanda promove eventos e lança publicações em língua holandesa, como a revista mensal *De Regenboog*, (O Arco-Íris), que divulga as principais notícias nas colônias, além dos acontecimentos mais importantes no Brasil e na Holanda. Entre os eventos, destaca-se a festa de *Sinterklaas*, o São Nicolau, no início de dezembro. Nela, além de um jantar e de um baile, têm lugar apresentações organizadas por cada uma das colônias, e são comuns os comentários jocosos de uma colônia à outra, fazendo referência a supostas qualidades negativas de cada colônia (avareza, “burrice” e inveja, por exemplo) e aos diferentes modos de falar holandês em cada colônia (por exemplo, o dialeto de *Drenthe*, região de origem da maior parte dos castrolandeses, é considerado “caipira”, e é motivo de chacota por parte dos demais). Neste âmbito há ainda o *Zeskamp*, os jogos intercoloniais que ocorrem todo ano em julho, nos quais as equipes defendem sua colônia de origem nas diferentes modalidades disputadas.

A tranquilidade das tardes de domingo em Castrolanda começa a ser quebrada pela crescente movimentação turística, iniciada com a inauguração do Memorial da Imigração Holandesa, durante as comemorações dos 50 anos da colônia, em 2001. Ele é composto do salão de eventos, onde acontecem a maior parte das festas de casamento da colônia e do moinho *De Immigrant*, um dos

maiores moinhos de vento do mundo⁸, construído seguindo fielmente o estilo florescente na Holanda do século XIX. Um engenheiro holandês especializado dirigiu a obra, permanecendo quase nove meses no Brasil, o que dá uma dimensão dos altíssimos custos do projeto bancado, não sem controvérsias, pela cooperativa e por doações dos moradores. Nas tardes de sexta-feira, sábado, domingos e feriados, as pás são postas em movimento (se há vento, é claro) e ele é aberto à visita, com ingresso cobrado. No rés-do-chão, embaixo do salão, há uma lanchonete e uma sala ainda em fase de conclusão, onde será futuramente instalada a biblioteca, reunindo o acervo da igreja e do arquivo histórico da cooperativa.

Às dezoito e trinta, o zelador novamente faz soar o sino, preparando os moradores para o culto que deverá se iniciar às dezenove e trinta. O culto vespertino é bem menos freqüentado, e dificilmente reúne mais do que cem pessoas, enquanto que pela manhã este número fica entre duzentas e trezentas pessoas. Exceto por isso, não há maiores diferenças entre os dois. Após o culto, formam-se novamente 'rodinhas', porém bem menos animadas dos que as da manhã e de duração bem mais curta.

São freqüentes, no domingo à noite, as reuniões com jogos, uma atividade bastante difundida entre os castrolandeses, havendo inclusive campeonatos organizados pelo Clube Castrolanda durante o inverno, com as inscrições das equipes durante o Dia da Comunidade, no Primeiro de Maio⁹. Jogar é, sem dúvida, a atividade de lazer noturna praticada com mais freqüência pelos casais de todas as idades, enquanto os solteiros aparentemente preferem os encontros em bares, restaurantes e afins, nas cidades de Castro, a sete quilômetros, e Ponta Grossa, a cerca de quarenta e cinco quilômetros. Além disso, as festas de aniversário, casamento e bodas¹⁰, e as reuniões informais sem jogo, são freqüentes e completam o quadro da "vida noturna" castrolandesa.

⁸ O moinho tem 37 metros de altura, com 26 metros de envergadura nas pás (de ponta a ponta).

⁹ As atividades do Dia da Comunidade serão descritas no Capítulo 4.

¹⁰ As bodas, ou aniversários de casamento, são bastante valorizados. Comemoram-se com destaque os doze anos e meio (metade de vinte e cinco), os vinte e cinco anos, os quarenta e os cinquenta anos de casamento.



Foto 3 – O Moinho 'De Immigrant'

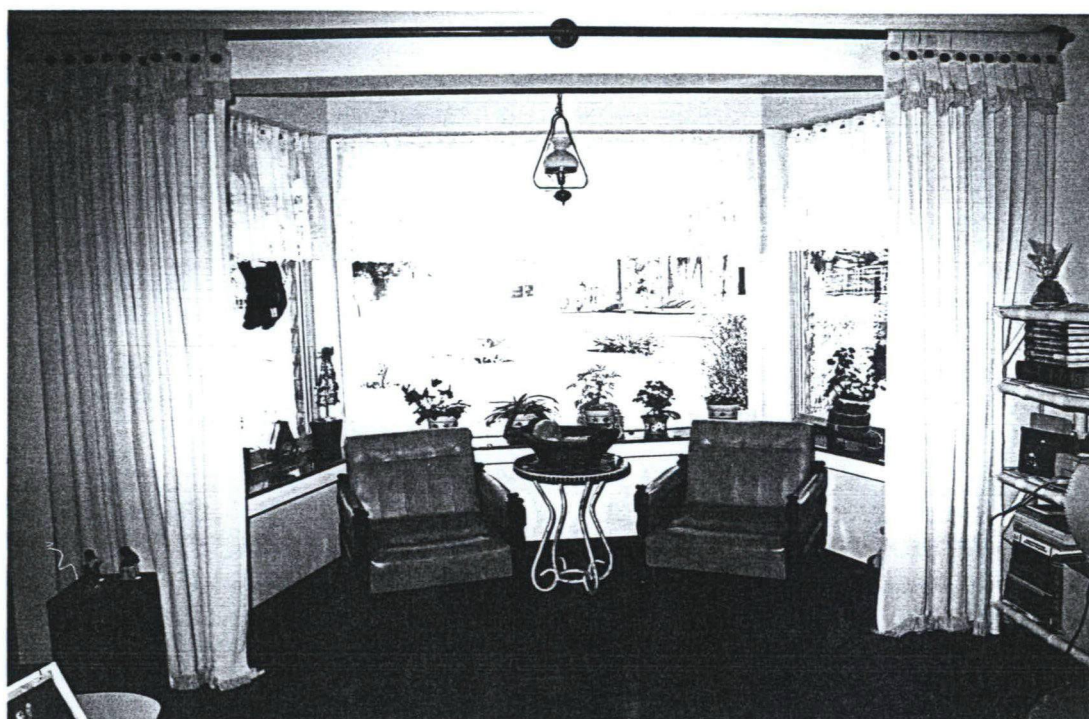


Foto 4 – O interior de uma residência: *gezelligheid*

Entre os muitos jogos praticados nas reuniões, os preferidos parecem ser o *Trouven*, semelhante ao *Bridget* inglês, jogado com baralho, e o *Rummikub*, um jogo de mesa composto de pedras com seqüências numéricas. O *Trouven* pode ser jogado por duas duplas – a modalidade preferida pelos casais – ou por mais jogadores disputando individualmente, enquanto o *Rummikub* pode ser jogado por duas, três ou quatro pessoas.

Assim como o café depois do culto, as reuniões de jogo seguem um roteiro determinado e quase invariável. O casal convidado, ao chegar, senta-se na sala, recepcionado pelos donos da casa. A esposa então pergunta o que todos vão beber, oferecendo habitualmente café ou chá. Todos fazem suas opções, e as infalíveis canecas são trazidas por ela da cozinha. Bebe-se, conversa-se, uma nova rodada de bebidas quentes é trazida até que alguém, normalmente o dono da casa, sugere que se inicie o jogo. Todos se transferem então para a mesa de refeição, onde normalmente uma toalha verde já está posta, e as duplas se formam. No *Trouven*, a dupla quase nunca é formada pelo casal, sendo decidido no momento se o jogo será dos homens contra as mulheres, ou do dono da casa e a convidada contra a dona da casa e o convidado. Após algumas rodadas, o dono da casa pergunta o que cada um vai beber, apresentando as opções: vinho, cerveja, refrigerante, suco ou água. Como no café depois do culto, copos e bebidas são trazidos acompanhados de petiscos salgados, e o jogo prossegue. Quando o *Trouven* é jogado com ‘brasileiros’, fala-se uma curiosa mistura de idiomas, pois os termos do jogo em holandês são adaptados, e surgem diversos vocábulos inexistentes em qualquer uma das línguas.

As reuniões de jogo não têm hora para acabar, dependendo exclusivamente da disposição dos jogadores. Normalmente, alguém menciona a hora, fala em cansaço ou em compromissos no dia seguinte. Todos decidem, então, quantas rodadas serão ainda disputadas e o jogo se encerra. Os pontos são contados, os vencedores troçam dos perdedores que juram desforra na próxima reunião e, finalmente, os convidados se despedem.

Esta opção pela descrição de um domingo “qualquer”, além de introduzir algumas informações acerca da colônia, pretende retratar ao leitor um aspecto de Castrolanda que, para o observador externo ao grupo, produz precisamente o sentimento de alteridade e de estranhamento, sendo a face mais visível da existência de um “nós” e um “eles”, opondo Castrolanda aos ‘brasileiros’: a presença

de uma rotina rígida e repetitiva nas mais variadas atividades dos castrolandeses. Em praticamente todos os domínios da vida social da colônia está presente uma certa ritualização, com modos de agir prescritos e regras de procedimento tacitamente acordadas. Os improvisos são raros e as ações em desacordo com os roteiros estabelecidos são sempre reconhecidas como tal, seja por uma advertência polida, seja por um questionamento curioso sobre as razões da diferença.

Caberia a Castrolanda a metáfora utilizada por Bourdieu em relação aos camponeses *cabila*: “A ordem social é, antes de tudo, um ritmo, um *tempo*. Conformar-se com a ordem social é primordialmente respeitar os ritmos, acompanhar a medida, não andar fora do tempo. Pertencer ao grupo, significa ter no mesmo momento do dia e do ano o mesmo comportamento de todos os outros membros do grupo” (BOURDIEU, 1979, p. 47).

Esta percepção da pertença como fidelidade aos ritmos, compassos e pulsações do grupo pode esclarecer uma questão importante. Há, entre os castrolandeses e os ‘brasileiros’ da região, uma discrepância na opinião acerca da relação entre a colônia e o contexto que a circunda. Enquanto a maior parte dos ‘brasileiros’, tende a afirmar que Castrolanda é uma colônia ‘fechada’, a maioria dos castrolandeses afirma o oposto, baseando-se no grande número de casamentos entre castrolandeses e pessoas de fora da colônia e na presença maciça de ‘brasileiros’ entre os sócios da cooperativa (aproximadamente 50%) e entre os alunos da Escola Evangélica (também cerca de 50%). Se por um lado os casamentos chamados de ‘mistos’ testemunham em favor de uma abertura da colônia, é certo que os cônjuges ‘brasileiros’ acabam por “acertar o passo” com os ritmos locais, integrando o grupo, ou o casal se afasta, deixando de pertencer à colônia.

Do mesmo modo, algumas mães de alunos da Escola Evangélica oriundos de Castro afirmam que é muito difícil que seus filhos estabeleçam relações de amizade mais próxima com as crianças castrolandesas, pois estas estão muito ligadas entre si através de uma extensa rede de relações de parentesco e de atividades que extrapolam os limites da escola, das quais as crianças ‘brasileiras’ estão excluídas. Neste sentido, a Escola Holandesa tem um papel fundamental e muitas vezes polêmico dentro da própria colônia. Nela, as aulas são ministradas exclusivamente em holandês, o que requer que as crianças falem minimamente o idioma para que

possam acompanhar a classe. Assim, os filhos de casais 'mistos', com frequência educados em português, e as crianças 'brasileiras' estão incapacitados para as aulas e atividades da Escola Holandesa. Ou seja, estas crianças não são proibidas de participar das atividades, mas não têm os requisitos necessários para acompanhar o ritmo daquelas que já falam um pouco de holandês.

Com muita frequência, esta ritualização do cotidiano em Castrolanda está associada, pelos castrolandeses, à preservação dos costumes holandeses. Por exemplo, durante a festa dos cinquenta anos da colônia, em novembro de 2001, na Exposição Cultural organizada pela Escola Evangélica, um grupo de crianças apresentava um trabalho sobre o café depois do culto, como uma das tradições holandesas preservadas em Castrolanda. Outro exemplo é a discussão ocorrida logo que comecei a dirigir o coro da igreja. Alguns cantores insatisfeitos com meu modo de conduzir os ensaios, pediram para que eu seguisse o mesmo roteiro a que estavam habituados: repertório novo na primeira metade do ensaio, intervalo com café e repertório antigo na segunda metade. Diante da minha recusa, eles argumentaram que essa era a melhor maneira, pois era assim que supostamente se fazia na Holanda. Do mesmo modo, o hábito dos jogos de salão é considerado em Castrolanda um costume tipicamente holandês.

Não ponho em dúvida aqui que os holandeses tomem café depois do culto, joguem, ou que algum coral holandês realmente organize seu ensaio daquela maneira. Entretanto, o que está em questão é o significado que estes costumes adquirem em Castrolanda, passando a integrar um conjunto de procedimentos rígidos e repetitivos, fornecendo uma das linguagens através das quais se dá o ordenamento e a classificação que produz as relações. O ponto central acerca desta questão é que não é a diferença entre castrolandeses e 'brasileiros', a abertura ou o fechamento da colônia, ou ainda a preservação das tradições holandesas que produz um conjunto rígido de regras e procedimentos. Pelo contrário, são princípios internos ao grupo que se expressam através destas linguagens da diferença. Nos capítulos seguintes, procuro investigar a natureza destes princípios, que encontro na relação complexa entre as esferas da família e da religião.

II. A IGREJA EVANGÉLICA REFORMADA

"Eu desejo que o Deus triúno continue o centro da existência da vida dos membros da igreja de Castrolanda e que assim possamos impulsionar a existência da comunidade."

"Eu desejo que a Igreja permaneça o encontro, o ponto principal da nossa comunidade."

"A união que a Igreja proporcionou durante os primeiros 50 anos, que nos mantenha durante muitos outros 50 mais..."

Este capítulo apresenta uma descrição da organização da Igreja Evangélica Reformada de Castrolanda, de algumas de suas atividades e dos principais rituais por ela operados. A partir destes dados, pretendo explicitar como três ritos específicos – o Batismo, a Profissão de Fé e o Casamento – fornecem categorias classificatórias que organizam a comunidade, possibilitando a elaboração de um modelo da organização social da igreja. Finalmente, através da descrição de alguns momentos das comemorações dos 50 anos da colônia, demonstro como os princípios explicitados por este modelo englobam os demais aspectos da vida social em Castrolanda, tornando possível localizar a igreja, em sua articulação com o parentesco, como a principal responsável pelo estabelecimento e manutenção dos limites da colônia, sobrepondo-se à identidade ou às fronteiras étnicas.

Breve histórico

Em outubro de 1952, após a chegada do terceiro grupo de imigrantes a Castrolanda, foi formalmente organizada a igreja reformada, conforme a decisão tomada nas reuniões preparatórias da emigração, na Holanda. Segundo o relato da Sr^a Kiers¹¹ (KIERS-POT, 2001, p. 86), 90% dos futuros imigrantes pertencia a uma das três principais denominações reformadas calvinistas holandesas: a *Gereformeerde Kerk*, a *Nederlans Hervormde Kerk* e a *Christelijk Gereformeerde Kerk*¹². Como já foi mencionado no capítulo anterior, a própria iniciativa da imigração

¹¹ A Sr^a. Kiers, uma das imigrantes da chamada primeira geração, organizou um livro sobre a colônia, lançado em holandês em 1991, durante as comemorações dos 40 anos da colônia. Este livro foi revisto e relançado em português e holandês por ocasião dos 50 anos de Castrolanda (KIERS-POT, 2001).

¹² A reforma protestante na Holanda foi realizada de acordo com os princípios de Calvino – originário de Genebra, na Suíça. Com o passar dos anos, a igreja reformada holandesa foi se dividindo por questões políticas e dogmáticas em denominações menores, das quais as três citadas são as mais

e os acordos com o governo brasileiro foram encabeçados por duas entidades ligadas às igrejas reformadas, e a seleção dos futuros imigrantes foi realizada pelo diretor de uma escola protestante, a Escola Cristã de Agricultura de Hoogeveen. Além disso, já havia em Carambeí, a colônia vizinha, uma igreja reformada pertencente ao presbitério argentino de Buenos Aires. O primeiro pastor foi William Muller, que residia em Carambeí, e tinha trabalhado anteriormente na Christian Reformed Church, a igreja dos imigrantes holandeses na América do Norte. Além de pastor, ele era cônsul dos Países Baixos, e desempenhou um papel importante nas negociações para a imigração. Foi também o primeiro presidente da Cooperativa Castrolanda.

Em 1962, as igrejas reformadas de origem holandesa no Brasil e na Argentina tornaram-se independentes de suas matrizes européias, e a Igreja Evangélica Reformada (IER) tornou-se uma denominação reconhecida por elas como 'igreja irmã'. Hoje, no Brasil, há sete IERs: Castrolanda (PR), Carambeí – Colônia (PR), Vila Nova Holanda, em Carambeí (PR), Arapoti (PR), Tibagi (PR), São Paulo e Balsas (MA). Há ainda uma comunidade em Curitiba (PR), que por ser formada principalmente por estudantes universitários castrolandeses, está sob responsabilidade da IER de Castrolanda, e em processo de emancipação. Todas participam do Sínodo das IER's, que reúne-se duas vezes por ano e delibera acerca de atividades conjuntas e questões de interesse geral. O Sínodo publica uma revista semestral – Informe – com edição em português e holandês e distribuição gratuita aos membros de todas as IERs.

A IER de Castrolanda contava, em 2001, com aproximadamente 709 membros, sendo 360 professores¹³ e 349 batizados. Desenvolve um grande número de atividades, além dos cultos dominicais, e é gerida por diversas comissões e organizações, que descrevo a seguir.

importantes. Não cabe aqui explicitar as principais diferenças entre cada uma delas, mas numa caracterização rápida, feita por um dos pastores holandeses em Castrolanda, pode-se dizer que a *Christelijk Gereformeerde Kerk* é mais conservadora e influenciada pelo movimento pietista, a *Gereformeerde Kerk* mais progressista é aberta a mudanças e a *Nederlands Hervormde Kerk* é mais antiga e tem um caráter mais oficial, sendo a igreja da família real. A grande maioria dos imigrantes que formaram Castrolanda pertencia à *Gereformeerde Kerk*.

¹³ Membro professor é aquele que já realizou sua Profissão de Fé, ritual que descreverei adiante, atingindo sua maioridade na vida eclesiástica.



Foto 5 – A fachada e o jardim da IER de Castrolanda



Foto 6 – O interior do templo durante um culto de Santa Ceia

O Conselho da IER de Castrolanda

O Conselho é o órgão máximo da igreja. É formado por dez presbíteros, quatro diáconos e pelos pastores¹⁴, que reúnem-se uma vez por mês, ordinariamente. Os membros do Conselho são eleitos pelos membros professos da igreja, em dois turnos, realizados em rápidas assembléias convocadas após o culto matinal. No primeiro, todos os membros da igreja indicam candidatos, escolhidos entre os membros professos, para concorrerem às vagas abertas. Os nomes que receberam o maior número de indicações tornam-se candidatos. No segundo turno, os membros professos escolhem, pelo voto, os novos presbíteros e diáconos. Os “mandatos” duram três anos, mas o próprio Conselho pode solicitar a algum dos membros que permaneçam por mais tempo, quando há muitos mandatos vencendo num mesmo período. As eleições realizam-se sempre que há presbíteros ou diáconos completando os três anos previamente fixados, o que acontece praticamente todo ano.

São elegíveis para o Conselho todos os membros professos da igreja, com duas ressalvas: o número de mulheres presbíteras não deve ser superior ao de homens¹⁵ e não pode haver duas pessoas da mesma família ocupando assentos simultaneamente no Conselho. São considerados da mesma família os pais (F e M), os filhos (S e D), os irmãos (B e Z), os cônjuges (W e H), os avós (FF, MF, FM e MM) e os netos (SS, DS, SD e DD). Não há nenhum impedimento formal aos sogros e sogras (HF, HM, WF, WM) e os genros e noras (SW e DH), entretanto nunca ocorreram casos deste tipo e, segundo um informante, causaria um certo desconforto a eleição de alguém ligado por algum destes laços a algum membro do Conselho¹⁶.

As atribuições do Conselho são administrativas e eclesiásticas, cabendo a seus membros deliberar, junto com os pastores, tanto sobre questões práticas do gerenciamento das atividades da igreja, quanto sobre questões teológicas e espirituais, além de eventuais admoestações de caráter disciplinar. Entre os

¹⁴ Na fase final desta pesquisa, a IER de Castrolanda contava com apenas um pastor, devido ao falecimento súbito do Pastor Leonardo Los, em dezembro passado. O processo para a contratação de um substituto estava em andamento.

¹⁵ As mulheres são elegíveis para o Conselho desde 1993. No período que observei, houve sempre 5 presbíteros e 5 presbíteras, entretanto, nenhuma diaconisa. Por 3 anos (1999 – 2001), a igreja teve uma pastora.

presbíteros são eleitos um presidente, um vice, um secretário e um tesoureiro que, junto com os pastores, formam a chamada mesa administrativa do Conselho, que constitui uma espécie de “poder executivo” interno, cabendo a ela pôr em prática as deliberações do Conselho.

O Conselho é o único responsável pela principal atividade da igreja: os cultos. Durante cerca de dois anos houve uma Comissão de Liturgia, que sob orientação de um dos pastores deveria opinar sobre o modo de organizar os serviços. Entretanto, no início de 2003 ela foi extinta, pois as decisões finais eram sempre do Conselho, e considerou-se que a comissão era ineficaz e desnecessária. Desta forma, os rituais do culto são da alçada exclusiva do Conselho, e algumas partes do próprio rito o expressam, como veremos.

Cada um dos presbíteros, com exceção do secretário e do presbítero de jovens, torna-se responsável por um dos oito bairros em que a colônia está dividida, conforme foi descrito no capítulo anterior. Além disso, cada um recebe atribuições específicas, desenvolvendo um tipo diferente de atividade, seja auxiliando e supervisionando os trabalhos das demais comissões internas da igreja, seja representando a IER externamente, junto a outras igrejas ou entidades com as quais ela colabora. Os diáconos têm a responsabilidade de zelar pelo patrimônio da igreja, atender para que tudo corra bem durante os cultos e recolher as ofertas. São também eles quem distribui os carnês de contribuição financeira, a parte mais significativa do orçamento da igreja¹⁷. Embora todos participem igualmente das reuniões, há uma diferença hierárquica entre presbíteros e diáconos. Os segundos são em geral mais jovens, e seu serviço é considerado mais leve do que o dos primeiros, que atendem diretamente os moradores do bairro pelo qual são responsáveis, visitando-os ao menos uma vez por ano, aconselhando-os quando necessário e assistindo-lhes, junto com os pastores, em problemas familiares e espirituais.

O secretário do Conselho é ainda responsável por organizar o “Guia da Comunidade” (IER CASTROLANDA, 2002), uma publicação atualizada a cada dois ou três anos, no qual constam uma breve descrição das principais comissões e atividades da igreja, indicando o nome das pessoas responsáveis por elas, uma lista

¹⁶ As relações entre igreja e parentesco serão mais detalhadamente desenvolvidas no capítulo III.

com o endereço e o telefone de todos os membros, em ordem alfabética, uma lista com o aniversário de todos os membros, em ordem de data e, finalmente, uma lista de famílias por bairros. O guia é largamente usado por todos, funcionando principalmente como lista telefônica e agenda de aniversários.

Além dos cultos e da assistência espiritual aos membros, pelos quais o Conselho e os pastores são os responsáveis diretos, a IER de Castrolanda possui mais duas grandes linhas de ação, dirigidas por duas entidades ou comissões, sempre subordinadas ao Conselho: a educação religiosa, dirigida pelo Departamento de Educação Cristã (DEC), e a assistência social, sob a direção da Associação de Assistência Social de Castrolanda (AASC).

Educação religiosa

Um grande número de atividades da IER é dirigido à educação religiosa de jovens, crianças e adultos, nesta ordem de importância, sob a direção do Departamento de Educação Cristã (DEC), que é coordenado por um dos pastores e um presbítero. Primeiramente, há a Escola Dominical, que acontece durante o horário dos cultos matutinos, para as crianças até 11 anos. Elas são divididas em classes, de acordo com a série escolar (do Jardim I à 5.^a série). Os professores são membros da igreja escolhidos pelo DEC entre mães e pais de alunos, e desempenham a função por um período de cerca de três anos. Nas datas especiais do calendário litúrgico não há Escola Dominical, e os alunos permanecem no templo durante todo o culto. Logo que as crianças, já então adolescentes, deixam de freqüentar a Escola Dominical, passando a permanecer na igreja até o final do serviço, elas ingressam no Catecismo. Também sob responsabilidade do DEC, o Catecismo prepara os jovens para a Profissão de Fé. As aulas são ministradas pelos pastores e são quinzenais. Os jovens castrolandeses freqüentam o Catecismo por um período de 6 a 8 anos. Para aqueles que ingressaram na igreja já adultos, ou para os que, por algum motivo, não acompanharam as aulas na idade em que a maioria o faz, há turmas especiais, nas quais é exigido um mínimo de 2 anos de freqüência. Tanto a Escola Dominical quanto o Catecismo são atividades de caráter

¹⁷ Sobre o orçamento da IER, ver nota 18, p. 27.

formativo, e são indispensáveis. Toda a criança ou jovem cuja família seja membro ativo da igreja é obrigado a freqüentar estas atividades.

Ainda sob responsabilidade do DEC estão os diversos grupos de jovens, divididos de acordo com a idade dos participantes. Estas atividades têm, além do caráter formativo (palestras e estudos bíblicos), um aspecto recreativo (encontros, jantares, jogos e gincanas, entre outros), promovendo ainda intercâmbios com grupos equivalentes de outras igrejas. São eles: os 'Clubs', para adolescentes de 5.^a a 8.^a série, o 'JUCquinha', para aqueles com idade correspondente à do ensino médio, o 'JUC' – Jovens Unidos de Castrolanda – para os que já concluíram o 3.^o ano do ensino médio, e o 'JUCão', criado recentemente, que reúne os solteiros com idade próxima a 30 anos. Apesar da insistência para que haja uma boa participação nestes grupos, eles não têm um caráter obrigatório e reúnem apenas uma pequena parcela dos jovens da IER de Castrolanda.

Finalmente, há os grupos de estudo bíblico, bastante livres, que não estão diretamente submetidos ao DEC. São destinados a casais, e suas reuniões são normalmente às quartas-feiras à noite, na casa dos participantes. Não há uma divisão pré-estabelecida dos grupos, e um casal pode escolher com quem quer se reunir e formar seu próprio grupo. Em geral, parecem não ser muito bem vistos os grupos formados por muitos parentes. Cada grupo pode também optar pela língua em que vai realizar o estudo. Embora não sejam diretamente coordenados pelo DEC, os livros e materiais didáticos estudados provém da Biblioteca Evangélica, esta sim, de responsabilidade do Departamento de Educação Cristã, que constantemente adquire materiais diversos em português e holandês para a realização dos estudos.

Assistência Social

Um grande número de trabalhos sociais, evangelísticos e missionários são realizados pela IER de Castrolanda nas comunidades vizinhas, mobilizando consideráveis esforços, seja no grande número de membros que se dedicam voluntariamente a estes serviços, seja na alta porcentagem do orçamento anual da

igreja dedicado a eles¹⁸. A responsabilidade por este setor é da Associação de Assistência Social de Castrolanda (AASC), formada em conjunto com a Igreja Presbiteriana de Castro, com a qual divide responsabilidades. Os principais trabalhos coordenados por ela são o Centro de Atendimento à Criança “Jardim Colonial”, localizado na periferia da cidade de Castro e o Prosar – Projeto de Saúde e Assistência Rural – que trabalha com a população rural de baixa renda. A AASC possui ainda duas comissões internas, a CAEC – Comissão de Assistência Educacional Cristã – que coordena os trabalhos de evangelização realizados pela igreja, empregando um evangelista; e a CDC – Comissão de Desenvolvimento Comunitário – que organiza atividades sociais na comunidade.

Além dos serviços da AASC, a IER de Castrolanda auxilia o Lar Oricena Vargas, em Piraí do Sul, que atende crianças abandonadas e órfãos, e é dirigido pelo Exército da Salvação; a congregação de Abapã, uma pequena vila rural onde os trabalhos de evangelização acabaram por gerar uma pequena igreja, assistida pela IER; e o Instituto Cristão, uma escola que forma técnicos em agropecuária.

Outros grupos

Além das atividades, grupos e entidades descritos até aqui, há algumas outras organizações que integram a IER de Castrolanda, cujas atividades não se subordinam diretamente à educação cristã, nem à assistência social. São o Coral *Hosanna*, o *Vrouwenvereniging*, o Grupo SER, a UCF (*Platterlandsvrouw*), o *Jeugd van Vroeger* e a Biblioteca. O Coral *Hosanna* ensaia semanalmente e participa de cultos especiais e datas comemorativas. É dirigido pelo organista contratado, mas administrado por uma comissão formada por três membros do grupo. O *Vrouwenvereniging*, o Grupo SER e a UCF são “sociedades de senhoras”, sendo que os dois primeiros desenvolvem atividades de caráter exclusivamente religioso e diferenciam-se entre si pela língua: as reuniões do *Vrouwenvereniging* são em

¹⁸ Dos R\$117.200,00 arrecadados em ofertas nos cultos em 2002, R\$70.550,00, ou seja, cerca de 60% foram destinados a trabalhos sociais. Este total representa quase 20% dos gastos totais da igreja, previstos no orçamento de 2002 (R\$378.789,00). Além das ofertas recolhidas nos cultos, que são doações voluntárias e livres, a igreja é mantida pela contribuição mensal dos membros, cobrada por meio de carnês. O tesoureiro do Conselho, junto com os diáconos, sugere o valor da contribuição, baseado na renda de cada família, calculada a partir dos movimentos financeiros da cooperativa. Este valor é apenas sugerido, possível de ser negociado e diminuído. O não pagamento não gera uma dívida formal com a igreja, entretanto motiva a cobrança dos diáconos.

holandês e as do Grupo SER em português. A UCF, ou *Platterlandsvrouw* tem caráter mais recreativo e formativo, realizando palestras sobre assuntos diversos, não apenas religiosos, e desenvolve atividades em ambas as línguas. O *Jeugd van Vroeger*, ou “juventude de outrora”, realiza atividades de recreação e meditação voltadas aos idosos¹⁹. Finalmente, a Biblioteca dispõe de um acervo de quase 2000 volumes, a maior parte deles em língua holandesa. É administrada por uma comissão de três pessoas e fica aberta nas manhãs de quarta-feira. Ocupa as salas contíguas à sala do Conselho, no sub-solo da igreja²⁰.

Comissões administrativas

Além de todas as organizações já descritas, há duas comissões de caráter administrativo. O Departamento de Administração, Finanças e Patrimônio (DAFP) é o responsável pelas finanças e pela manutenção do patrimônio da igreja, que inclui, além do templo, o cemitério, o Shalom, um prédio com algumas salas para aulas e reuniões, duas casas (a casa pastoral e a casa do zelador) e algumas salas no Lar Eben Haëzer – o asilo dos idosos. O departamento, atualmente, é composto por um presbítero e dois diáconos. Além do DAFP, há um conselho fiscal, composto por membros da igreja que não pertencem ao Conselho, que examina as contas apresentadas por este.

Sob responsabilidade do DAFP estão as questões burocráticas envolvendo os funcionários pagos pela igreja. São dois zeladores, um jardineiro, uma secretária²¹, dois pastores²², um organista²³ (que é também responsável pelo Coral *Hosanna*) e uma professora de religião, que leciona na escola evangélica, porém é paga pela IER e está submetida à supervisão do DEC. A igreja contribui ainda com o

¹⁹ Além das atividades do *Jeugd van Vroeger*, há sempre duas pessoas da comunidade escaladas para tomar café com os idosos no Lar *Eben Haëzer* todas as terças e quintas-feiras, das 10.00h às 11.00h.

²⁰ No período final desta pesquisa, foi decidida a transferência da biblioteca para uma sala no Memorial da Imigração Holandesa.

²¹ Entre as muitas atribuições da secretária, está a produção do *Kerkblad*, ou Boletim da Igreja, publicado quinzenalmente em edição bilíngüe. Nele constam os principais avisos da comunidade, uma pequena nota do pastor sobre as pregações dos próximos cultos, os aniversariantes com menos de 10 anos e mais de 60, e as escalas da quinzena: de mães responsáveis pelo *Oppas*, de famílias responsáveis pelas flores na igreja e de duplas que participarão do café com os idosos no Lar *Eben Haëzer*.

²² Ver nota 14, p. 24.

²³ Além do organista contratado, há atualmente três pessoas na comunidade que acompanham os serviços, recebendo uma gratificação por culto.

pagamento de um evangelista, funcionário da AASC. Todos os demais serviços prestados à igreja, no Conselho, em comissões, nas aulas da Escola Dominical ou em qualquer outra atividade não são remunerados, sendo realizados gratuitamente pelos seus membros.

Os cultos

Os cultos da IER de Castrolanda têm uma estrutura bastante rígida e repetitiva. Acontecem todos os domingos, às 9.30h e às 19.30h. Os mais freqüentados são os matutinos, nos quais o templo, com capacidade para aproximadamente 360 pessoas fica normalmente cheio, enquanto nos vespertinos, usualmente, comparecem menos de 100 pessoas. Os cultos duram, em geral, entre 60 e 80 minutos, e se iniciam com o cântico de um hino de entrada, durante o qual o pastor e os presbíteros entram no templo “em cortejo”, vindos da sala do Conselho, cuja porta fica na lateral da igreja. Em frente ao púlpito, o ‘presbítero de plantão’, responsável pelos cultos do dia, cumprimenta o pastor e senta-se no primeiro banco, invariavelmente vazio. Os demais presbíteros dirigem-se aos seus bancos habituais, junto com suas famílias²⁴. O pastor encaminha-se à mesa, de onde dirige boa parte do serviço. A liturgia reformada tem como ponto central a palavra de Deus, e não o sacrifício da eucaristia, como é o caso da religião católica. Por isso, a parte frontal do templo reformado tem o púlpito, o lugar da palavra, ao centro. Não há um altar, que remete à idéia do sacrifício da Eucaristia, mas sim uma mesa, de onde o pastor dirige a liturgia. Quando há celebração da eucaristia, o que ocorre cinco vezes durante o ano, afastam-se os primeiros bancos e uma grande mesa é disposta ali, ao redor da qual se sentam os fiéis.

O pastor saúda os presentes, em nome do Conselho e dá a benção inicial. Normalmente canta-se uma doxologia²⁵, ou um salmo de louvor. Em seguida, há um momento de contrição e arrependimento e de anúncio do perdão e da graça divina. Neste momento, o pastor chama à frente as crianças que irão à Escola Dominical para que aproximem-se da mesa, e lhes dirige algumas palavras rápidas, contando uma pequena história, ou falando algo relacionado aos textos da pregação do dia.

²⁴ Os membros da igreja costumam se sentar sempre nos mesmos bancos, distribuídos por família. Até outubro de 2002, quando eles foram inteiramente estofados, por ocasião dos 50 anos da igreja, algumas pessoas deixavam almofadas em seus bancos de costume, marcando assim o seu lugar.

²⁵ Uma doxologia é uma fórmula litúrgica cantada ou declamada após as bênçãos e grandes orações, na qual se glorificam a grandeza e a majestade divinas.

Uma das crianças traz uma vela, que o pastor acende na Vela Pascal, que sempre queima diante do púlpito, representando metaforicamente a presença da luz de Cristo na vida da igreja. Esta grande vela deve durar o ano todo, e é substituída no domingo da Páscoa, quando se celebra a ressurreição de Jesus. Já a vela carregada todos os domingos pelas crianças representa, por metonímia, a contigüidade entre o culto e a Escola Dominical. Seguem-se as leituras bíblicas, acompanhadas de um ou dois hinos, e então o pastor sobe ao púlpito, de onde faz a pregação. Após a pregação, canta-se mais um hino, e com o pastor de volta à mesa, há uma longa oração de intercessão, chamada 'oração pastoral', na qual são mencionados fatos do cotidiano da comunidade. O pastor faz então os 'avisos do Conselho', os diáconos recolhem as ofertas em sacos de pano que circulam de mão em mão, e canta-se o hino final. O pastor impetra a Benção, e todos cantam "Amém". Com a comunidade em pé e em silêncio, o presbítero cumprimenta novamente o pastor, e o Conselho retorna para sua sala, com os diáconos levando os sacos com as ofertas. Depois que se fecha a porta, o organista toca e todos deixam o templo.

A língua em que os cultos são realizados é questão de intensos debates na comunidade. Em novembro de 2001, o Conselho realizou uma enquete acerca do assunto, propondo 4 opções, descritas na tabela abaixo.

TABELA 1 – Opções de distribuição mensal dos cultos de acordo com o idioma

Opção	Matutino			Vespertino	
	Português	Holandês	Bilingüe	Português	Holandês
A	2	2	-	2	2
B	4	-	-	-	4
C	2	-	2	2	2
D	4	-	-	2	2

Os números representam a quantidade de cultos em cada idioma por mês. A opção A era a distribuição vigente no momento em que foi realizada a enquete. Note-se que todas as alternativas a ela (B, C e D) vão no sentido de diminuir o

número de cultos em holandês, ou passá-los para o horário vespertino (opção B), menos prestigiado.

Responderam à enquete 222 pessoas, sendo 34 (15%) com mais de 60 anos, 54 (25%) entre 41 e 60 anos, 100 (45%) entre 21 e 40 anos e 34 (15%) com menos de 21. Cada membro escolheu duas opções, uma baseada na sua preferência pessoal, e a outra, chamada de 'escolha altruísta', baseada no que acharia mais conveniente para a comunidade, desconsiderando as suas preferências particulares. Os resultados estão apresentados na tabela abaixo, divididos por faixa etária (em porcentagens).

TABELA 2 – Resumo dos resultados da enquete sobre idioma nos cultos

Opção	Escolha pessoal (por faixa etária)					Escolha altruísta (por faixa etária)				
	> 60	41 -60	21 -40	< 21	total	> 60	41 -60	21 -40	< 21	total
A	57	40	43	14	41	44	22	35	35	33
B	17	23	20	25	21	18	26	19	21	21
C	14	22	22	32	22	12	24	26	24	23
D	11	15	15	29	16	26	28	20	21	23

A opção A, preservando a língua holandesa na metade dos cultos é a preferência pessoal da maior parte dos membros com mais de 21 anos. Na escolha altruísta, esta porcentagem diminui, embora ainda seja a mais alta. Entretanto, o Conselho, baseado no fato da maioria querer algum tipo de mudança (67% dos membros, na escolha altruísta, optaram por B, C ou D), optou por alterar a distribuição da língua nos cultos para um esquema semelhante à opção B, vigente durante o período final desta pesquisa. Os cultos matutinos são em português, e os vespertinos em holandês, exceto no primeiro domingo do mês, quando o culto matinal é bilíngüe, com duas pregações, e o vespertino em português. No terceiro domingo de cada mês são realizados, simultaneamente aos cultos no templo, um culto em holandês, pela manhã, no Lar Eben Haëzer, e um estudo bíblico em

português, à noite, no Shalom. Nas datas especiais, como Natal, Páscoa e Pentecostes, o culto matinal é também bilíngüe²⁶.

Batismo, Profissão de Fé e Casamento

Uma vez descritas as principais atividades, comissões e organizações da IER de Castrolanda, passo agora a descrever três rituais fundamentais da igreja e considerá-los em relação ao estabelecimento dos limites externos da comunidade e à formação, internamente, de diferentes grupos e categorias.

A Profissão de Fé é realizada pelos jovens batizados na igreja por volta dos 21 anos, após freqüentarem, por um período que varia de 6 a 8 anos, as aulas de Catecismo, como já mencionado. A cerimônia é realizada normalmente uma vez ao ano, durante um culto matinal ordinário, antes da saída das crianças para a Escola Dominical, e dela usualmente participam de 5 a 10 professandos, que freqüentaram durante o ano a última classe do Catecismo. Consiste na leitura, pelo pastor, de uma Fórmula e do compromisso, pelos professandos, em seguir os preceitos aprendidos no Catecismo. O pastor abençoa cada um com imposição de mãos, e a comunidade canta hinos apropriados para a ocasião. O ato da Profissão de Fé divide os membros da igreja em duas categorias. A primeira é composta pelos professos, que já passaram pelo ritual, e têm direito a todos os atos, sacramentos e cargos na igreja; a segunda reúne aqueles denominados não professos, que não são considerados membros plenos, sofrendo algumas restrições na sua participação na comunidade. Embora eles possam, quando adultos, receber a Santa Ceia (Eucaristia), não podem votar nas eleições para membros do Conselho e na escolha de novos pastores, não podem batizar seus filhos, a menos que o cônjuge seja um membro professo, nem tampouco podem ser eleitos para o Conselho.

O Batismo na IER ocorre normalmente nos primeiros meses da vida da criança. É uma cerimônia bastante simples, que acontece também durante um culto normal, freqüentemente antes da pregação. A família (normalmente os pais, irmãos e uma das avós ou tias da criança) entra na igreja junto com o Conselho e com o pastor, pela porta lateral. Durante o culto, ela permanece no primeiro banco, com a

²⁶ Desde o falecimento do Pastor Leonardo Los, único dos pastores a falar holandês, os cultos matutinos passaram a ser, provisoriamente, todos em português, e os vespertinos em holandês, feitos por pastores convidados de Carambeí e Arapoti, ou por presbíteros que lêem uma pregação extraída de revistas ou de sites evangélicos holandeses.

avó (ou a tia) segurando a criança em seu colo. No momento da cerimônia do Batismo, propriamente, o pastor faz a leitura da Fórmula, intercalada com orações e cânticos. Os pais, em pé, respondem perguntas comprometendo-se a educar a criança dentro dos preceitos da igreja e, finalmente, o pastor chama o casal à pia batismal. A avó (ou tia) entrega a criança a um do pais, eles se aproximam da pia e o pastor verte um pouco de água sobre a cabeça do bebê, diz o nome completo da criança, e a batiza em nome da Trindade. A comunidade participa cantando estrofes de hinos próprios para a ocasião, recitando o Credo Apostólico²⁷ e respondendo afirmativamente a uma questão da Fórmula do Batismo sobre a aceitação do novo membro e a responsabilidade com seu desenvolvimento nos princípios da igreja.

Como já mencionado acima, uma criança só pode ser batizada na IER quando um de seus pais é membro professo da igreja. No caso de apenas um deles o ser, é este que irá conduzir a criança à pia batismal no momento do ritual, e são os seus parentes (a mãe ou irmã) que irão permanecer com a família no primeiro banco. As perguntas feitas àquele entre os pais que não é membro professo são também um pouco diferentes, dando um sentido de colaboração e apoio na tarefa de educar a criança de acordo com os preceitos da fé cristã, compromisso assumido por seu cônjuge professo. A IER aceita o batismo das outras igrejas, no caso de admitir membros adultos, vindos de outras comunidades. Nenhum dos pastores entrevistados recordou-se de ter havido o batismo de um adulto.

Embora o culto de Casamento tenha praticamente a mesma estrutura do culto reformado regular, é o menos ordinário entre os três rituais descritos aqui. Quase nunca acontece num horário normal de culto, os noivos permanecem durante todo o culto em frente ao púlpito, não apenas no momento da cerimônia em si, são os noivos que escolhem o texto base para a pregação e os hinos que serão cantados e há uma entrada solene dos noivos, padrinhos e familiares, como normalmente acontece em outras igrejas, neste tipo de cerimônia. Entretanto, segundo alguns informantes, no caso de segundos casamentos, entre viúvos ou divorciados, é comum que a cerimônia ocorra no culto ordinário, no mesmo momento em que normalmente acontecem os batismos. A cerimônia é bastante semelhante à da igreja católica, com a leitura da Fórmula, juramento dos noivos, troca de alianças e benção

²⁷ O Credo Apostólico é uma fórmula litúrgica de declaração dos princípios da fé cristã.

matrimonial, com os noivos ajoelhados diante do pastor. O final do culto matrimonial, entretanto, difere bastante do casamento católico, havendo recolhimento de ofertas, como nos cultos ordinários, e a entrega, pelo presbítero do bairro de um dos noivos, de uma Bíblia, como um presente da comunidade à nova família que se constitui na cerimônia. Normalmente é o noivo quem recebe a Bíblia, entretanto, em dois casamentos que presenciei, nos quais o noivo era de fora, ela foi entregue à noiva.

Além destes três ritos, fundamentais para o estabelecimento das categorias de membros, como veremos adiante, realiza-se na IER de Castrolanda, cinco vezes ao ano a Santa Ceia – a celebração da Eucaristia. O rito acontece também durante um culto com a mesma ordem litúrgica dos cultos ordinários, porém com uma longa mesa posta no lugar dos primeiros bancos da igreja. Após a pregação, o pastor senta-se ao centro da mesa, lê a Fórmula para a ocasião e chama a comunidade à mesa, na qual cabem cerca de 40 pessoas. Várias “rodadas” (quatro ou cinco, nos cultos matinais) são feitas até que todos os presentes tenham participado.

À mesa, os fiéis primeiramente contribuem com a chamada ‘oferta da mesa’, depositada por todos, discretamente, em vasos metálicos disposto sobre a grande toalha branca. O pastor, ao centro, é auxiliado por dois presbíteros que se postam nas duas pontas da mesa. Primeiramente, distribui-se o pão, picado em pedacinhos em quatro pratos de metal que passam de mão em mão, do pastor (centro), até os presbíteros (pontas), que os recebem e devolvem ao pastor, repondo o pão, se necessário. Em seguida, ele distribui o vinho²⁸, que circula também em quatro cálices de prata, da mesma forma. Assim que todos à mesa tenham recebido pão e vinho a comunidade canta uma estrofe de um hino adequado à ocasião e o grupo deixa a mesa, sendo substituído por um outro, até que todos tenham participado da ceia.

A IER e a organização social de Castrolanda

Partindo dos dados descritos, é possível estabelecer um modelo da organização social da igreja. Em primeiro lugar, é evidente o papel preponderante do Conselho como centro do poder na IER, fato expresso de muitas maneiras no modo de encaminhamento dos ritos. No culto, a entrada e saída de seus membros é parte

do ritual, e é feita por uma porta exclusiva, diferente da dos demais membros. Embora seja o pastor quem ministre os ritos, é o Conselho da igreja quem dá a permissão para que ocorram. No caso do Batismo, os pais devem comunicar formalmente o Conselho, através do presbítero responsável pelo 'bairro' onde moram, que desejam batizar o recém-nascido. Uma semana antes, durante o culto o pastor, durante os 'avisos do Conselho', anuncia à comunidade que, no próximo domingo, conforme a solicitação dos pais, a criança será batizada. No caso do Casamento, os noivos devem procurar o presbítero do bairro onde um deles mora para solicitar que o Conselho examine o pedido e dê a permissão para que a cerimônia se realize. O Conselho se reúne e caso decidam positivamente, o que praticamente sempre acontece, anuncia, num dos cultos, a realização da cerimônia. Para a Profissão de Fé, após os anos de Catecismo, cada um dos alunos submetia-se a uma avaliação oral, numa reunião com um dos pastores e alguns presbíteros, onde respondia perguntas sobre os conteúdos do Catecismo e sobre questões de sua fé particular. Atualmente, esta prática caiu em desuso, substituída por uma conversa mais informal entre o pastor, um presbítero e o professando. Todas estas práticas e ritos expressam a soberania incontestável do poder do Conselho na comunidade.

A própria posição do pastor na IER merece uma análise mais detalhada. O seu poder para operar e dirigir os ritos provém do ato da Ordenação, que permite que realize os dois únicos Sacramentos da IER, o Batismo e a Santa Ceia²⁸, e que fale e abençoe em nome de Deus e da Trindade, legitimando os rituais que analisamos. O Conselho da igreja se apropria deste poder ao contratá-lo, e é isso que os ritos de entrada e saída do Conselho e do pastor nos cultos expressa. O pastor é praticamente conduzido ao púlpito pelo presbítero, que ao cumprimentá-lo em frente à comunidade, renova o pacto entre o poder divino adquirido pelo pastor ao ordenar-se, e o poder social do Conselho como condutor da vida comunitária. É

²⁸ Nos últimos anos o vinho foi substituído por suco de uva, em respeito a algumas pessoas da comunidade que se recuperaram de problemas com alcoolismo.

²⁹ Nas igrejas protestantes reformadas há somente estes dois sacramentos. O Casamento, a Profissão de Fé e a Ordenação de novos pastores, embora sejam ritos importantes, fazendo parte dos chamados 'Atos Pastorais', que só podem ser ministrados por um pastor ordenado, não são considerados sacramentos.

este pacto de poderes divino e social que permite que os rituais do Batismo, Profissão de Fé e Casamento estabeleçam categorias entre os membros da IER.

De acordo com um dos pastores da colônia, o casamento é praticamente o único motivo de ingresso de novos membros adultos na IER de Castrolanda, o que se confirma por observações em campo. O número de membros transferidos de outra igreja por qualquer outro motivo, ou de convertidos à fé reformada que se tornam membros em Castrolanda, é desprezível, não chegando a dez pessoas, num universo de mais de 700 membros. Disto se depreende que há apenas dois rituais através dos quais alguém passa a integrar a IER de Castrolanda: o Batismo para os ali nascidos, e o Casamento para aqueles que vêm de fora. Com exceção destes poucos casos de transferidos ou convertidos citados pelo pastor, não há quem frequente a igreja e que não tenha passado por algum destes rituais na própria IER. Se pensarmos agora que o Batismo e o Casamento só são concedidos a filhos ou cônjuges de professos, veremos que só passam a integrar a igreja indivíduos que se liguem por filiação, no caso do Batismo, ou por aliança, no caso do Casamento a alguém que já tenha feito a sua Profissão de Fé. Esta afirmação nos leva a algumas conclusões importantes. Primeiramente, o papel fundamental, sob o ponto de vista da organização social, desempenhado pelo rito da Profissão de Fé. Sendo condição necessária para a realização dos dois únicos rituais de acesso à comunidade, ela define os seus limites externos. Uma segunda conclusão notável é a importância capital que as relações de parentesco assumem na questão do pertencimento à igreja. Esta relação complexa entre igreja e parentesco será abordada de forma mais aprofundada no capítulo seguinte.

Neste ponto, poderíamos visualizar a IER de Castrolanda como uma estrutura de dois círculos concêntricos: o mais interno contendo os membros professos, o mais externo, os que ingressaram na igreja pela via do Batismo, ou pela via do Casamento, através de uma relação de parentesco (filiação e aliança, respectivamente) com alguém do primeiro círculo, mas que ainda não realizaram a sua Profissão de Fé.

Um próximo passo na análise seria a justaposição dos grupos diferenciados por estes três rituais, extraindo daí categorias de membros, de acordo com as combinações possíveis. Chegaríamos a 5 categorias: 1) os batizados, professos e casados; 2) os batizados, professos e não-casados; 3) os batizados, não-professos

e não-casados; 4) os não-batizados, professos e casados; e 5) os não-batizados, não-professos e casados³⁰. Duas combinações são impossíveis, ou muito raras: os não-batizados, não-casados e professos e os não-batizados, não-casados e não-professos. Elas não ocorrem, ou só ocorrem raramente, por serem o batismo ou o casamento os dois únicos meios de acesso à igreja. Portanto, não se verifica a ocorrência de membros não-batizados e não-casados, exceto por aqueles poucos membros transferidos já citados. Há uma última combinação, a dos batizados, não-professos e casados, que embora possível, raramente ocorre, por ser a Profissão de Fé costumeiramente obrigatória aos jovens batizados em Castrolanda.

De acordo com os dados descritos até aqui, podemos alinhar as cinco categorias de membros num continuum com três estágios, traçado imaginariamente de fora para dentro da igreja. O primeiro estágio, o mais externo, coincide com o círculo dos membros não professos, e nele estariam os somente batizados e os somente casados, ou seja, as crianças e jovens e aqueles que vêm de fora e ainda não passaram pela Profissão de Fé. No estágio mais interno estariam os batizados, professos e casados, grupo no qual se incluem os adultos nascidos em Castrolanda e ali casados, membros plenos da comunidade³¹. No estágio intermediário, mediando a oposição entre os membros professos plenos e os não-professos, estariam os somente batizados e professos e os somente casados e professos, ou seja, os castrolandeses adultos e solteiros e os não castrolandeses casados que, após os dois anos de Catecismo, optaram por se tornar professos. Dentro deste segundo estágio seria possível, ainda, afirmar que o grupo dos somente batizados e professos é mais interno do que o dos somente casados e professos, pois enquanto estes estão permanentemente posicionados no estágio intermediário, os primeiros podem ainda, pelo casamento, atingir o estágio mais interno do continuum.

As diferenças entre estas três categorias estariam expressas nos diferentes cargos e funções que as pessoas pertencentes a cada uma delas tradicionalmente ocupam. Embora a princípio todos os professos possam ser eleitos para o Conselho, todos os seus membros são pessoas batizadas e casadas em Castrolanda. Não há

³⁰ Me refiro aqui exclusivamente ao Batismo, Casamento e Profissão de Fé da IER de Castrolanda, e as definições de não-batizado, não casado e não-professo equivalem a não-batizado em Castrolanda, não-casado em Castrolanda e não-professo em Castrolanda.

³¹ Obviamente, este grupo inclui os imigrantes que, nascidos e batizados na Holanda, fundaram a IER Castrolanda.

nenhum presbítero solteiro e nem tampouco um que tenha entrado na igreja pelo Casamento. No atual Conselho, há uma exceção, pois a presbítera de jovens é batizada e professora, porém solteira. Esta exceção, entretanto, não invalida a análise, pois o presbítero de jovens não assume nenhum dos bairros, é escolhido normalmente entre os mais jovens, e normalmente não faz parte da Mesa do Conselho, ou seja, é hierarquicamente inferior aos demais presbíteros. O órgão máximo da comunidade só é plenamente acessível àqueles que estão no estágio mais interno do continuum que propus.

Os membros do segundo estágio, intermediário, desempenham funções nas diversas comissões e organizações que descrevi, porém sempre subordinados aos membros do Conselho, seja através do DEC, seja pela AASC, dirigidas invariavelmente por presbíteros ou pastores. Os grupos que, como vimos, não são coordenados diretamente pelo Conselho são de caráter mais recreativo e de pouco prestígio no todo da comunidade. Finalmente, os membros do primeiro estágio do continuum, mais externo, em geral não ocupam nenhuma função formal na organização da igreja.

Este grupo, formado pelos jovens e pelos cônjuges não professores dos castrolandeses, é uma preocupação constante entre os membros daquilo que denominei como estágio mais interno do continuum fora-dentro na igreja. Prova disto é a existência, no Conselho, de um presbítero de jovens, eleito especialmente para esta função. Outra prova é que na recente substituição de pastores, o critério máximo da comissão de escolha foi a habilidade no trato com os jovens. Em Castrolanda, os jovens ainda não casados estão em situação de liminaridade à medida que estão entre o “fora” e o “dentro”. Pertencem à comunidade, mas não estão no seu centro, pois lhes falta ainda um ritual na vida comunitária, o Casamento. Quando pensamos nas atividades do DEC (Clubs, JUCs e estudos bíblicos), vemos que o Casamento é alinhado com a idade, como critério na divisão dos grupos. A recente criação do JUCão, para os solteiros, atesta que, até então, não era prevista a existência de adultos que não casem, e os solteiros, independentemente da idade, dificilmente ascendem ao Conselho.

Ainda neste sentido, pode-se compreender, na enquete sobre a língua nos cultos, a grande variação entre a escolha particular e a escolha altruísta, entre os membros com mais de 41 anos. Apenas 11% dos membros com 60 anos ou mais, e

15% daqueles entre 41 e 60 anos optaram, na escolha pessoal, pela alternativa D, que privilegia a língua portuguesa, preservando apenas 2 cultos vespertinos em holandês. Entretanto, na escolha altruísta, estes números sobem para 26% e 28%, respectivamente. Ou seja, a preocupação com a participação dos mais jovens, muitos dos quais não falam mais o holandês, se sobrepõem às preferências particulares.

A festa dos 50 anos de Castrolanda

Uma vez traçado este modelo da organização social da IER de Castrolanda é necessário compreender como a igreja, em sua articulação com o parentesco, conforme já foi sugerido acima, engloba as outras esferas da vida social em Castrolanda, permitindo a afirmação de que é este conjunto relacionado, igreja e parentesco, que estabelece as fronteiras do grupo, e não a identidade étnica ou alguma outra instituição. Nos capítulos seguintes, as relações entre a igreja, o parentesco e a cooperativa serão descritas de forma mais detalhada, nos termos do conceito dumontiano de englobamento hierárquico (DUMONT, 1997, 2000a, 2000b). Entretanto, é possível aqui, através da descrição de alguns momentos das comemorações dos 50 anos da colônia, ocorridas em 2001, e de sua análise a partir da teoria da etnicidade e das fronteiras culturais, demonstrar que, no caso de Castrolanda, não é a identidade ou a fronteira cultural que produz o grupo, mas sim o grupo que produz os seus discursos identitários e suas fronteiras, a partir de uma lógica estabelecida pela organização interna da igreja.

Ou seja, a questão étnica, se tomada a partir do contexto nativo, aparece subordinada a outros fatos constitutivos, nos mesmos termos colocados por Viveiros de Castro para os estudos das sociedades indígenas:

“Finalmente, pode bem ser que o fato interétnico ‘presida’ a organização de um ‘grupo étnico’, (...) mas nem todo o grupo étnico é o tempo todo um grupo étnico e nenhum grupo étnico é apenas um grupo étnico. A redução dos multiformes e multi-situados coletivos indígenas à situação uniforme de ‘grupo étnico’, tornada *norma do objeto etnológico*, é uma das conseqüências de se tomar esse fato constitutivo particular, que é o fato interétnico, como sendo o fato constitutivo geral: a *razão*, em todos os sentidos da palavra, da existência social de tais coletivos” (VIVEIROS DE CASTRO, 1999, p. 121).

Em Castrolanda, uma análise realizada a partir das diferenças étnicas e identitárias entre holandeses e brasileiros conduziria inequivocamente à sobrevalorização de uma perspectiva externa ao grupo. Entretanto, é possível incluir a etnicidade entre outras questões, não a tomando como ponto de partida (“fato constitutivo”), nem tampouco como único fator de interesse em um estudo sobre uma colônia de imigrantes europeus (“norma do objeto”). As análises que compõem a segunda parte deste capítulo, procuram, partindo deste pressuposto, incluir a questão da identidade étnica num panorama mais geral da colônia Castrolanda.

A festa dos 50 anos de Castrolanda realizou-se entre os dias 25 de novembro e 02 de dezembro de 2001. Os preparativos para estes sete dias de atividades se iniciaram em agosto de 2000, segundo um dos membros da comissão organizadora, com as primeiras reuniões dos interessados em participar desta comissão. Em novembro de 2000 foi feita uma cerimônia discreta, na estação de trem, em Castro, com a presença dos imigrantes mais idosos, onde foi lançado o selo oficial das comemorações do jubileu de ouro. Nele consta o novo lema da cooperativa, criado por ocasião da festa: “Castrolanda, gente do passado e do presente trabalhando e acreditando no futuro.”

É difícil dar, em poucas palavras, uma idéia geral de uma festa tão longa, com um número e uma variedade tão grande de acontecimentos. Não pretendo aqui fazer uma descrição exaustiva desta semana inteira de celebrações, mas apenas destacar alguns eventos interessantes e significativos na compreensão do papel englobante da IER em Castrolanda. Destacarei o Culto de Ação de Graças (25/11), que abriu a semana, o Desfile Comemorativo (30/11) e o Show Popular e Pirotécnico (01/02).

O Culto de Ação de Graças não fugiu à estrutura ordinária dos cultos da IER, embora tenha apresentado algumas diferenças, como participação de corais convidados, e a decoração do templo, que considero significativa. Havia um arranjo simbólico, ao lado do púlpito, composto de um buquê com 50 rosas vermelhas e de ramos de trigo, com alguns deles quebrados. Junto a ele, havia o número “50” em letras douradas. Logo abaixo do buquê, estava posta uma carteira escolar antiga, que pertenceu à primeira escola organizada na colônia, e sobre ela, uma Bíblia

aberta em I Coríntios 13³². Também sobre a carteira havia um arranjo com flores amarelas e pardas. No chão, em frente à carteira, foi preparado um pequeno canteiro num caixote raso de madeira, com algumas ervas daninhas nativas da região de Castro. Ao lado deste canteiro, foram colocadas 6 pedras e sobre elas uma bacia dourada cheia d'água. Ao lado das pedras, havia um vaso com uma muda pequena de araucária. O arranjo foi preparado pela Comissão de Liturgia, que seria extinta pouco mais de um ano depois.

O pastor celebrante explicou longamente, no início da cerimônia, o significado de cada um dos elementos do arranjo. As rosas vermelhas representariam a gratidão a Deus pelos 50 anos de existência de Castrolanda. O dourado no número "50", a prosperidade e riqueza obtidas nestes anos. O trigo simbolizaria os frutos da terra, e os ramos quebrados as dificuldades enfrentadas, lembrando que muitos não conseguiram atingir a prosperidade e acabaram voltando à Holanda. O canteiro significaria a terra antes da chegada dos imigrantes, cheia de ervas daninhas. A carteira lembraria a necessidade de se aprender muito numa terra nova. A Bíblia seria a Palavra de Deus, aquilo que manteve a comunidade unida durante esses 50 anos. O arranjo com flores pardas e amarelas, com aquelas concentradas na parte inferior e estas na parte superior representaria a passagem de pobreza à prosperidade, porém com algumas flores pardas no alto, lembrando que há injustiças na distribuição de renda. As 6 pedras simbolizariam os 6 Trabalhos de Misericórdia³³ ensinados no evangelho, e a bacia com água o Batismo e a vida. A muda de araucária representaria também a vida, mas principalmente os jovens descendentes dos imigrantes, que hoje são nativos do Paraná, como a araucária.

Alguns detalhes na composição do arranjo e na sua explicação são reveladores da relação entre a teologia calvinista, os rituais religiosos e a organização social da colônia Castrolanda. Primeiramente, a imigração é interpretada no discurso religioso como uma missão. O texto escolhido para a pregação do dia foi Gênesis 12, onde é narrado o chamado que Deus faz a Abraão para que deixe a casa de sua família e parta em busca de uma terra prometida,

³² Este texto bíblico fala sobre o amor como o dom supremo, superior à fé e à esperança, e aponta poeticamente as características do verdadeiro amor cristão.

³³ "Porque tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era forasteiro e me hospedastes; estava nu e me vestistes; enfermo e me visitastes; preso e fostes ver-me. (BÍBLIA, N. T. Mateus, 25: 35-36)

fundando uma nação. A analogia entre o chamado a Abraão e o chamado aos imigrantes, que deixaram a Holanda para fundar a colônia, torna visível a idéia de missão contida no discurso sobre a imigração³⁴. A ênfase dada pelo pastor, ao explicar o arranjo, às ervas daninhas representando o campo a 50 anos atrás parece demonstrar que a missão dos imigrantes era tornar a terra produtiva, substituir as ervas daninhas por cereais e pasto para o gado. Não foi mencionado o tipo de produção agrícola e de ocupação da terra anterior à chegada deles. Da mesma forma, ao explicar a carteira escolar e a necessidade de aprendizado na obtenção de bons resultados agrícolas numa terra diferente, não houve nenhuma referência a quem ensinou aos estrangeiros técnicas eficientes no solo e no clima brasileiros. Certamente, a idéia de missão transparece nestas ausências e as explica.

Outra relação importante que emerge desta simbologia litúrgica é o sucesso econômico como correlato da benção divina. A gratidão representada pelas rosas vermelhas tem íntima relação com a prosperidade do dourado dos 50 anos. A comunidade se vê como um grupo próspero, embora reconheça que existam desigualdades, e esta prosperidade é apresentada como uma prova da benção de Deus sobre o grupo. É o resultado do trabalho duro (pedras) e da dedicação ao aprendizado (carteira), mas são a água do Batismo e a palavra de Deus aberta a razão última do sucesso.

O texto em que está aberta a Bíblia no centro do arranjo nos coloca diante de um último ponto a destacar. O amor cristão nos lembra a aproximação e coesão que a igreja proporciona ao grupo. Durante a pregação, o pastor falou sobre as três instituições formadoras de Castrolanda: a igreja, a escola e a cooperativa. A igreja foi apresentada como o alicerce, a base sobre a qual o grupo de assenta.

Através destes três pontos, é possível perceber como a teologia protestante e calvinista da IER de Castrolanda extravasa os domínios eclesiásticos e permeia as diversas atividades exercidas pelos membros da colônia. Segundo Weber, este extravasamento é uma das peculiaridades do calvinismo.

³⁴ É interessante contrapor esta idéia da atividade não religiosa vista como missão ao texto clássico de WEBER (2001), no qual apresenta a noção de 'ascetismo laico', ligado ao calvinismo. Nas narrativas locais, a motivação para a imigração não é explicada somente por uma razão econômica – as dificuldades vividas pelos agricultores holandeses no pós-guerra – mas também por um chamado de caráter religioso, missionário e ascético.

“O mundo existe para servir à glorificação de Deus, e só para este propósito. Os cristãos eleitos estão no mundo apenas para aumentar a glória de Deus, obedecendo Seus mandamentos com o melhor de suas forças. Deus, porém, requer realizações sociais dos cristãos, porque Ele quer que a vida social seja organizada conforme Seus mandamentos, de acordo com tais propósitos. A atividade social dos cristãos no mundo é apenas uma atividade *in majorem gloria Dei*. Este caráter é pois partilhado pelo trabalho dentro da vocação, que propicia a vida mundana da comunidade” (WEBER, 2001, p. 82).

O pertencimento à igreja é condicionante do pertencimento à comunidade. A imigração como missão, a prosperidade como benção e a igreja como organizadora da solidariedade social constituem, em relação ao universo exterior à colônia, uma forma de se estabelecerem fronteiras culturais (BARTH, 1998). Entretanto, as condições do acesso à igreja e a forma como os seus membros são organizados independem desta fronteira e a antecedem. Deste modo, afirmar que a IER, em sua conjugação com o parentesco, determina os limites da colônia, não significa considerá-la isoladamente, independentemente do contexto em que se acha inserida, mas apenas propor que o modo como ela determina uma fronteira cultural obedece uma lógica própria, calcada em seus rituais, nas relações de parentesco e nas articulações entre as diferentes instituições da colônia.

O Desfile Comemorativo (30/11) aconteceu na sexta-feira da semana de comemorações, chamada de Dia Oficial. Foi exatamente em 30 de novembro de 1951 que desembarcaram na estação ferroviária de Castro os primeiros imigrantes holandeses, fundadores da Colônia Castrolanda. As atividades deste dia começaram às 10.30h³⁵, no campo de futebol, especialmente preparado para as celebrações. Foram montados três palanques de um lado do campo. No do centro, ficavam as autoridades. À direita dele, os imigrantes, e à esquerda, os convidados da Holanda. O campo ficou livre para o desfile alegórico e no outro lado dele, de frente para os palanques, ficava o público. A solenidade iniciou com uma “hora cívica”, com uma longa nominação de todas as autoridades presentes³⁶ no palanque oficial, leitura de

³⁵ O horário previsto para o início das celebrações era 9.30h, mas devido ao atraso do Governador Jaime Lerner, o programa só se iniciou uma hora depois. O fato causou grande irritação entre os castrolandeses com quem conversei.

³⁶ O número e a variedade de autoridades era enorme. Entre os ‘brasileiros’, deputados federais e estaduais, o governador do estado, prefeitos da região, vereadores, chefe do corpo de bombeiros, promotores, juizes, representantes do ministério da agricultura e o presidente da EMATER do Paraná.

cartas e telegramas enviados por autoridades não presentes³⁷ e alguns discursos. Após esta hora cívica, o grupo folclórico holandês de Castrolanda, que recepcionava as autoridades, apresentou duas danças típicas holandesas. Após as danças, sob uma bateria de fogos, iniciou-se o Desfile Comemorativo.

Primeiramente, veio a fanfarra da Escola Evangélica, tocando um tema folclórico holandês que fala sobre saudade da pátria. Acompanhando a fanfarra, vinha um grupo de pessoas com mais de 50 anos, imigrantes portanto, a maioria chegada ao Brasil ainda criança. Vestiam roupas antigas, traziam malas e baús e acenavam para o público com lenços vermelhos, brancos e azuis, as cores da bandeira holandesa, se despedindo e chorando. Os narradores falavam, em português e holandês, sobre as tristezas da despedida e as dificuldades da viagem, que durou mais de um mês.

Juntamente com os imigrantes, entram dez adolescentes vestindo fantasias de marinheiro e navios com bandeiras holandesas e brasileiras. Não têm nenhum adereço na cabeça e vêm com o rosto descoberto. Nós pés, uma espuma imitando os tradicionais tamancos de madeira recobrem os sapatos. São de um colégio estadual em Castro, que aceitou o convite da comissão organizadora do desfile e cedeu alunos, uma vez que não havia em Castrolanda um número suficiente de pessoas dispostas a participar do desfile.

Os narradores contam que na chegada ao Brasil, os imigrantes foram recebidos por autoridades e, conhecendo a alegria do povo brasileiro, se encheram de esperanças. Começa a tocar “Aquarela do Brasil” e entram duas adolescentes de Castrolanda e duas de Castro com fantasias de carnaval, sambando, representando o Brasil. Logo após as meninas, dois rapazes, também adolescentes da colônia, entram vestidos de tropeiros, trazendo bandeiras de Castro e do Paraná. Os narradores explicam que Castro foi fundada pelos tropeiros que levavam gado do Rio Grande do Sul a São Paulo. Os dois rapazes, em contraste com as meninas vêm muito sérios e não dançam.

Entre os “holandeses”, o embaixador e a embaixatriz da Holanda no Brasil, o cônsul-geral da Holanda no Brasil, o cônsul da Holanda no Paraná e o secretário da embaixada holandesa. De Castrolanda, apenas duas pessoas: o presidente da cooperativa, e o presidente da associação de moradores. Interessantíssima a ausência de pastores. Nenhum dos três trabalhando na IER nesta época foi convidado ao palanque.

Sempre ao som da “Aquarela do Brasil”, os narradores explicam que, uma vez instalados, os castrolandeses se dedicaram ao cuidado do gado leiteiro, trazido por eles da Holanda, à suinocultura e à avicultura, e ao cultivo de milho e de soja, principalmente. Entra um rapaz com roupas típicas holandesas, puxando uma réplica de uma vaca leiteira com uma faixa na qual se lê: “Campeã Jovem”. Ele vem acompanhado de um grupo de cerca de 15 mulheres adultas, fantasiadas de vacas, sambando. Vêm com o rosto completamente coberto por uma máscara de espuma, macacão branco com manchas pretas, como as vacas holandesas, e sapatos cobertos pelo mesmo tamanco de espuma já descrito. É praticamente impossível identificar quem está debaixo da fantasia, e esta passa a ser uma das diversões do público. Uma das organizadoras me afirmou que não mostrar o rosto foi condição que muitos impuseram para participar. Enquanto as vaquinhas desfilam, os narradores dão números referentes à enorme produção leiteira da Cooperativa Castrolanda.

Após as vacas, um grupo de cerca de 20 frangos passa a desfilar. São homens e mulheres adultos. Assim como as vacas, eles também não mostram seus rostos. Alguns trazem escondido na fantasia um grande ovo de espuma, que engenhosamente, botam no meio do desfile e jogam para o público, sob efusivos aplausos.

Entra então um grupo de crianças, representando a soja. Os narradores divulgam mais uma série de números sobre a produção de cereais em Castrolanda. As crianças são da colônia, e vêm com o rosto descoberto, para alívio do grande número de pais com câmeras fotográficas. Logo atrás delas, vêm crianças e adolescentes de Castro, também sem máscara, representando a produção de milho.

Encerrando a apresentação dos produtos agropecuários, vem mais um grupo de adultos, com máscaras representando os suínos. Suas roupas são laranja, a cor representativa da Holanda³⁸. Calçam o mesmo modelo de tamanco de espuma.

Inicia-se, então, o momento do desfile em que são apresentadas as tradições holandesas preservadas em Castrolanda. O grupo folclórico desfila, e no centro do

³⁷ Destacam-se o telegrama do Presidente Fernando Henrique Cardoso e da Rainha dos Países Baixos.

³⁸ Embora as cores da bandeira holandesa sejam o branco, o azul e o vermelho, a cor nacional é o laranja, em referência ao sobrenome da família real: *Oranje*.

campo apresenta mais uma dança. Os narradores contam a história do grupo, e falam sobre sua importância no cultivo das tradições. Após o grupo, as crianças que estão no primeiro ano da Escola Holandesa entraram no campo de bicicleta, uma tradição holandesa bastante presente na colônia, e apresentaram uma pequena dança, representando 4 festas típicas holandesas celebradas em Castrolanda. A primeira representava o *Avondvierdaagse*, uma caminhada comunitária que se realiza por 4 dias consecutivos em toda a Holanda, em percursos pré-determinados. Quem completa o percurso recebe uma pequena medalha fornecida pela União Holandesa da Caminhada Esportiva. A segunda representava a festa de aniversário da rainha, realizada sempre no dia 30 de abril. A terceira lembrava a festa de *Sint Maarten*, semelhante ao “Halloween” norte-americano, quando as crianças munidas de lanternas especiais batem de casa em casa pedindo doces. Finalmente, a última dança lembrava a festa de *Sinterklaas*, realizada no início de dezembro. *Sinterklaas*, uma espécie de Papai Noel, vem da Espanha acompanhado de seus ajudantes, os *Zwartepieten*, pintados de preto. Distribuem presentes e *Pepernoten*, um biscoito feito de especiarias. Geralmente, as crianças em Castrolanda não recebem presentes no Natal, apenas no dia de *Sinterklaas*.

O último momento do desfile é a entrada de dois grandes bonecos manipuláveis de tecido, um verde e um laranja, representando, segundo os narradores, o encontro das culturas brasileira e holandesa ocorrido em Castrolanda. Os bonecos desfilam juntos e simulam um abraço. Uma nova bateria de fogos encerra o desfile.

Três temas desfilaram naquele dia: a viagem de imigração, os produtos da cooperativa e as tradições holandesas. A viagem é uma espécie de mito de origem do castrolandês, criando um novo holandês, o imigrante. Isto está claro na analogia feita no Culto de Ação de Graças entre a imigração e o chamado de Abraão. Ele deveria viajar e constituir uma nação, um povo diferente. Da mesma forma, os pais e avós dos atuais castrolandeses viajaram e construíram um novo povo, um novo lugar, ou seja, uma nova identidade.

As tradições holandesas, presença constante em todos os momentos e lugares da festa, muito além do desfile, dão uma linguagem e um conteúdo étnicos à identidade castrolandesa. Apresentando a identidade ao outro, o de fora, numa linguagem étnica, necessita buscar no outro indícios desta mesma linguagem. É

interessante mencionar que nenhum dos holandeses que visitavam a colônia nestes dias e que entrevistei conheciam as danças folclóricas holandesas, apresentadas pelo grupo de Castrolanda. Da mesma forma, quase todas as referências ao Brasil no Desfile Comemorativo falavam de samba e carnaval, uma tradição no mínimo distante da realidade rural de uma pequena cidade do interior do Paraná.

Além da viagem e das tradições, no centro do desfile, cobrindo o rosto das pessoas, estavam os produtos da cooperativa. Sua presença demonstra e confirma a natureza relacional das fronteiras culturais (CUCHE, 1999). Perante autoridades governamentais, a face que se mostra é a da produção, da modernização, da abertura ao mercado. O discurso identitário não quer isolar Castrolanda do sistema de trocas capitalistas que a envolve, porém preparar para ela um lugar neste sistema. Ao elaborar um desfile para “mostrar seu rosto”, apresenta produtos como máscaras que escondem aqueles que produzem. Somente crianças e idosos desfilaram com seus rostos descobertos. A população economicamente ativa da colônia veio coberta pelo resultado do seu trabalho.

A igreja foi a grande ausência nessa solenidade. Enquanto a escola se mostrava no rosto das crianças, e a cooperativa escondia o rosto dos adultos, a igreja sequer foi convidada para o palanque oficial. O desfile mostrava a face moderna da colônia, suas altas tecnologias da produção agrícola, que obtêm incríveis resultados, bate recordes de produtividade. No contexto do desfile, a igreja não era uma face a ser mostrada para quem olhava Castrolanda de fora. Ela está voltada para dentro, é o lugar dos princípios e das categorias que organizam e determinam a vida social da colônia.

O Show Popular e Pirotécnico (01/02) foi o penúltimo evento na programação das festividades, sucedido apenas pelo culto de encerramento da semana, no domingo seguinte. Aconteceu no Parque Lacustre, no centro de Castro, a cerca de 7 Km do centro da colônia. O evento foi realizado em conjunto com a maior rádio local, e com patrocínios diversos. O locutor da rádio anunciava, sobre um palco com boa estrutura, as diversas atrações, típicas em uma festa popular de uma cidade pequena: bandas de garagem, apresentação de alunos de escolas de dança da cidade, sorteio de bonés e camisetas. Ao lado do palco, projeções de datashow sobre um telão anunciavam os patrocinadores. A visualização era difícil, pois o telão

era apenas um pedaço de pano branco, com várias costuras no meio, estendido sobre uma estrutura de outdoor menor do que ele. As fontes e ilustrações dos slides eram pequenas demais para serem lidas à distância.

O locutor repetia constantemente que aquela festa era uma promoção da sua rádio junto com a Cooperativa Castrolanda, que comemorava 50 anos. Não havia nenhum cartaz, faixa ou banner da cooperativa, apenas um slide junto com os de outros patrocinadores.

Entre as cerca de trezentas pessoas que assistiam à programação, consegui localizar apenas oito de Castrolanda. Mais tarde, no horário previsto para o show pirotécnico, notei vários castrolandeses em carros estacionados nas ruas próximas ao parque, esperando a queima de fogos.

As atrações principais da noite eram a Banda New York, que tocara na véspera na *Schuurfeest*, o baile realizado num dos galpões da cooperativa, e o show pirotécnico. O programa todo atrasou cerca de 2 horas e meia, e muitas pessoas de Castrolanda voltaram para casa antes dos fogos. O contraste entre a organização, cuidado, beleza e qualidade de praticamente todos os eventos da semana e a precariedade e pobreza do programa no Parque Lacustre eram gritantes.

Um dos membros mais atuantes da comissão que organizou as festividades, quando questionado sobre o porquê do show pirotécnico que encerrou a festa ter sido realizado em Castro, não em Castrolanda, respondeu-me que a intenção era comemorar junto com as pessoas da cidade. Quando eu perguntei por que as pessoas da cidade não vinham até Castrolanda, o que aparentemente era mais óbvio, ele me respondeu que esta hipótese foi considerada pela comissão, mas descartada, pois “as pessoas de Castro sujam demais a colônia”.

O uso desta retórica da poluição e da sujeira remete ao trabalho de DOUGLAS (1976), que postula a necessidade da estrutura social em impor proibições e restrições àquilo que, de fora, a ameaça. A estrutura aqui é compreendida como um princípio organizador, uma limitação dos materiais ilimitados fornecidos pelo caos que está além da estrutura. Daí o poder “poluidor” da desordem: ela é a fonte dos materiais ordenados pelo princípio organizador da estrutura. Por isso as proibições e restrições, os cuidados com os perigos que a sujeira representa. Trata-se, aqui, de algo semelhante aos cuidados a que estão

submetidos os jovens de Castrolanda, seu círculo mais externo e liminar, já citados anteriormente.

Através da análise destes três eventos, fica claro que, no caso de Castrolanda, propor uma análise antropológica a partir das fronteiras culturais e da etnicidade acabaria por revelar uma visão externa ao grupo, variável de acordo com o contexto relacional em questão e calcada seja em aspectos substantivos conscientes, seja nos conteúdos culturais do discurso nativo. Ao enfocar a organização social, as categorias originadas na IER e a relação entre a igreja e outras esferas da vida social, é possível compreender a sociedade castrolandesa a partir de seu interior e das relações que engendram as práticas sociais que a determinam como distinta do contexto que a envolve. Neste sentido, a articulação entre a religião e o parentesco, abordada no próximo capítulo, desempenha um papel fundamental.

III. PARENTESCO E RELIGIÃO

“Que haja um entrosamento maior entre holandeses e brasileiros.”

“Espero que Castrolanda seja no futuro uma colônia de brasileiros e holandeses e que todos possam ser irmãos na fé em Cristo.”

“Desejo que Castrolanda continue existindo, sempre unida, como um refúgio para as pessoas que têm algum laço com ela.”

Neste capítulo, composto de duas partes, apresento alguns dados acerca das relações de parentesco em Castrolanda e analiso aspectos da articulação entre as esferas do parentesco e da religião, através da descrição de uma cerimônia fúnebre presenciada na colônia. Na primeira parte, procuro estabelecer um quadro sistemático das relações familiares, descrevendo alguns de seus aspectos mais salientes, como a divisão das famílias em quatro gerações, os critérios para esta divisão e a forma dos casamentos e alianças em cada uma delas. Na segunda parte, procuro compreender a relação entre o parentesco e a religião, através de uma análise dos ritos fúnebres em Castrolanda, apoiada em considerações teóricas gestadas no domínio dos estudos dos povos ameríndios, acerca das possibilidades de abordagem da dicotomia entre esfera pública e esfera doméstica.

As relações de parentesco em Castrolanda

O movimento de emigração que deu origem à colônia holandesa em Castro teve algumas características notáveis e de consequências duradouras na organização social da colônia. Promovido por duas entidades não governamentais cristãs – a *Christelijk Emigratie Centrale* (Central Cristã de Emigração) e a *Christelijk Boeren en Tuinders Bond* (Associação Cristã de Granjeiros e Horticultores) – este movimento pôde se organizar, já na Holanda, em uma cooperativa provisória, a *Cooperativa para Emigração em Grupo para o Brasil*, através da qual extensas negociações com os governos brasileiro e holandês foram realizadas³⁹. Cerca de cinquenta famílias com intenção de emigrar integraram esta cooperativa, e freqüentaram as reuniões promovidas inicialmente pelo Sr. Kaemingk, diretor da “Escola Cristã de Agricultura” em *Hoogeveen*, no norte da Holanda.

Cada uma destas famílias era formada pelos futuros proprietários de um lote das terras adquiridas pelo governo brasileiro e financiadas à cooperativa, constituindo uma ‘família pioneira’⁴⁰, conforme a classificação local. Das quarenta e quatro ‘famílias pioneiras’ que apurei⁴¹, trinta e nove eram compostas por um casal e seus filhos solteiros, três por homens solteiros, uma por um viúvo e seus filhos solteiros e uma por uma viúva e seus filhos solteiros⁴². Cada uma constitui uma unidade distinta, a despeito das relações e do parentesco entre elas. Assim, Rieks Salomons e Henk Salomons, por exemplo, são irmãos e imigraram juntos, entretanto constituem cada um com suas esposas e filhos uma ‘família pioneira’ distinta, pois eram ambos casados no momento da imigração e possuíam cada um o seu próprio lote. Do mesmo modo, há três ‘famílias pioneiras’ de sobrenome Groenwold: a de Teunis Groenwold, que imigrou viúvo com seus filhos, dois dos quais sendo casados e possuindo lotes próprios, e aquelas destes dois filhos (Jan Herman e Douwe) e suas esposas e filhos.

A chegada destas quarenta e quatro famílias ao Brasil se deu em seis grupos, entre novembro de 1951 e março de 1954, em viagens organizadas pela *Cooperativa para Emigração em Grupo para o Brasil*⁴³. No primeiro navio, viajaram as famílias de *Jager, Leffers, Pot* e *Dijkstra* (estas duas últimas sem descendentes em Castrolanda). No segundo navio, que chegou ao Brasil em agosto de 1952, vieram as ‘famílias pioneiras’ *T. Groenwold, J. H. Groenwold, D. Groenwold, R. Salomons, H. Salomons, Moorlag, M. E. Borg, e J. Wolters*.

O terceiro grupo, desembarcado em fevereiro de 1953, era composto por *E. M. Borg, Kassies, Jan van der Vinne, Bouwman, Noordegraaf, Deen, Strijker, F. Wolters, Pals* e *A. L. Wolters*. Em abril de 1953 chegou o quarto navio com as

³⁹ Os detalhes das negociações acerca da exportação de bens de capital e a obtenção de crédito favorável para a aquisição de terras e implementos estão descritos no texto da palestra proferida pelo Sr. Rieks Salomons por ocasião dos 30 anos da colônia (In: KIERS-POT, 2001, p. 252-261).

⁴⁰ Com exceção das famílias M. E. Borg e Morsink, que tinham apenas os lotes residenciais no centro e eram respectivamente o mecânico e o padeiro da colônia.

⁴¹ Para o levantamento destas primeiras ‘famílias pioneiras’, baseei-me no livro da Sr^a. Kiers (KIERS-POT, 2001, p. 18-89) e em depoimentos de imigrantes mais idosos. Como algumas das famílias retomaram à Holanda ainda nos primeiros anos do estabelecimento da colônia, é difícil reconstituir com exatidão os dados acerca deste período. O levantamento exaustivo das fontes que confirmem estes dados é tarefa para um estudo histórico, e ultrapassa os objetivos deste trabalho.

⁴² Note-se que debaixo do termo ‘família pioneira’, na categorização local, incluem-se também homens solteiros.

⁴³ Estão listadas aqui apenas 40, pois não consegui apurar a data exata da chegada das famílias *Vos* e *Veenstra*, retomadas à Holanda logo nos primeiros anos da colônia.

famílias *R. Rabbers*, *L. Rabbers*, *van Arragon*, *van der Scheer*, *Jitse van der Vinne*, *van de Beld*, *Bouwsema* e *Boessenkol*. O penúltimo navio chegou em novembro de 1953 e nele vieram as famílias *de Boer*, *Loman*, *Morsink* (esposa e filhos mais novos vieram no último navio), *Kiers* e *Nienhuis* (esta última sem descendentes em Castrolanda). Finalmente, em março de 1954, chegaram as famílias *Barkema*, *Mulder*, *Greidanus*, *Katerberg* e *Fokkema*.

TABELA 3 – 'Famílias pioneira' por data de chegada de cada navio.

DATA DE CHEGADA DO NAVIO	FAMÍLIA PIONEIRA	
Novembro de 1951	de Jager Leffers	Pot Dijkstra
Agosto de 1952	T. Groenwold J. H. Groenwold D. Groenwold R. Salomons	H. Salomons Moorlag M. E. Borg J. Wolters
Fevereiro de 1953	E. M. Borg Kassies Jan van der Vinne Bouwman Noordegraaf	Deen Strijker F. Wolters Pals A. L. Wolters
Abril de 1953	R. Rabbers L. Rabbers van Arragon van der Scheer	Jitse van der Vinne van de Beld Bouwsema Boessenkol
Novembro de 1953	de Boer Loman Morsink	Kiers Nienhuis
Março de 1954	Barkema Mulder Greidanus	Katerberg Fokkema
1954 a 1959	Keegstra van Lonkuijzen	Epema Petter

A este grupo associado já na Holanda, juntaram-se outros imigrantes de origem holandesa que foram aos poucos se incorporando ao grupo original. Alguns deles, chegados pouco tempo após o sexto grupo, são também incluídos entre as 'famílias pioneiras': *Keegstra* (1954), *Epema* (1954), *van Lonkhuijzen* (1957) e *Petter* (1959)⁴⁴. Além destas, há mais dez famílias de imigração mais tardia ainda representadas em Castrolanda: *Treur*, *Haasjes*, *van Nienhuys*, *Hana*, *Withaar*, *van de Riet*, *van Santen*, *van Nouhuys*, *te Vaanwerk* e *Zegwaard*. Entre estas, apenas quatro (*Haasjes*, *van Santen*, *van Nienhuys* e *Zegwaard*) não estão ligadas por parentesco a alguma das quarenta e duas 'famílias pioneiras'.

As relações de germanidade, filiação ou aliança ligando membros de distintas 'famílias pioneiras' são abundantes. Das quarenta e seis famílias apontadas acima (as quarenta e duas pertencentes à *Cooperativa para Emigração em Grupo para o Brasil*, acrescidas das quatro chegadas até 1959), dezenove estão ligadas por relações de parentesco próximo, que podem ser explicitadas conforme os quatro diagramas abaixo.

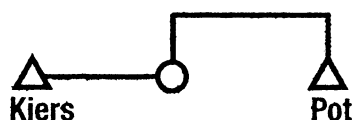


Diagrama 1 – famílias Kiers e Pot.

O primeiro une as 'famílias pioneiras' Kiers e Pot (a Sr^a Kiers era irmã do Sr. Pot).

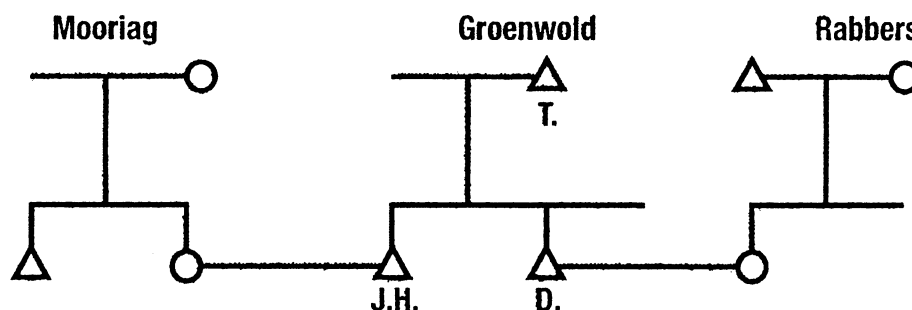


Diagrama 2 – famílias Moorlag, Groenwold e Rabbers

⁴⁴ Parece não haver unanimidade na inclusão da família *Petter* entre as 'famílias pioneiras'. As opiniões de alguns informantes variaram acerca disso.

O segundo grupo une as seis 'famílias pioneiras' com sobrenome Groenwold, Rabbers e Moorlag (J. H. Groenwold, filho de T. Groenwold e irmão de D. Groenwold, é casado com uma filha da viúva Moorlag, enquanto seu irmão D. é casado com uma filha de R. Rabbers, irmã portanto, de L. Rabbers).

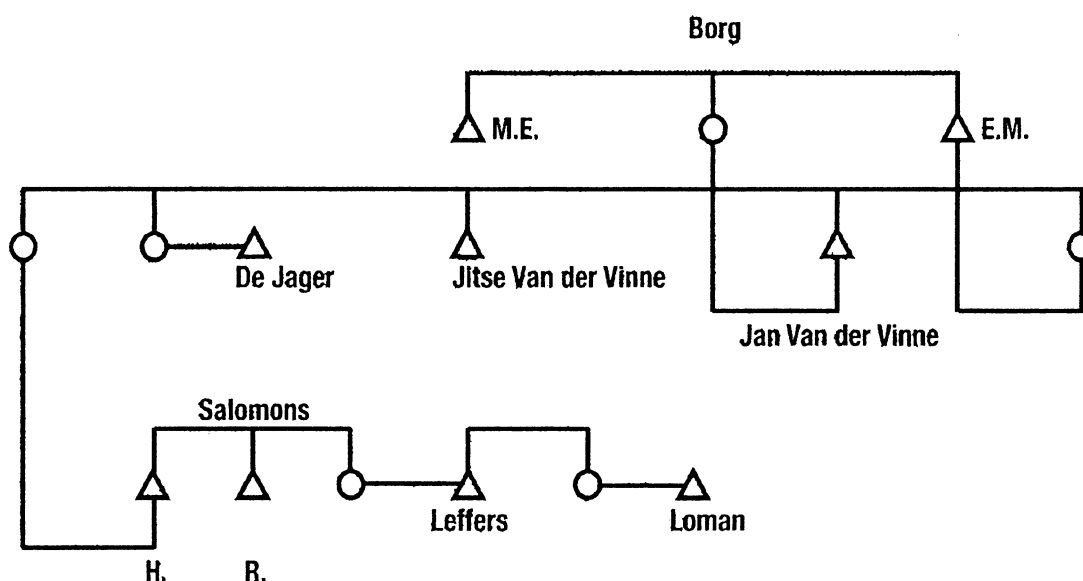


Diagrama 3 – famílias Borg, van der Vinne, de Jager, Salomons, Leffers e Loman

O terceiro, mais numeroso une as nove 'famílias' pioneiras Borg, Salomons, van der Vinne, de Jager, Leffers e Loman (A Sr^a Loman era irmã do Sr. Leffers. A Sr^a Leffers era irmã dos dois irmãos Salomons. R. Salomons, J. de Jager e E. M. Borg eram casados com as três irmãs dos van der Vinne. Finalmente, a esposa de Jan van der Vinne era irmã dos Borg).

O último une a família Fokkema à família Keegstra (Sr^a Fokkema era irmã do Sr. Keegstra). As outras vinte e sete 'famílias pioneiras' vieram isoladas, ou ligadas por parentesco mais distante.

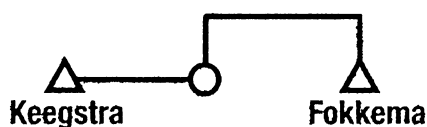


Diagrama 4 – famílias Keegstra e Fokkema

Essa categoria local – a 'família pioneira' – possibilita introduzir a questão da classificação em gerações, compreendendo a diferenciação entre a primeira e a segunda geração de imigrantes. À primeira geração pertencem os casais ou solteiros/viúvos chefes de cada uma das quarenta e seis 'famílias pioneiras',

chamados em Castrolanda de 'pioneiros'. No caso da família Groenwold, por exemplo, tanto Teunis quanto seus filhos casados são incluídos na primeira geração, embora pertençam a gerações diferentes (pai e filhos). Há, assim, cinco pioneiros na família Groenwold: o viúvo Teunis, seus dois filhos casados e as esposas destes. Do mesmo modo, as filhas e filhos solteiros de Teunis são considerados de segunda geração, embora sejam irmãos de Jan Herman e Douwe, que são de primeira geração. Um outro exemplo pode elucidar melhor esta classificação. Jacob Wolters imigrou para o Brasil solteiro, possuindo seu próprio lote, pertencendo portanto à primeira geração de imigrantes. Era, na época, noivo de Ida Moorlag, que imigrou com sua mãe viúva e seu irmão. Como sua mãe era a chefe da família, Ida é considerada membro da segunda geração. Caso Jacob e Ida tivessem se casado na Holanda, Ida pertenceria à primeira geração.

Esclarecido o critério para o estabelecimento da primeira geração, as gerações subseqüentes são compostas pelos filhos dos indivíduos da geração imediatamente superior. Assim, os filhos dos 'pioneiros' integram a segunda geração, independentemente de terem nascido no Brasil ou na Holanda, os filhos deles a terceira, e os netos, a quarta. Esta divisão em gerações tem certamente um rendimento sociológico que extrapola os limites do parentesco, entretanto de forma não muito rígida. Fora do domínio das relações familiares, a solidariedade entre estes grupos é descrita muito mais em termos de faixas etárias do que de grupos geracionais. Há quatro grupos etários que coincidem mais ou menos com as gerações. Assim, há o grupo dos 'pioneiros', que são precisamente os membros da primeira geração, o dos 'velhos', que já têm netos, e coincidem aproximadamente com a segunda geração, o grupo dos 'casais jovens', que corresponde de forma aproximada à terceira geração e os jovens e crianças, quase todos da quarta geração. Entretanto, entre os indivíduos mais jovens de uma geração e os mais velhos da geração imediatamente abaixo daquela não há grande distinção, e as divisões são bastante fluidas.

Das quarenta e seis 'famílias pioneiras', quarenta ainda têm descendentes (ou os próprios imigrantes) em Castrolanda. Algumas deixaram a colônia, retornando à Holanda ou se estabelecendo em outras localidades. Outras desapareceram com o falecimento de todos os seus membros. No momento da realização desta pesquisa,

havia ainda onze indivíduos da primeira geração vivos, todos com idade bastante avançada.

A segunda geração compreende todos os filhos dos pioneiros, nascidos na Holanda e imigrados solteiros com seus pais ou nascidos já no Brasil. Os indivíduos de segunda geração das quarenta 'famílias pioneiras' que ainda têm descendentes na colônia totalizam 226 pessoas. Destes, 125 permaneceram em Castrolanda (23 já falecidos quando da realização da pesquisa), 46 voltaram para a Holanda, 29 mudaram-se para as outras colônias holandesas do Paraná (19 para Arapoti e 10 para Carambeí) e 26 para outros locais.

Entre os 125 indivíduos da segunda geração que permaneceram em Castrolanda, 9 ficaram solteiros, sendo 6 atingindo a maturidade nesta condição e 3 falecidos antes de atingirem idade suficiente para o casamento. Dos 116 casados, 81 casaram com membros da própria geração (ou com pessoas pertencentes a uma das 9 famílias posteriores aos pioneiros), 6 casaram com castrolandeses de outra geração (3 com pessoas da primeira geração, 3 com membros da terceira geração). Finalmente, 29 membros da segunda geração que permaneceram em Castrolanda se casaram com pessoas de fora da colônia, sendo 9 de Carambeí, 3 de Arapoti, 2 da Holanda e 15 'brasileiros'. Entre aqueles que deixaram Castrolanda, é difícil fazer um levantamento dos casamentos. Consegui apenas apurar 16 uniões ocorridas entre este grupo, antes da saída da colônia, ou seja, 32 pessoas da segunda geração que deixaram Castrolanda casaram entre si. Outro dado notável sobre os casamentos na segunda geração é a expressiva frequência de uniões entre dois pares de germanos (cônjuge de ego é um germano do cônjuge do germano de ego). 32 indivíduos casaram-se deste modo unindo 8 pares de germanos (em quatro ZH é WB para ego masculino e em quatro BW é WZ para ego masculino). Há, ainda, dois casos de casamentos entre primos, o primeiro com MZD e o segundo com MBD (ego masculino).

Sobre a terceira e a quarta gerações é bastante difícil levantar dados exaustivos e exatos, uma vez que o número de indivíduos é muito maior e sua mobilidade muito mais intensa. É possível aqui apenas apontar algumas tendências mais gerais, baseadas nos dados apurados dentro dos limites deste trabalho. A terceira geração, composta pelos filhos daqueles 125 membros da segunda geração que permaneceram em Castrolanda, compreende a maior parte dos casais jovens

da colônia. Como, por definição, todos os membros da segunda geração se casaram no Brasil (pois aqueles casados já na Holanda eram de primeira geração), os membros da terceira geração são todos nascidos no Brasil, de pais aqui casados. O primeiro casamento celebrado na colônia foi o de Harm Rabbers e Antje Loman, em maio de 1954, de onde se conclui que todos os membros da terceira geração tinham, no momento da pesquisa, menos de 50 anos. Portanto, a quarta geração é composta em sua maioria por crianças, e não há ainda nenhum casamento entre seus membros (embora uma criança de quinta geração já tenha nascido).

A partir do 'Guia da Comunidade' (IER CASTROLANDA, 2002), no qual estão listados todos os membros da igreja, foi possível levantar cerca de duzentos nomes de terceira geração, entre casados, solteiros e crianças, estabelecidos em Castrolanda. Entretanto, uma parte considerável dos indivíduos da terceira geração vive fora da colônia e, embora seja difícil realizar uma contagem exaustiva, é provável que a porcentagem de membros desta geração que saíram de Castrolanda seja tão elevada quanto na segunda geração, ou seja, entre 40% e 50%.

Foi possível fazer um levantamento de 84 casamentos na segunda geração, a maior parte deles de indivíduos que vivem na colônia. Entre estes, 19 se realizaram entre castrolandeses, 53 entre um castrolandês e um cônjuge 'brasileiro' (34 de homens castrolandeses com mulheres 'brasileiras' e 19 de mulheres castrolandesas com homens 'brasileiros'), 7 se deram com pessoas de Carambeí (6 de homens castrolandeses com mulheres de Carambeí e 1 de uma mulher castrolandesa com um homem de Carambeí) e 5 com holandeses (2 de homens castrolandeses com mulheres da Holanda e 3 de mulheres castrolandesas com homens holandeses).

Estes números apontam para algumas características notáveis da segunda e da terceira geração. Em primeiro lugar, o elevado número de pessoas que deixaram a colônia, imigrando para outras localidades (aproximadamente 45% para a segunda geração). As causas às quais os castrolandeses atribuem esta "diáspora" são, principalmente, duas. Em primeiro lugar, a escassez de terras próximas à colônia, que teria levado muitos dos filhos das numerosas famílias imigrantes a procurarem outras localidades para se estabelecerem. Este é, certamente, o caso da maior parte dos 29 indivíduos de segunda geração vivendo em Carambeí e Arapotí, cuja organização econômica é semelhante à de Castrolanda, baseada na produção agropecuária e no cooperativismo, além de parte dos 26 indivíduos que se

estabeleceram em outras localidades⁴⁵. Em segundo lugar, uma certa inadequação com o estilo de vida castrolandês é reputada como motivo para a opção por deixar a colônia. Esta inadequação é descrita geralmente em termos profissionais, familiares ou religiosos.

Como já foi descrito no primeiro capítulo, praticamente todos os castrolandeses estão vinculados à atividade agropecuária, seja como proprietário de terras, seja como funcionário da cooperativa. O responsável pelas atividades produtivas nas chácaras e fazendas é o homem, e a cooperativa é tida como um ambiente predominantemente masculino, embora muitas mulheres também trabalhem nas chácaras e muitas auxiliem na gerência dos negócios e das contas. A atividade tida como de predominância feminina são os afazeres domésticos, o cuidado com os filhos e os trabalhos de artesanato variado (pintura em tecido, tela e porcelana, *patchwork*, trabalhos em bartante e manufatura de velas artesanais, entre outros), embora aqui também, sobretudo no cuidado com as crianças, os homens também tenham, com frequência, participação ativa⁴⁶. Assim, aqueles que não se adequam a estas atividades, seja por desejo ou inclinação pessoal, seja por falta de meios para o trabalho agrícola – terra e capital – acabam por se transferir para cidades maiores no Brasil ou, comumente, na Holanda. O leque de opções profissionais bastante limitado acaba, assim, motivando o abandono da colônia.

O aspecto familiar da inadequação ao estilo de vida de Castrolanda se manifesta tanto em relação a formações familiares não reconhecidas ou não aceitas pelo grupo⁴⁷, quanto em relação a casamentos chamados de ‘mistos’ (aqueles nos quais um dos cônjuges pertence à colônia e o outro não), onde prevalecem os laços sociais do cônjuge vindo de fora em detrimento das relações internas da colônia. Nestes casos, ao invés de Castrolanda receber um novo membro, ela “perde” um indivíduo que se alia a outros círculos sociais. Assim, além daqueles que foram para longe estabelecendo suas vidas familiares de forma independente, há diversos

⁴⁵ Entre estas outras localidades há regiões como Maracaju, no Mato Grosso, onde uma espécie de segunda colônia se constituiu, baseada na agropecuária, grandes cidades como São Paulo e Curitiba, ou ainda outros países (Canadá, sobretudo), focos de imigração holandesa.

⁴⁶ Sobre os variados aspectos do trabalho em Castrolanda, ver capítulo IV.

⁴⁷ Como exemplo destas formações não reconhecidas pelo grupo, pode ser citado o caso de alguns indivíduos de orientação homossexual que optaram por viver na Holanda ou em grandes cidades no Brasil.

exemplos de castrolandeses da segunda geração que vivem nas proximidades da colônia, fazem parte da cooperativa, mas não são mais contados como membros plenos do grupo, pois passaram a se relacionar mais no meio social dos cônjuges do que na própria colônia⁴⁸.

Este exemplo conduz, finalmente, ao aspecto religioso da inadequação ao estilo de vida castrolandês, pois o principal indicador da inclusão ou não de um indivíduo na colônia é sua presença entre os membros da IER, de acordo com as condições e os diferentes graus de pertença já analisados no capítulo anterior. Assim, há descendentes de holandeses, membros da segunda ou da terceira geração e sócios da cooperativa vivendo próximos à colônia que não são mais membros plenos do grupo porque, por algum motivo, deixaram a igreja. Do mesmo modo, há diversos exemplos de castrolandeses estabelecidos em outras cidades no Brasil ou na Holanda, sem nenhum vínculo com a cooperativa e raramente visitando Castrolanda, mas que, sendo ainda membros da igreja, são com frequência mencionados e incluídos no grupo. Neste sentido, deixar a Igreja Evangélica Reformada é, de uma certa forma, o mesmo que deixar Castrolanda.

Outro ponto importante a ser destacado acerca das relações de parentesco na segunda e na terceira geração de castrolandeses diz respeito aos casamentos. Na segunda geração, há a predominância dos casamentos entre membros da colônia. Dos 116 indivíduos de segunda geração casados que permaneceram em Castrolanda, 87 casaram entre si ou com castrolandeses de outra geração, representando 75% do total. Os casamentos com 'brasileiros' são apenas 15, sendo 9 de homens castrolandeses com mulheres 'brasileiras' e 6 de homens 'brasileiros' com mulheres castrolandesas. Vale mencionar que entre os 15 cônjuges 'brasileiros', 7 (4 mulheres e 3 homens) são de descendência alemã, a maioria deles oriundos da igreja luterana, ou seja, são também descendentes de imigrantes europeus protestantes. Entre os 6 homens 'brasileiros' casados com mulheres da segunda geração, apenas 3 não eram proprietários de terras na região, todos de casamento relativamente recente, com algumas das representantes mais jovens desta geração.

⁴⁸ As implicações deste fato serão detalhadas no capítulo seguinte, tratando das relações entre a igreja e a cooperativa.

Já na terceira geração, apesar de não ser possível dispor de dados totalizantes, pode-se observar que o número de casamentos com pessoas oriundas de fora da colônia é muito maior do que o de casamentos entre castrolandeses. Entretanto, isso não significa apenas que, de uma geração a outra, os castrolandeses passaram a se casar mais fora de Castrolanda, mas também e principalmente que mais indivíduos de fora foram incorporados à colônia.

É importante notar que os casamentos com indivíduos de fora da colônia na segunda e terceira geração levados em conta aqui, referem-se apenas àquelas pessoas que permaneceram em Castrolanda, e que muitos outros casamentos deste tipo ocorreram, uma vez que 101 indivíduos da segunda geração, e um número também elevado da terceira, deixaram a colônia, e que entre estes poucos casaram entre si. O fato é que, como visto, algumas pessoas deixaram Castrolanda justamente por terem casado fora dela, enquanto outros, cerca de 40% a 50% de cada uma das duas gerações, incorporaram seus cônjuges à colônia. Ou seja, os casamentos 'mistos' acabam resultando, como já foi mencionado, no "ganho" ou na "perda" de um indivíduo. Assim, ou há o englobamento dos cônjuges vindos de fora, o que conferiria aos casamentos aparentemente exogâmicos um caráter de endogamia, ou há a saída de indivíduos da colônia. Por isso, o que não parece ocorrer, ou ocorre em poucos casos, é o estabelecimento de alianças entre grupos familiares castrolandeses e grupos familiares 'brasileiros' através dos casamentos 'mistos'.

Assim, ao invés de caracterizar os casamentos como predominantemente endogâmicos na segunda geração e exogâmicos na terceira, como poderia supor uma análise apressada dos dados, seria possível estabelecer que a diferença entre as uniões nestas duas gerações se dá apenas na forma como o grupo concebe a endogamia, com um considerável aumento, na terceira geração, das uniões com indivíduos oriundos de fora e englobados pelo grupo. Estas uniões não poderiam ser caracterizadas como exogâmicas, pois elas não produzem alianças entre famílias castrolandesas e famílias 'brasileiras'. O englobamento dos indivíduos de fora opera uma mediação entre exogamia e endogamia, abrindo a possibilidade de realização de casamentos fora do grupo da colônia.

Deste modo, as possibilidades de um casamento que poderíamos denominar “castrolandês” estariam compreendidas entre dois limites: internamente, a proibição do casamento com parentes e, externamente, a necessidade de englobamento do cônjuge. Pelo lado interno, a proibição se estende até os primos (FGCh e MGCh) de forma não muito rígida (há dois casamentos deste tipo, como já foi mencionado). Os primos de segundo grau (FFGChCh, FMGChCh, MFGChCh e MMGChCh)⁴⁹ não são reconhecidos como parentes e há diversos casos de uniões deste tipo. Pelo lado externo, o não englobamento do cônjuge acaba por resultar no afastamento social, pelo menos parcial, do casal.

Neste ponto, é possível estabelecer uma comparação entre alguns aspectos do parentesco em Castrolanda e a definição de “casa” elaborada por LÉVI-STRAUSS (1979, 1983):

“Estamos pois, sem dúvida, em presença de uma única e mesma instituição: pessoa moral detentora de um domínio composto simultaneamente por bens materiais e imateriais e que se perpetua pela transmissão do nome, da fortuna e dos títulos em linha real ou fictícia, tida sob a condição única de esta continuidade poder exprimir-se na linguagem do parentesco ou da aliança e, a mais das vezes, em ambas ao mesmo tempo” (LÉVI-STRAUSS, 1979, p. 154).

A partir desta definição, o autor demonstra ponto a ponto como a “casa” permitiria a combinação entre aspectos paradoxais: endogamia e exogamia, filiação e aliança, direito de voto e direito hereditário, hipergamia e hipogamia, etc. Deixando de lado, por ora, a questão dos bens materiais, tratada no capítulo sobre a cooperativa, seria possível pensar a IER de Castrolanda como detentora de uma riqueza imaterial (simbólica), cuja transmissão e perpetuação se dá, em boa medida, através da linguagem do parentesco que, concebido como descrito acima, permite a combinação de exogamia e endogamia, filiação e aliança, em acordo com a definição levistraussiana. Os ritos do Batismo e do Casamento expressam de diversas maneiras como é o parentesco que permite o ingresso de novos membros na igreja, marcando, portanto, este critério como determinante da transmissão dos bens imateriais da igreja. Do mesmo modo, a eleição de novos membros para o Conselho articula o direito de voto e o direito hereditário pois, se por um lado os cargos não são transmissíveis hereditariamente, as condições de elegibilidade o são.

⁴⁹ Sobre as convenções para notação das posições de parentesco, ver Introdução.

“Interlúdio Ameríndio”

Uma vez estabelecido o quadro descritivo das relações de parentesco na colônia, e colocada a questão da mediação entre aspectos paradoxais, é possível aprofundar a compreensão das relações entre esta esfera e aquela da religião, conforme descrita no capítulo anterior. Para isso, parto da descrição dos ritos fúnebres em Castrolanda, e de três textos da etnologia ameríndia, refletindo sobre o modo como se constitui a relação entre os domínios do parentesco e da religião, através da análise das possibilidades de abordagem da dicotomia entre doméstico e público em Castrolanda.

Ao contrastar as obras de Carlos Fausto (2001), Manuela Carneiro da Cunha (1978) e Peter Gow (1991), é possível perceber que não apenas os grupos estudados por eles vivenciam (ou não) de formas diferentes a dicotomia em questão, mas também as abordagens propostas pelos três autores variam consideravelmente. Estas abordagens e as diferenças entre elas são esclarecedoras para o caso de Castrolanda.

Fausto, ao tratar da constituição de uma esfera política entre os parakanã, problematiza a questão da existência ou não de uma dicotomia entre esfera pública e esfera doméstica. Segundo o autor, ao se opor o público e o doméstico, está se opondo duas formas de socialidade, que a escola estrutural-funcionalista britânica, ao fazer coincidir o público com o social, tornou valorativamente assimétrica, relegando ao doméstico um papel residual (FAUSTO, 2001, p. 240). Entretanto, para Fausto esta definição dos termos não é suficiente para justificar a dicotomia, e o problema permaneceria fundamentalmente o mesmo:

“ou a dicotomia é inescapável porque estamos tão impregnados dela que a reencontramos em todos os cantos do globo, ou então ela de fato corresponde a um modo objetivo e bastante difundido de constituição da sociedade. Temos, assim, ou um resultado inteiramente negativo – a dicotomia não é senão a reflexão de nossa ideologia sobre outras culturas –, ou inteiramente positivo – a dicotomia é um universal abstrato, com colorações diversas conforme a sociedade” (FAUSTO, 2001, p. 240).

O autor sugere então um terceiro caminho, no qual define o público ou político como “apropriação excludente da representação da totalidade”, ou seja, “o domínio da vida social em que se dá a representação das ações e relações coletivas com a

exclusão das outras esferas, que passam a ser representadas como subsumidas àquela” (2001, p. 240). Entretanto, Fausto não se preocupa em apresentar uma definição positiva da esfera doméstica, afastando-se da dicotomia em questão e focando sua análise sobre a questão da constituição da esfera política entre os parakanã.

Em seu trabalho sobre os krahó, Cunha apresenta a dicotomia entre público e privado como central e bem marcada nos grupos jê.

“Mas o morto tem por sua vez, dois aspectos: por um lado ele foi membro de uma casa ou, mais apropriadamente, de um segmento residencial, onde desenvolveu e tramou o que chamáramos suas atividades privadas (que envolvem além de produção agrícola e da reprodução, sua vida faccional); por outro lado ele foi eventualmente um personagem público, isto é, investido de valores da sociedade como um todo. (...) se pegarmos agora apenas a aldeia como espaço de referência, diríamos que a vida pública está para a vida privada como o interior ao exterior” (CUNHA, 1978, p. 37).

Além de bem marcada, inclusive na topografia da aldeia, Cunha caracteriza a dicotomia como tensa, uma vez que a casa e a parentela (o privado) representariam por um lado a circunscrição do mundo social em relação ao natural e o local de entrada na sociedade, por outro o *locus* do particularismo faccional e o ponto de saída (pela morte) do mundo social. Os ritos funerários, assim, expressariam as tensões entre as esferas pública e privada na sociedade krahó.

Outro aspecto da caracterização da dicotomia por Cunha é que a diferenciação entre seus termos é operada pelo critério do parentesco. É o círculo das casas, definidas por Cunha não no sentido mais amplo que lhes conferiria posteriormente Lévi-Strauss, mas sim como referidas ao parentesco, que representa a esfera doméstica dos krahó. Se em Fausto o foco da análise recai sobre a esfera política como apropriação excludente da representação da totalidade, não havendo uma definição positiva da esfera doméstica, em Cunha são os aspectos domésticos, definidos pelo parentesco, que ocupam o centro da análise, sendo o político definido residualmente.

É também o parentesco a categoria central do trabalho de Gow. Entretanto, esta centralidade não está expressa em nenhuma dicotomização, mas a partir da relação entre parentesco e economia de subsistência, circulação e consumo de

“comida legítima”, como princípio organizador da vida dos nativos do Bajo Urubamba.

“Native communities focus on the relationships in which food is produced, circulated, and consumed, such that for native people to live with kin is life itself. Death threatens life, causing the living to abandon the dead, and to live elsewhere. Death defines kinship as life, and life for native people is created and sustained by kinship” (GOW, 1991, p.119).

Desta forma, o parentesco no Bajo Urubamba ultrapassa a esfera doméstica, não havendo, como em Cunha, uma dicotomização marcada pelo critério do parentesco. Entretanto, em relação à questão da co-residência, há tensões. “The problem faced by native people is that, while kinship explains why they live with the people they do, it does not explain why they do not live in other communities with the rest of their kin” (GOW, 1991, p. 216). Neste contexto, ganham importância a “Comunidad Nativa”, a escola e o “saber hablar” ou “saber mover la gente”.

Apresentadas estas três formas de abordar a dicotomia em questão, passo a descrever, então, as cerimônias fúnebres em Castrolanda, para estabelecer em seguida a relação entre esfera pública e doméstica, e os domínios do parentesco e da religião. É importante esclarecer que não proponho aqui uma comparação objetiva entre grupos indígenas ameríndios e uma colônia de imigrantes holandeses, uma vez que certamente não há qualquer justificativa empírica para uma proposta desta natureza. Entretanto, de acordo com a ambição mais geral da Antropologia – aquela de reunir teoricamente a diversidade empírica das sociedades humanas – é possível analisar os dados castrolandeses a partir de abordagens de autores envolvidos com questões teóricas semelhantes, independentemente de qualquer continuidade substantiva entre minha realidade etnográfica e o objeto de estudo da etnologia dos povos ameríndios. E do ponto de vista heurístico, a questão tratada pelos três autores citados aqui é exatamente a mesma que procuro abordar em Castrolanda: a relação entre a dicotomia público/privado e o parentesco. Além disso, o próprio tema do relato etnográfico introduzido a seguir – o papel dos “mestres de cerimônias” fúnebres – é um tema caro aos etnólogos, facilitando a passagem dos contextos indígenas para aquele da colônia holandesa.

Religião e parentesco

No fim da manhã do dia 28 de julho de 2002, um domingo, faleceu o Sr. Luccas Rabbers, um imigrante da primeira geração. Sua morte já era de uma certa forma esperada na comunidade, uma vez que seu nome era citado já há bastante tempo na oração de intercessão nos cultos de domingo, e as informações sobre seu estado de saúde não eram boas. Ele tinha 79 anos e era um dos últimos 'pioneiros', tendo chegado ao Brasil aos 28 anos com a esposa, os pais e os irmãos. Tinha dois filhos e alguns netos.

Logo que se deu o falecimento o filho mais velho procurou o pastor que comunicou o fato aos demais membros do Conselho responsáveis pelo bairro onde seu pai vivia. O presbítero, o pastor e o diácono do bairro passaram então a tomar as providências para a realização dos ritos fúnebres, no dia seguinte, de acordo com as regras prescritas.

A primeira providência a ser tomada é verificar se algum dos vizinhos do falecido já foi avisado. Este deve reunir um morador de cada uma das seis casas mais próximas à casa do falecido, contando-se, normalmente, três casas à direita e três à esquerda, do mesmo lado da rua, desde que não pertençam a parentes⁵⁰. Este grupo formará uma comissão que desempenha um papel importante na organização das cerimônias. O próximo passo é a realização de uma pequena reunião entre o presbítero do bairro, um representante dos vizinhos e um membro da família. Munidos do mapa do cemitério, eles decidem o local da sepultura e tomam, com a família, eventuais providências diferentes do costume.

O pastor do bairro se reúne com a família e elabora a liturgia do culto, que será dirigido por ele. A família escolhe a língua em que este será realizado, o organista que deverá tocar, os textos bíblicos a serem lidos e os hinos a serem cantados. No caso do Sr. Rabbers, a viúva e os filhos optaram pelo culto em português, respeitando o desejo do falecido que era a favor da língua portuguesa em todas as atividades da igreja. O pastor, então, deve comunicar a secretária da igreja

⁵⁰ A definição dos parentes é a mesma da regra de eleição para o Conselho da igreja: os pais (F e M), os filhos (S e D), os irmãos (B e Z), os cônjuges (W e H), os avós (FF, MF, FM e MM), os netos (SS, DS, SD e DD), os cunhados (HZ, WB, ZW, BW, ZH e BH) e os genros e noras (SW e DH). Não são incluídos os tios (FB, MB, FZ e MZ) e sobrinhos (BS, BD, ZS e ZD).

e o organista (escolhido pela família) e os demais membros do Conselho para que fique tudo preparado para a realização do culto fúnebre.

As atribuições dos vizinhos, nestas horas que antecedem o culto⁵¹, incluem a preparação da cova no cemitério (que não possui coveiro), a comunicação do falecimentos a todos os membros da igreja, utilizando o 'Guia da Comunidade' e a permanência junto à família em luto, assistindo-lhe em qualquer necessidade. A encomenda do caixão e dos serviços de uma funerária são de responsabilidade dos parentes.

As visitas recebidas pela família são poucas e breves, restritas a parentes e amigos próximos, acolhidos em um cômodo diferente daquele onde se encontra o caixão, que fica fechado desde que nele é colocado o corpo. Durante a noite não permanece ninguém junto ao defunto, não há velório ou guardamento.

No dia seguinte, às 15.30h foi realizado o culto fúnebre, cuja estrutura litúrgica segue as mesmas linhas gerais dos cultos ordinários, com algumas diferenças pontuais, sobretudo no início e no fim do serviço. Ao contrário dos cultos normais, que se iniciam com o cântico de um hino de entrada, iniciado após dois toques do sino – uma hora antes do início do culto e quinze minutos antes da entrada do pastor – no serviço fúnebre não há hino de entrada e o sino é tocado somente na chegada do corpo. Nos momentos que antecedem o início do culto a comunidade permanece em silêncio enquanto o organista toca algumas músicas suaves. Assim que o carro que traz o corpo, acompanhado por alguns familiares do falecido se aproxima da igreja, o zelador começa a tocar o sino. Entram o pastor e o presbítero de plantão, que neste caso é o presbítero do bairro do falecido, o organista pára de tocar e a comunidade fica em pé, aguardando a entrada do cortejo. Quando o corpo entra na nave da igreja, o organista toca um hino escolhido pela família, conhecido pela comunidade, mas que não é cantado, apenas ouvido em silêncio. No sepultamento do Sr. Rabbers, o caixão foi carregado pelos irmãos e pelo filho do falecido, seguido pela viúva e pela filha, pela nora e pelos netos e pelas irmãs, cunhadas e cunhados, e foi então colocado em frente ao púlpito. A igreja estava cheia, e os bancos mais à frente foram reservados para a família.

⁵¹ A menos que a morte ocorra nas primeiras horas do dia, o sepultamento normalmente ocorre no dia seguinte ao falecimento.



Foto 7 – O caminho da igreja ao cemitério. A palmeira (em primeiro plano) assinala o ponto em que o caixão deve ser entregue pela família aos vizinhos

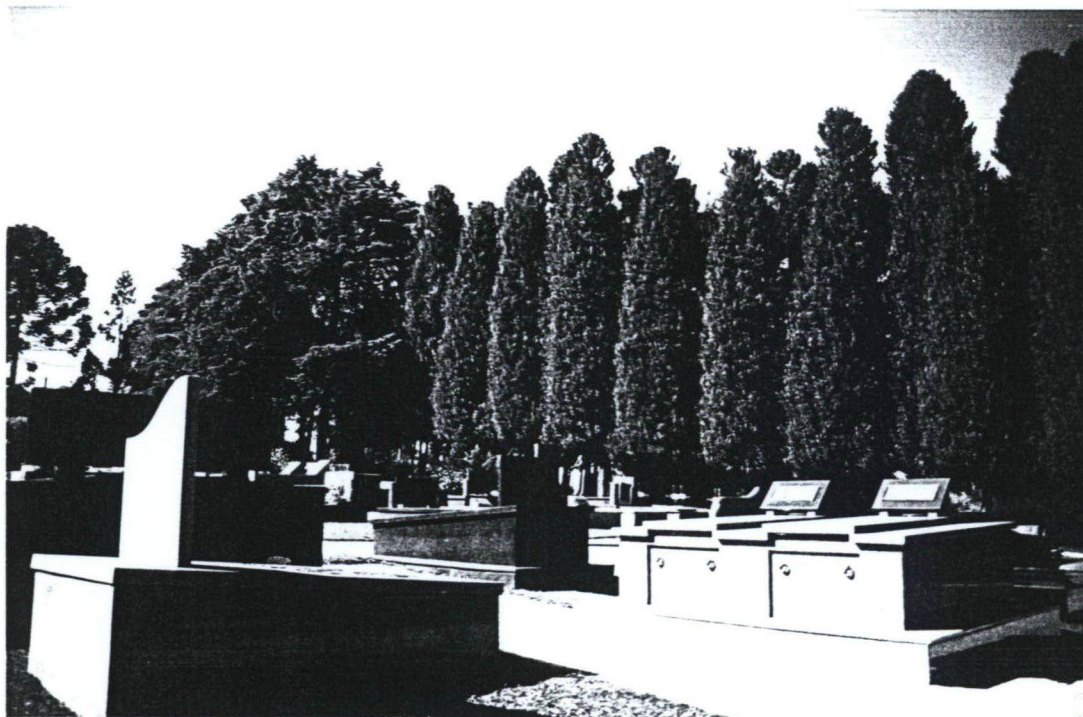


Foto 8 – Uma vista parcial do cemitério

A liturgia, então, prossegue nos mesmos moldes dos cultos normais até o momento da pregação, com os textos e hinos escolhidos pela família. Após a pregação há, novamente, diferenças. Nos cultos ordinários, haveria a oração de intercessão, os avisos do Conselho, o recolhimento das ofertas, a benção final e a saída. No serviço fúnebre não há oração de intercessão nem recolhimento de ofertas, mas apenas a leitura em conjunto, por toda a comunidade, do Credo Apostólico, um hino final e a benção. Após a benção, o pastor passa a palavra a um membro da família que fala sobre o falecido, contando fatos de sua vida e características de sua personalidade. No caso do Sr. Rabbers, além do seu filho, também o presidente da Cooperativa Castrolanda disse algumas palavras, a pedido da família. Segundo alguns informantes, entretanto, este fato não é comum e causou algum desagrado a algumas pessoas que reforçaram que o culto é um “momento da família”, não da cooperativa. Após o uso da palavra, novamente o organista toca um hino que não é cantado, escolhido pela família, que deixa a igreja em cortejo, seguindo o caixão carregado pelas mesmas pessoas.

O pastor e o presbítero do bairro seguem desta vez junto com os familiares, em direção ao cemitério, que fica a poucos metros da igreja. Na metade do caminho, percorrido a pé, o caixão é entregue aos vizinhos, que o carregam até o local do sepultamento. Durante todo o culto, eles estiveram recepcionando e posicionando na lateral do templo coroas de flores enviadas por conhecidos do falecido, principalmente por pessoas de Castro com quem ele mantinha relações de trabalho. Além disso, dois deles estavam à porta, cuidando para que todos os presentes assinassem um livro de condolências, entregue posteriormente à família, e distribuindo as liturgias impressas, elaboradas pela secretária. Já no cemitério, o caixão é posicionado sobre a cova, apoiado em duas travessas de madeira suspensas sobre o buraco. O pastor aguarda a chegada de todos que ainda vinham da igreja e lê um texto bíblico e a fórmula litúrgica elaborada para estas ocasiões. Todos oram juntos o Pai Nosso, e o caixão é então coberto pelos vizinhos com uma espécie de toldo de tecido preto. O fechamento definitivo da cova com terra só é feito por eles depois que a cerimônia acaba e todos deixam o local. Segundo alguns, normalmente o caixão é baixado à sepultura, retirando-se as travessas de madeira, e então coberto, mas a pedido da família Rabbers, o caixão só foi baixado depois que a família deixou o cemitério. Encerrada a cerimônia, a família dirige-se ao

Shalom, o edifício ao lado da igreja onde há salas de reuniões e aulas. Lá alguns dos vizinhos, prosseguindo em sua função de “mestres de cerimônia”, serviram café com bolo, e as pessoas da comunidade puderam cumprimentar os familiares e apresentar condolências. Enquanto isso, outros vizinhos desciam o caixão à cova e o enterravam. Em menos de uma hora, não havia mais ninguém no local.

A partir destes dados, é possível fazer algumas observações. Em primeiro lugar, os ritos funerários parecem expressar uma oposição entre a igreja e a comissão dos vizinhos, cuja formação é baseada, por definição, num critério territorial. Dois fatos demonstram esta oposição. Primeiro, a regra das três casas à direita e à esquerda vale para todos os moradores da colônia, mesmo aqueles que não pertencem à igreja. Algumas pessoas com quem conversei citaram alguns exemplos, em sepultamentos ocorridos há pouco tempo, de pessoas que participaram das reuniões dos vizinhos sendo membros de outras igrejas. Outro fato importante é a proibição da participação do presbítero do bairro nestas reuniões. Segundo um informante, já houve casos em que o presbítero do bairro foi “excessivamente solícito”, e tentou interferir nas obrigações dos vizinhos, que constrangidos e desagradados, se viram forçados a pedir ao presbítero que se restringisse aos assuntos da igreja.

Considerando esta polaridade, poderíamos destacar que a esfera do parentesco se encontra alinhada à da igreja. Isto estaria expresso principalmente nas regras para o transporte do caixão (os parentes carregam o corpo na igreja, e o entregam aos vizinhos para que estes o levem até o cemitério), mas também na restrição à participação de parentes na comissão de vizinhos. Também neste sentido, podemos citar as críticas da comunidade à inclusão, no culto, da fala do presidente da cooperativa, com o reforço da idéia de que o culto é um momento da família.

Poderíamos ainda caracterizar a relação entre a igreja e a família não como simples alinhamento, mas como de englobamento hierárquico (DUMONT, 1997, 2000a, 2000b), num modelo que teria como unidade mínima de relação, não o indivíduo, mas o grupo de parentes. A igreja, assim, seria o espaço de interação apenas entre pessoas morais localizadas num determinado grupo de parentesco. A concepção, formulada acima, da IER como detentora de uma riqueza imaterial transmissível por meio do parentesco corrobora este englobamento do parentesco

pela igreja. É também significativo o revezamento de mães que tomam conta do *Oppas*, e de dupla para o café com os idosos do Lar *Eben Haëzer*⁵². A responsabilidade no cuidado com as crianças e os idosos da comunidade não é apenas da família, mas também da igreja. As regras que proíbem a participação simultânea de duas pessoas da mesma família no Conselho apontam ainda para uma transposição, para o domínio religioso, das regras de proibição do incesto.

Neste ponto, é possível contrapor o rito do Batismo ao culto de sepultamento. O primeiro realiza a introdução de um novo indivíduo na igreja, enquanto o segundo trata da despedida de um membro que está deixando a comunidade. Em ambos os ritos são frisadas as relações de parentesco e a oposição hierárquica aqui tratada fica clara. No Batismo, a família é destacada pela entrada ritualizada, junto com o pastor e o representante do Conselho e por permanecer separada, no primeiro banco, com a criança no colo da avó, ou de uma tia. A comunidade se destaca reafirmando sua fé, recitando o Credo Apostólico, e respondendo afirmativamente à questão do pastor, assumindo a sua parte da responsabilidade pelo novo membro. Ainda no fim do culto, todos os membros da igreja cumprimentam os pais, irmão e avós da criança, ritualizando o pacto entre religião e parentesco firmado no Batismo. No culto de sepultamento, a família entra e sai da igreja de forma ritualizada, e também permanece nos primeiros bancos, separada da comunidade. Do mesmo modo, a comunidade também recita o Credo Apostólico e participa apresentando condolências, seja assinando o livro deixado à porta, seja cumprimentando a família no café no Shalom, após a cerimônia no cemitério.

A ausência de visitas e guardamento na casa do falecido, contrastada com a presença maciça da comunidade no culto reforçam este ponto de vista e permitem dizer que a igreja, enquanto reunião de famílias, opera uma representação da totalidade, ou seja, constitui a esfera pública. Neste esquema, as relações travadas pelo indivíduo enquanto tal, fora do âmbito da família a que pertence, ocupariam um papel residual na totalidade das relações sociais, tomadas do ponto de vista englobante. Assim, haveria pouco rendimento heurístico na tentativa de explorar uma dicotomia entre esferas pública e doméstica em Castrolanda, uma vez que a representação da totalidade que caracterizaria o público, ou melhor, o social geral,

⁵² Ver Capítulo II.

mais do que apenas o político, em Castrolanda é operada pelo par hierárquico igreja/família. Não seria possível, desta forma, descrever a esfera doméstica como circunscrita ao parentesco e oposta à esfera pública ou política, como faz Cunha. No caso de Castrolanda, a oposição mais marcada seria entre as relações travadas no âmbito da igreja/família e as relações constituídas pelos indivíduos independentemente.

Desta forma, assim como no Bajo Urubamba descrito por Gow, o parentesco em Castrolanda não serve como marcador da diferença entre domínio público e domínio privado. Entretanto, os dois casos diferem radicalmente. Entre os piro, segundo a descrição de Gow, o parentesco é fluido e processual, sendo as relações definidas circunstancialmente. Na constituição das aldeias, e de uma possível esfera política, são a “Comunidad Nativa” e a escola que seriam englobadas pela extensa rede de parentesco, e junto com o “saber hablar” do chefe, são critérios subsumidos a esta na questão das escolhas residenciais. Em Castrolanda, as categorias de parentesco são rigidamente definidas e são englobadas pela igreja. Não se cria parentesco, senão pelo casamento, um ritual da igreja, ou pela geração de filhos, batizados na igreja. Se em Gow o parentesco não marca a dicotomia público/doméstico por ser extensivo demais para tanto, em Castrolanda ele não marca por estar englobado pela igreja, depositária das riquezas imateriais do grupo e operadora eficaz da representação da totalidade.

Finalmente, resta ainda caracterizar as atividades da comissão formada pelos vizinhos no ritos fúnebres, o termo oposto ao conjunto formado pela igreja e pela família. As obrigações dos vizinhos têm relação com aspectos práticos e materiais do sepultamento: o preparo da cova, o transporte do corpo (fora da igreja), o sepultamento propriamente dito, o auxílio prático à família e no serviço religioso – dispor as coroas de flores, cuidar do livro de assinaturas, da distribuição das liturgias e do café depois do culto. Os serviços prestados por eles têm um caráter secundário, até mesmo residual, se contrastados com o papel da igreja e da família e, ao contrário destes, sempre relacionado a coisas materiais. A parte imaterial do rito lhes é, inclusive, proibida. Nenhum vizinho se pronuncia oficialmente durante o funeral, e o uso da palavra é monopólio da igreja e da família, causando desconforto a inclusão de pronunciamentos de outra origem. Na própria regra para a formação do grupo prevalecem os critérios materiais, físicos (residência nas proximidades da

casa do morto, sem relação de parentesco) sobre os imateriais, simbólicos (pertença à igreja, amizade, ou qualquer outro tipo de relação com o falecido). Do mesmo modo, a inexistência do velório, e o aparente isolamento em que o corpo é deixado a partir de sua morte, o fato do caixão permanecer fechado e sozinho, e das poucas visitas que chegam serem claramente para a família, não para o morto, apontam também para um aspecto secundário e residual dos aspectos da pessoa (corpo/indivíduo), em oposição a suas relações com a família e com a igreja.

Este capítulo, ao privilegiar a articulação entre parentesco e religião, e ao compreendê-la como termo englobante, procurou tratar da questão da dicotomia entre esfera pública e esfera doméstica de um modo distinto das abordagens do estrutural-funcionalismo britânico, que tratou da questão sobrevalorizando o aspecto público, relegando ao doméstico um caráter residual⁵³. Os trabalhos de Fausto e Cunha, discutidos aqui representam duas tentativas de equacionar de outra forma a questão, entretanto, em ambos os casos, o tratamento dado a uma ou outra das esferas (o doméstico por Fausto e o político por Cunha) acaba por ser residual. Neste sentido, o par hierárquico proposto neste capítulo, compreendendo os domínios da religião e do parentesco, pretende apontar uma outra possibilidade de abordagem da dicotomia, na qual os dois domínios aparecem intrinsecamente conectados.

⁵³ Penso aqui, sobretudo, nos trabalhos de EVANS-PRITCHARD (1978a, 1978b).

IV. A COOPERATIVA CASTROLANDA

*“Eu desejo uma visão intra-social,
para que toda a comunidade cresça na fé e no sentido material.”*

*“Que Castrolanda não seja conhecida pelas grandes obras feitas pela comunidade,
mas que seja conhecida pelas grandes obras de Deus feitas através de nós.”*

Neste capítulo serão abordadas as questões acerca do trabalho, da cooperativa e das relações desta com as esferas da família e da religião. Para a análise desta última questão, me utilizo de dados etnográficos recolhidos no ‘Dia da Comunidade’ – a celebração que ocorre todos os anos no dia 1º. de maio – interpretado aqui justamente como a ritualização das relações entre a igreja e a cooperativa, ou seja, entre as esferas da religião e do trabalho.

Aspectos gerais

A Cooperativa Castrolanda foi fundada a partir da *Cooperativa para Emigração em Grupo para o Brasil*, organizada na Holanda para coordenar o trabalhoso processo de emigração e constituição da nova colônia. Um tratado de imigração foi protocolado entre os governos do Brasil e dos Países Baixos, possibilitando o estabelecimento da colônia com um certo amparo estatal. O governo holandês autorizou a exportação de bens de capital – implementos agrícolas, tratores, gado leiteiro e maquinário para uma indústria de laticínios. O governo brasileiro cedeu um crédito federal no valor de Cr\$ 7,47 milhões à cooperativa, além de um financiamento estadual de Cr\$ 4,057 milhões para a compra das fazendas Matilde, Capão Alto e Maracanã, em 1952, abrangendo 5.612 hectares que foram divididos entre as cerca de 50 ‘famílias pioneiras’. O acordo entre o Estado do Paraná e a Cooperativa Castrolanda fixava o prazo de dez anos para o pagamento deste financiamento, com cinco anos de carência. Entretanto, uma retificação feita em 1957, livrou a cooperativa do pagamento do débito, caracterizando a doação, por parte do estado, da área das três fazendas, mediante algumas condições, como o aumento do número de imigrantes, o fornecimento de leite a preços de mercado

para a região, a venda de gado leiteiro de raça a preço de custo para o estado, entre outras⁵⁴.

O tamanho dos lotes variava entre 35 e 200 hectares e sua distribuição era feita de acordo com a participação em capital de cada cooperado. Assim, quem participasse com mais capital recebia porções maiores de terra. A participação média era de 37 mil florins por cooperado, sendo a menor de 10 mil e a maior de 100 mil florins. O valor dos lotes era também determinado em função de sua distância do centro da colônia.

Em 1954, com a Cooperativa Castrolanda já bem estruturada, foi fundada a Cooperativa Central de Laticínios do Paraná (C.C.L.P.), unindo as cooperativas das duas colônias holandesas no estado – Carambeí e Castrolanda – às quais reuniu-se posteriormente a colônia de Arapoti. Uma fábrica de laticínios foi instalada em Carambeí em 1957, e criada a marca “Batavo”. Atualmente, a Cooperativa Castrolanda participa com 36,02% da C.C.L.P. que por sua vez detém 49% do controle da Batávia S/A, atual proprietária da indústria e da marca “Batavo”, tendo como sócio majoritário o Grupo Parmalat. Junto com as cooperativas Batavo (Carambeí) e Arapoti, a Cooperativa Castrolanda participa da Fundação ABC, instituição de pesquisa e desenvolvimento de tecnologias agropecuárias.

A Cooperativa Castrolanda é atualmente uma das maiores do país, tendo produzido em 2002, 256.117 toneladas de grãos, 8.910 toneladas de sementes, 90.279.000 litros de leite, 22.983 toneladas de carne suína, 201.986 toneladas de ração e 2.949 toneladas de batata semente⁵⁵. Além da sede em Castrolanda, possui quatro entrepostos para a armazenagem e o beneficiamento de grãos na região – dois em Piraí do Sul, um em Curiúva e um em Ponta Grossa, tendo capacidade de armazenagem estática de 197.800 toneladas. Possui ainda uma unidade beneficiadora de batata semente, nas proximidades de Castro. Movimenta 304 milhões e meio de reais por ano (valor bruto) e seu patrimônio é avaliado em mais de 61 milhões de reais. Conta com 501 associados e 247 funcionários.

⁵⁴ Para a lista completa das condições da retificação do acordo, e para um relato detalhado das condições de estabelecimento da colônia, ver BUENO, 2002, p.105.

⁵⁵ Os dados sobre a produção agrícola e sobre o perfil dos cooperados apresentados aqui foram obtidos na *home page* da Cooperativa Castrolanda (<www.castrolanda.com.br>), e no Relatório Anual de 2002.

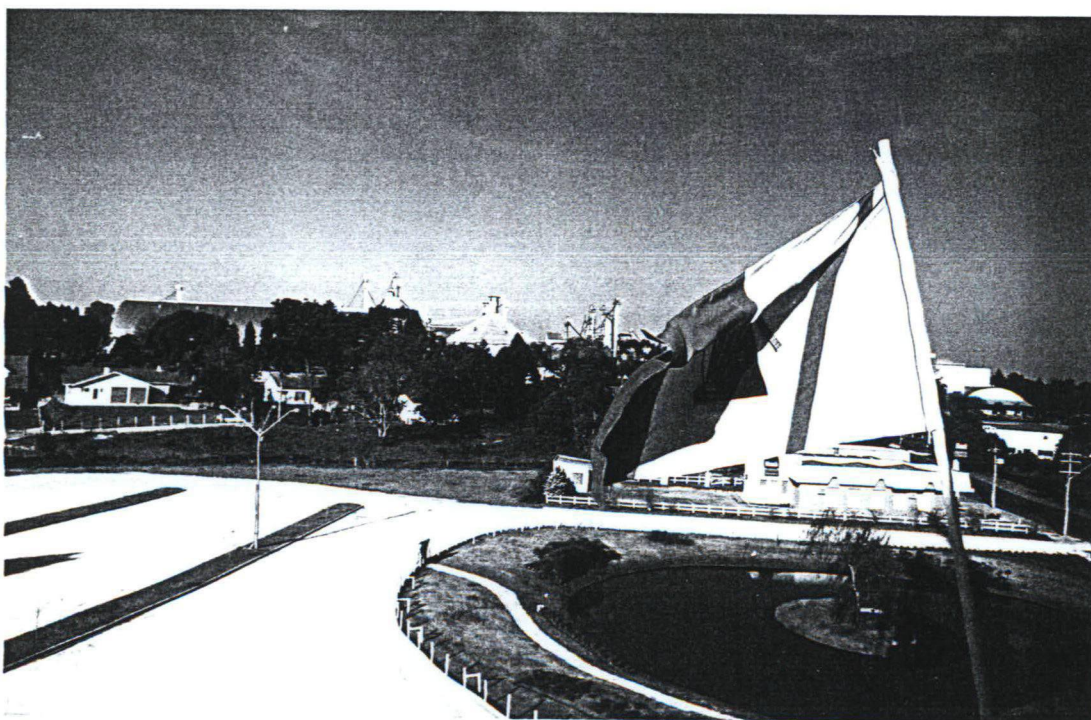


Foto 9 – Os silos da cooperativa e a fábrica de ração, vistos do moinho



Foto 10 – O moinho, de outro ângulo

Conforme estão descritas nas “Notas explicativas às demonstrações financeiras” do Relatório Anual de 2002, as atividades da cooperativa consistem basicamente em comercializar os produtos agrícolas, pecuários, hortifrutigranjeiros, florícolas, piscícolas e apícolas dos associados, mantendo, no caso dos produtos agrícolas, silos e armazéns para estocagem, equipamentos para sua secagem, beneficiamento e padronização. A cooperativa também industrializa e comercializa sementes e rações; compra e estoca insumos agropecuários para fornecimento aos associados e presta serviços de assistência técnica agropecuária.

Consta ainda nas notas que a Cooperativa Castrolanda promove também serviços de apoio à comunidade dos associados e funcionários da cooperativa e seus familiares. De acordo com o relatório, foram gastos em 2002 cerca de 2 milhões de reais, ou quase 37% do resultado operacional do período em indicadores sociais dos funcionários (educação, transporte, lazer, saúde, capacitação, habitação e participação nos lucros). Já com a ‘comunidade dos cooperados’ foram gastos 451 mil reais, ou cerca de 5% do resultado operacional (educação, eventos, esporte, cultura, infra-estrutura da comunidade e investimento em novas oportunidades de geração de renda). Os gastos com a ‘comunidade dos cooperados’ em 2001 foram mais volumosos devido às festividades dos 50 anos da colônia, totalizando 814 mil reais, ou quase 13% do resultado operacional daquele ano.

TABELA 4 – ÁREAS TOTAIS E MÉDIAS POR PRODUTOR

SOJA	
Produtores	214
Área plantada (ha)	34.103
Média área/produtor (ha)	159
MILHO	
Produtores	223
Área plantada (ha)	18.514
Média área/produtor (ha)	83
BATATA SEMENTE	
Produtores	8
Área plantada (ha)	163
Média área/produtor (ha)	20
BATATA CONSUMO	
Produtores	14
Área plantada (ha)	736
Média área/produtor (ha)	53

fonte: www.castrolanda.com.br

A maior parte (90%) dos cooperados é composta por médios e grandes produtores, possuindo propriedades de administração familiar altamente tecnificadas e com tecnologias consideradas de ponta. A tabela 4, acima, apresenta as áreas

totais e médias por produtor para os principais produtos agrícolas da cooperativa. As médias da produção pecuária por produtor são também elevadas, conforme explicita a tabela 5.

TABELA 5 – PRODUÇÃO PECUÁRIA TOTAL E MÉDIA POR PRODUTOR

LEITE	
Total Litros	83.786.000
Nº produtores	200
Plantel (cabeças)	13.000
Média l/dia/produtor	1.148
Média diária/cooperativa	233.000
SUÍNOS	
Produtores (t/ano)	18.677
Nº produtores	72
Média t/mês/cooperativa	1.556
Total entrega cabeça/ano	233.780
Riqueza Produz/associado/ano	R\$/mil 277 U\$/mil 119

fonte: www.castrolanda.com.br

Os 501 cooperados são, em sua maioria homens, havendo apenas 54 mulheres no quadro de associados. Entre os 247 funcionários, há 38 mulheres, com 13% dos cargos gerenciais ocupados por elas. Aproximadamente a metade dos associados são castrolandeses, ou seja, descendentes das 'famílias pioneiras' e membros da IER de Castrolanda. A outra metade é composta por produtores 'brasileiros' da região. Entre os castrolandeses, como já foi descrito no capítulo anterior, há a percepção de que o ambiente da cooperativa é sobretudo masculino, embora hajam cooperadas e funcionárias⁵⁶. Muitas mulheres trabalham nas chácaras e fazendas fazendo principalmente o serviço de escritório e contabilidade, embora muitas também se envolvam no trato dos animais e das lavouras. Entretanto, estas funções são vistas sempre como auxílio, ou seja, como um complemento à atividade masculina. Assim, é comum se ouvirem frases como "eu ajudo meu marido no escritório", ou "minha esposa sempre ajuda na ordenha das vacas", o que indica que o responsável por estas atividades é o homem, o trabalho feminino é apenas um complemento, uma ajuda. Ocorre o inverso com as atividades domésticas e o cuidado dos filhos. Vistas como atividades femininas, o que se ouve

⁵⁶ Durante a festa dos 50 anos, num passeio de *trekkertje* (tratorzinho) pela colônia, com um casal de guias, todo o centro da colônia foi mostrada com a narração da guia mulher. Assim que entramos no

é “meu marido ajuda com as crianças”, ou “às vezes, ele me ajuda na cozinha.” A atividade, então, pertence às mulheres, o trabalho masculino sendo classificado somente como auxílio, complemento.

Há poucos castrolandeses que tenham sua fonte de renda independente (ou ao menos dependente de forma mais indireta) da cooperativa, e entre estes, a maioria são mulheres. Algumas têm empregos em Castro e outras na própria colônia. Há uma farmácia, uma livraria, uma floricultura, uma oficina mecânica, uma loja de materiais de construção e a lanchonete do moinho administradas por castrolandeses. As duas agências bancárias e o supermercado só têm funcionários ‘brasileiros’.

A diretoria da cooperativa é composta por sete membros (Diretor Presidente, Diretor Vice-presidente, Diretor Secretário e quatro Conselheiros), dos quais, atualmente cinco são castrolandeses. A diretoria executiva, formada pelo Diretor Presidente, pelo Diretor Vice-presidente e pelo Diretor Secretário, só teve três membros ‘brasileiros’ desde a fundação da cooperativa, o primeiro deles assumindo o cargo de Diretor Secretário em 1987. Nunca houve uma mulher ocupando qualquer um destes cargos.

Duas faces da Cooperativa Castrolanda

Estes dados permitem, em primeiro lugar, caracterizar a Cooperativa Castrolanda como uma grande empresa, moderna, lucrativa e gerenciada de acordo com os princípios atuais de administração de negócios. Permitem ainda traçar minimamente o perfil dos funcionários e sócios, e descrever a composição do quadro de associados em relação ao tamanho das propriedades, renda, gênero e origem (castrolandesa ou ‘brasileira’). Entretanto, interessa para este trabalho perceber justamente como se dão as relações entre a cooperativa que, como visto, abrange quase a totalidade da esfera do trabalho e da economia na colônia, e os domínios do parentesco e da religião, articulados como descrito nos capítulos anteriores. Neste sentido a análise da “Mensagem da Administração”, transcrita abaixo, assinada por Frans Borg, o atual presidente da cooperativa e membro da diretoria a dez anos, pode introduzir algumas questões.

pátio operacional da cooperativa, ela passou a palavra ao homem, dizendo que sobre aquele lugar,

“O ano de 2002, de uma forma geral, foi um ano de bons resultados, tanto para a cooperativa como também para os cooperados. Todavia, foi um ano atípico, com incertezas do processo eleitoral e volatilidade cambial, o que exigiu cautela na condução dos negócios. A política de compra de insumos foi acertada, traduzindo-se em vantagens competitivas para os associados na formação dos seus custos de produção. Os produtores capitalizados puderam realizar melhores resultados de comercialização, puxados pela variação cambial e por oportunidades de negócios mais atrativas. Da mesma forma, a política de estocagem de matéria-prima da Fábrica de Rações resultou em benefícios aos pecuaristas.

Apesar das dificuldades e turbulências, o ano de 2002 foi marcado por grandes investimentos. A ativo imobilizado apresentou uma evolução de 54% em relação ao exercício anterior. O maior investimento foi a instalação da nova Fábrica de Rações, em Pirai do Sul, que entrará em funcionamento a partir de maio de 2003. Também foi investido no aumento da capacidade de armazenagem, melhoria dos fluxos de recepção e secagem, dentre outros. O volume de investimentos traduz a crença da Castrolanda nos seus negócios e no futuro do nosso País.

O cooperativismo passa por uma profunda reforma nos processos de profissionalização da gestão e dos cooperados, acompanhados pelo sistema de autogestão, contribuindo para uma melhor imagem e posicionamento do setor, que ocupa espaços condizentes com a sua importância no contexto nacional.

A Castrolanda procura viabilizar os negócios dos seus cooperados, não perdendo de vista o processo de desenvolvimento enquanto empresa, para fazer frente aos grandes desafios do ambiente mercadológico, celebrando parcerias estratégicas importantes, investindo fortemente nas suas estruturas físicas, no desenvolvimento de tecnologias que permitam maior produtividade e qualidade e, sobretudo, nos seus recursos humanos, o capital mais importante.

O faturamento bruto cresceu 33% e o resultado do exercício, de R\$ 9.117 mil, representou 3% da receita bruta. O retorno sobre o patrimônio líquido alcançou 17,5%. O ano de 2002, também, foi marcado pela escassez de recursos de crédito rural para financiamento das safras de verão. Estamos prevendo dificuldades nos anos vindouros para atendermos à demanda crescente de recursos oficiais. Acreditamos que o produtor deve se preparar para trabalhar com fontes alternativas

de financiamento da produção. A mais saudável é a sua capitalização. Percebemos que, muitas vezes, o associado tem produzido integralmente com capital de terceiros, com pouca capacidade de retenção da produção para comercialização no segundo semestre, onde geralmente os preços são melhores.

O crescimento não deve se sustentar exclusivamente através de financiamentos. Preferencialmente, deve vir do lucro. Temos consciência de que a alavancagem produziu resultados notáveis ao longo dos tempos, contudo, torna-se imprescindível constituir algum nível de reserva, especialmente quando temos boa safra, como é o caso deste ano, para dar suporte a problemas inerentes à atividade, tais como frustração, aumento dos juros, dentre outros. Esta tem sido uma preocupação deste Conselho.

As perspectivas para 2003 são boas. Esperamos que o Governo consiga implementar as reformas necessárias e que possamos construir um mundo melhor, de menos injustiças sociais e mais oportunidades para todos.

Agradecemos a Deus, nosso criador, aos sócios, pela confiança depositada na administração e por continuarem a acreditar na força do cooperativismo em direção ao crescimento sustentado. Aos parceiros e colaboradores, que nos ajudam a fazer uma cooperativa melhor, consciente da sua responsabilidade social como agente de desenvolvimento.

Atenciosamente,

Frans Borg

Presidente do Conselho de Administração” (COOPERATIVA CASTROLANDA, 2002).

O conteúdo da mensagem é predominantemente avaliativo, com uma brevíssima análise da conjuntura econômico-política do país e a menção aos pontos positivos e negativos do período em questão. Nos parágrafos finais, uma exortação ao crescimento sustentado sobre os lucros e recursos dos próprios produtores, substituindo os financiamentos, cada vez mais caros e escassos, é seguida de um parágrafo de votos ao novo governo, e outro de agradecimentos a Deus, aos sócios (cooperados), aos parceiros e aos colaboradores – o eufemismo da moda na linguagem administrativa caracterizando os funcionários.

O registro discursivo é aquele da linguagem empresarial moderna, com abundância de termos como “vantagens competitivas”, “oportunidades de negócios atrativas”, “sistema de autogestão”, “qualidade” e “competitividade”. A face mostrada é a da grande e moderna empresa capitalista. O engajamento no mercado agropecuário nacional está demonstrado pela preocupação expressa no texto com a conjuntura político-econômica e a situação do cooperativismo no país.

No quarto parágrafo, o autor inicia dizendo: “A Castrolanda procura viabilizar...”, com a elipse do termo Cooperativa. Referir-se à cooperativa deste modo é bastante comum entre os funcionários e os cooperados não castrolandeses, para quem a Castrolanda é antes a cooperativa do que a colônia. Mesmo entre os castrolandeses, sobretudo os homens nas ‘rodinhas’ em que o assunto é o trabalho, referem-se à cooperativa como “a Castrolanda”. Neste enunciado, a cooperativa assume a representação do todo, com a colônia como um apêndice. O mesmo ocorre no *site* da cooperativa. No endereço “www.castrolanda.com.br” é possível acessar a *home page* da cooperativa, na qual há um *link* intitulado “cultura”, através do qual se pode receber algumas informações acerca da colônia e do Memorial da Imigração Holandesa. Ou seja, o todo representado no termo “Castrolanda” é a cooperativa, da qual a colônia, debaixo do *link* “cultura” é uma parte.

Assim, a cooperativa teria duas faces: vista de fora da colônia ela é a grande empresa capitalista que tem como característica “pitoresca” o fato de ser fundada em uma colônia de imigrantes holandeses. A identidade holandesa da cooperativa, neste caso, é parte do marketing da empresa, e justifica os investimentos realizados por ela na colônia⁵⁷. Em sua face externa, a cooperativa é uma instituição autônoma, “maior” do que a colônia. Em sua face interna, ela é a parte econômica de um complexo maior, no qual a igreja e o parentesco desempenham o papel englobante. Esta oposição será melhor desenvolvida em seguida.

Prosseguindo a análise da mensagem, o agradecimento é feito a Deus enquanto o “nosso criador”. Comparativamente, no Culto de Ação de Graças, como veremos adiante, a gratidão a Deus é expressa no sentido da benção sobre o trabalho. Esta diferença é crucial, pois ela estabelece que, quando expressa no

⁵⁷ Um castrolandês entusiasta da construção do moinho, relatando as controvérsias e discussões acerca dos pesados custos para sua edificação, justificou-se dizendo que este dinheiro era na verdade um investimento, e que o moinho ajudaria a vender os produtos da Castrolanda.

domínio da igreja a ação divina incide diretamente sobre o trabalho – é na ação da benção que Deus produz a colheita. Expressa no domínio da cooperativa, a ação divina é indireta – Deus cria o homem e é este quem trabalha e produz. Tanto que, na Mensagem da Administração, a gratidão não é dirigida exclusivamente a Deus, mas ele encabeça uma lista que inclui os cooperados, os parceiros e os colaboradores. Esta sutil diferença na expressão da ação divina nos discursos em questão confirma e complementa a idéia das duas faces da cooperativa – no discurso dirigido ao exterior, Deus é mais um agente, listado entre outros; já no discurso produzido na igreja, Deus é o único agente, de quem dependem todos os outros. No discurso da cooperativa, cada agente (Deus inclusive) é um indivíduo autônomo, concebido como valor (DUMONT, 1997, p. 57). No discurso da igreja, Deus engloba os demais agentes, e a produção só pode ser pensada como resultado do todo. Desaparece o indivíduo, englobado pelo todo. “Trata-se, antes de tudo, de ordem, de hierarquia, cada homem particular deve contribuir em seu lugar para a ordem global” (DUMONT, 1997, p. 57).

O ‘Dia da Comunidade’ e a ‘Comunidade da Benção’

Para a melhor compreensão destas relações, é interessante introduzir um relato etnográfico das comemorações, na colônia, do “Dia do Trabalho”, um feriado de origem laica que, em Castrolanda, se reveste de aspectos profundamente religiosos, sendo chamado de “Dia da Comunidade”. Durante todo o dia, os castrolandeses participam juntos de várias atividades organizadas por dois dos bairros em que está dividida a colônia, e que se revezam nesta tarefa de ano a ano. Como já foi descrito, os oito bairros só existem no contexto da igreja, e os moradores só se definem como pertencentes a um ou outro bairro quando tratam de assuntos da esfera religiosa. Neste sentido, há mais uma vez um englobamento pela igreja, neste caso, da situação territorial e geográfica dos castrolandeses. Assim, a comemoração do Primeiro de Maio é uma festa organizada por membros da igreja, escolhidos por um critério elaborado em seu domínio. Embora a maior parte das atividades do dia seja de caráter recreativo e livre, os dois momentos mais importantes da programação são o culto de Ação de Graças e a partida de futebol disputada entre o Conselho da igreja e a diretoria da cooperativa. A descrição que segue foi elaborada a partir do “Dia da Comunidade” de 2003.

A celebração se iniciou às 9.30h, com o culto especial em Ação de Graças pela colheita, que se encerra nesta época do ano⁵⁸. Ele seguiu os mesmos passos da liturgia dos cultos ordinários, com poucas diferenças. A ênfase dos textos lidos e da pregação do pastor foi, acima de tudo, na gratidão a Deus pelas bênçãos recebidas. O pastor falou em sua pregação sobre as diversas razões para a boa colheita – a tecnologia, o trabalho e o esforço dos agricultores, o clima, o mercado, os preços favoráveis e o bom rendimento dos funcionários. A gratidão, entretanto, deve ser dirigida somente a Deus, pois é dele que vêm todas estas coisas, e somente pela sua bênção é que uma boa colheita pode acontecer. Ele disse ainda que enquanto houver a igreja, vai haver a ‘comunidade da bênção’, e que o sucesso da cooperativa não é a razão do sucesso da comunidade, mas sim a igreja e a bênção de Deus.

Havia, como é o costume, um arranjo litúrgico especial, feito com produtos do trabalho da colônia. Além dos grãos da colheita, havia derivados da carne suína, galões de leite, pães, flores e artigos de artesanato, que em Castrolanda é produzido principalmente pelas mulheres (pinturas, objetos de decoração, trabalhos em *patchwork*).

No fim do culto, após a oração de intercessão, seguiu-se o momento do recolhimento das ofertas, como de costume. No culto de Ação de Graças este é o momento mais importante, e o seu resultado financeiro da coleta é normalmente dez vezes maior do que aquele de um culto normal⁵⁹. As ofertas são consideradas um sinal visível da gratidão, uma manifestação material em retribuição às bênçãos recebidas. Esta retribuição, entretanto, por maior que seja, será sempre inferior à dádiva divina. Ela é vista apenas como um sinal de gratidão, nunca como um pagamento pela graça. A bênção de Deus é uma dádiva infinita, que não pode ser retribuída.

⁵⁸ No período que vai do fim de março ao início de maio são colhidas as chamadas ‘culturas de verão’ – soja, milho e feijão, principalmente – a parte economicamente mais significativa da produção agrícola da região.

⁵⁹ Nos últimos dois ou três anos, enquanto nos cultos normais matutinos, mais freqüentados, arrecadou-se cerca de mil reais, nos cultos de Ação de Graças essa arrecadação ficou em torno dos dez mil reais.

Após o culto, há um café com bolo no moinho⁶⁰. Nele, além das abundantes conversas, um representante dos bairros que organizaram a celebração apresentou em português e holandês a programação do dia: o futebol da igreja contra a cooperativa, almoço, jogos ao ar livre e jogos de salão durante a tarde. O pastor fez então uma oração de gratidão pelo alimento, falando em nome do Conselho e dos bairros organizadores. Como já foi mencionado no primeiro capítulo, nenhuma refeição pode ser iniciada sem uma oração, e como durante o churrasco, ao ar livre, seria difícil obter a atenção de todos, foi feita esta oração durante o café, menos de uma hora depois do culto.

Após o café, todos foram para o campo de esportes, em frente ao moinho, para assistir à partida de futebol, disputada entre a diretoria da cooperativa e o Conselho da igreja. Junto ao campo fica também a churrasqueira e este local passou a ser, então, o centro da festa. No time da cooperativa, jogaram alguns dos membros da diretoria e algumas pessoas que ocupam outros cargos administrativos. Não havia nenhum dos 'brasileiros' da cooperativa em nenhum momento da festa. No time da igreja jogaram diáconos e presbíteros, o pastor, alguns membros de comissões e esposos de presbíteras. As mulheres, que passaram a integrar o conselho em 1993, só recentemente começaram a participar do futebol do 'Dia da Comunidade'⁶¹. Na festa descrita aqui, as presbíteras entraram somente no segundo tempo do jogo. As poucas e comedidas manifestações da torcida foram de apoio ao time do Conselho da igreja. Se alguém torcia pela cooperativa, não o fez abertamente. O jogo durou cerca de uma hora e meia, com a vitória do time da igreja, que marcou três gols, contra um da equipe da cooperativa.

Após o futebol, foi servido o almoço, oferecido pelos dois bairros organizadores. Segundo alguns, só recentemente a refeição é uma churrascada, que veio substituir a tradicional sopa com pão, o típico almoço holandês dos domingos e feriados. Mesas e cadeiras foram dispostas debaixo de algumas árvores e dentro do ginásio de esportes, ao lado do campo de futebol. Cada família trouxe seus pratos e talheres, cada um servindo-se de carnes e saladas dispostas num

⁶⁰ Ver capítulo I, sobre as implicações do café depois do culto.

⁶¹ Segundo algumas pessoas, a primeira vez que isso ocorreu foi em 2000, com a participação da então pastora da igreja.

buffet improvisado junto à churrasqueira. As bebidas – cerveja e refrigerantes – foram vendidas separadamente.

Durante a tarde, houve jogos e brincadeiras no campo de futebol, para crianças e adultos, e no moinho, jogos de salão (*Rummikub* e *Troeven*, principalmente), mais procurados pelos mais velhos. A participação é livre, e muitos preferiram permanecer nas mesas do almoço, conversando. Não há um encerramento oficial, e a festa terminou com a dispersão gradual dos participantes. Ao cair da tarde, quase todos já tinham se retirado, permanecendo apenas os organizadores, limpando e arrumando o local.

O primeiro ponto a destacar aqui é que os rituais do Dia da Comunidade confirmam a cooperativa como a representante por excelência do domínio da economia e do trabalho. O arranjo litúrgico incluía produtos da terra e artesanato, não havendo nenhuma referência a qualquer outro tipo de trabalho, nem ao dos funcionários assalariados, nem aos que prestam serviços, ou desenvolvem outro tipo de atividade que não a agropecuária. É também notável a ausência dos empregados e funcionários, demonstrando que o destaque da festa é o trabalho em si, não o trabalhador.

É interessante salientar ainda que o trabalho, nos ritos, ganha dois sentidos complementares. Primeiramente, ele é associado à benção divina, e Deus aparece como agente último do trabalho, único que é verdadeiramente merecedor da gratidão. Todas as coisas estão subsumidas a ele: a tecnologia, o esforço dos agricultores, o clima, etc. O trabalho humano é apenas um meio para a manifestação da glória e da graça divina. E é neste sentido que um feriado laico acaba por se revestir de um caráter religioso, afinal, ele celebra das coisas mais sagradas que há para o calvinismo, o trabalho.

O segundo sentido para o trabalho é aquele da união, da solidariedade da comunidade. A festa que celebra o resultado do trabalho é organizada pela igreja como festa da união da comunidade. Os associados e os funcionários ‘brasileiros’ da cooperativa, que não são membros da igreja, não participam da festa. A celebração do trabalho e da união da comunidade se dá no âmbito da igreja. A refeição partilhada por todos é oferecida não por membros da igreja individualmente, mas por um grupo que a representa, formado a partir de um critério por ela elaborado. Ao celebrar a colheita como resultado do trabalho, tomado como bênção de Deus,

celebra-se a união da comunidade. A comemoração do Primeiro de Maio é um rito que celebra o aspecto holista e hierárquico do trabalho, englobado pela 'Comunidade da Bênção'.

Essa afirmação conduz a um outro ponto a ser destacado. A sacralização do trabalho permite o seu englobamento pela esfera da igreja e da comunidade. O futebol, neste sentido, realizaria uma ritualização de uma disputa entre a igreja e a cooperativa. Pois ao mesmo tempo que a cooperativa é um aspecto fundamental da colônia, ela é uma força desagregadora, individualizante e voltada para fora, que produz inclusive um discurso externo no qual aparece como maior do que a colônia. Isto se dá parcialmente porque ela inclui 'brasileiros', que são cerca de 50% de seus sócios (critério que alguns denominariam "étnico"), mas, sobretudo, porque ela é uma empresa capitalista moderna. Ela, enquanto tal, é capaz de atuar no sistema de trocas que constitui o mercado, é uma força necessária, porém perigosa justamente por estar vinculada a uma lógica individual e contratual. A igreja, ao revestir o trabalho de um caráter sagrado, é capaz de produzir uma comunidade, a 'Comunidade da Bênção', enquanto a cooperativa é uma espécie de face externa, necessária por incluir a colônia nas indispensáveis trocas de bens com o exterior porém, se apartada da igreja, capaz da desagregação do todo.

Esta oposição entre a Cooperativa Castrolanda e a IER se manifesta de diversas formas. A língua usada para os assuntos de trabalho é preferencialmente o português, enquanto nos assuntos religiosos o holandês prevalece. A divisão dos cargos da diretoria entre castrolandeses e 'brasileiros' é também significativa. Durante mais de trinta anos, apenas membros da igreja tomavam assento na diretoria, sendo que nos primeiros anos o pastor da igreja foi o presidente. Mesmo nos dias atuais, quando o número de cooperados 'brasileiros' é praticamente igual ao de castrolandeses, a diretoria é composta em sua maioria por membros da igreja.

É comum, também, ouvir dos imigrantes mais velhos reclamações acerca do crescente individualismo da cooperativa. Eles referem-se ao início da colônia como "o tempo em que trabalhávamos todos juntos", em oposição aos dias atuais, nos quais "cada um cuida do que é seu". Estas observações vêm quase sempre acompanhadas da reafirmação da importância do papel da igreja na união de todos.

As palavras finais da palestra do Sr. Rieks Salomons, sobre os 30 anos de Castrolanda, já citada no capítulo anterior (In: KIERS-POT, 2001, p.262), demonstra com clareza este aspecto da relação entre igreja e cooperativa.

“Todos vocês compreendem que aquele período inicial não foi muito fácil. As opiniões a respeito dos diversos problemas divergiam muitas vezes. Mas felizmente havia lá a igreja, e não estou me referindo agora ao prédio de alvenaria, mas à comunidade dos fiéis onde nós, ouvindo a palavra de Deus e invocando Seu Nome, nos reforcamos e recebemos forças para continuar a trabalhar na construção e desenvolvimento da nossa comunidade em todos os setores da vida.

Foi a igreja durante estes trinta anos, o elo que nos uniu e nos mantinha unidos.

Nova geração! Vocês, que assumiram a responsabilidade em praticamente todas as áreas da nossa comunidade: se Castrolanda quiser ter futuro, esta igreja deverá sempre ser o centro e ponto de partida.

Foi Deus que nos guiou até aqui, e sob sua bênção Castrolanda chegou a ser o que hoje é.

Nós oramos e confiamos que Ele também dará a todos vocês Sua bênção no futuro desenvolvimento e expansão desta comunidade. Nesta confiança podemos esta noite comemorar alegremente nosso jubileu de 30 anos de existência.”

CONCLUSÃO

“Que a colônia não se modernize tanto, mas volte um pouco no passado, porque senão esqueceremos Deus.”

“Desejo que Castrolanda seja um lugar em que cada vez mais, as pessoas tenham compreensão pelas diferenças existentes entre elas e também com as comunidades vizinhas, e havendo compreensão, tenham solidariedade umas para com as outras.”

A principal questão tratada nesta dissertação é a forma específica como se relacionam, em Castrolanda, as esferas da religião, do trabalho e do parentesco, bem expressa pelo conceito local de ‘comunidade da bênção’. A partir disso, alguns problemas abordados em cada capítulo podem ser retomados, não exatamente como conclusões, mas como sínteses que possibilitam um encaminhamento futuro às questões aqui propostas.

A ritualização, os ritmos rígidos seguidos pela maioria e o silêncio no qual vive a colônia, nos momentos em que nem a escola, nem a cooperativa funcionam, apontados no primeiro capítulo, podem ser compreendidos a partir da idéia de que, em Castrolanda, não há uma esfera pública rigidamente apartada da esfera doméstica, mas sim uma esfera comunitária, representada pela igreja enquanto depositária dos bens simbólicos do grupo, e articulada na linguagem do parentesco. A ela se opõem os indivíduos e suas relações baseadas em princípios contratuais, que têm na cooperativa, enquanto empresa envolvida com os contextos políticos e econômicos do mercado no qual se insere, a maior expressão. Assim, exceto pelas atividades desenvolvidas no âmbito da cooperativa e da escola, nas quais os movimentos são mais individuais e imprevisíveis, a colônia vive um cotidiano ritmado e ordenado. Fora dos horários de funcionamento da escola e da cooperativa, nas ruas do centro reina um aparente silêncio. As atividades da vida social passam a ser exclusivamente domésticas ou religiosas, regidas pelas regras da igreja e do parentesco, ritualizadas e comunitárias. Há um tempo e um lugar para os princípios da sociedade, do contrato e do indivíduo, sempre englobados por aqueles da comunidade, da igreja e da família. Seria enganoso e precipitado, no contexto da colônia Castrolanda, reduzir a esfera pública à cooperativa, isto é, ao mercado.

As motivações individuais e as atitudes em desacordo com a lógica comunitária, entretanto, existem e movem os conflitos e as mudanças em Castrolanda. Na igreja, pensada conforme descrita no terceiro capítulo, como uma “casa” levistraussiana, estas motivações individuais podem ser também compreendidas na linguagem do parentesco, ou seja, nas escolhas matrimoniais até certo ponto livres. O grande motor dos conflitos e das mudanças nesta esfera é o grande número de casamentos ‘mistos’ e portanto, de cônjuges ‘brasileiros’ englobados pela colônia. Para possibilitar este englobamento, a igreja “detentora de um domínio composto simultaneamente por bens materiais e imateriais” (LÉVI-STRAUSS, 1979, p. 154) é forçada a intensificar as trocas e a abrir mão de determinados símbolos. As mudanças no ponto de vista lingüístico são talvez, a face mais visível desta intensificação do comércio simbólico em favor de um aumento da possibilidade de englobamento ou incorporação de indivíduos de fora – o que significaria um aumento da possibilidade de casamentos realizados a partir de uma escolha individual, porém virtualmente endogâmicos.

A mudança, no campo do parentesco, se constituiria então no embate entre um núcleo “estrutural” – possível de ser comparado a uma “casa”, e as estratégias e escolhas individuais, por ela englobadas. Cada casamento “castrolandês” é uma aposta – põe-se um indivíduo em jogo, para “ganhar” outro de fora, arriscando-se a sua “perda”, como atestam os elevados índices de pessoas que deixaram a comunidade. Assim, a sociedade castrolandesa preservaria seu núcleo “estrutural” às custas da intensificação dos trânsitos simbólicos, processo mantido sob o cuidadoso controle da igreja.

Se por um lado as trocas de pessoas e símbolos são rigidamente controladas, caracterizando uma certa “avareza simbólica”, necessária à manutenção do que chamei de “núcleo estrutural”, por outro as trocas de bens são intensas e marcadas pela generosidade, expressa de diversas maneiras. Seja no elevado orçamento da igreja, mantida por doações dos membros, na significativa parcela deste orçamento dedicada à filantropia, nos bons salários pagos aos funcionários das chácaras e fazendas⁶², ou ainda nos grandes investimentos da cooperativa no bem estar de cooperados e funcionários, fica manifesta a generosidade material dos

⁶² Os produtores castrolandeses são conhecidos na região por remunerarem bem seus funcionários.

castrolandeses. Mesmo os grandes negócios realizados pela cooperativa e sua inserção significativa no mercado podem ser compreendidos como parte destas intensas trocas de bens materiais, mercadológicas ou não. As grandes circulações de dinheiro entre Castrolanda e o seu exterior, na cooperativa e nos trabalhos sociais da igreja, então, poderiam ser vistos como uma contraposição à inalienabilidade dos bens simbólicos, resguardados pela igreja.

O imbricamento entre o par religião/parentesco e a esfera do trabalho, contido na idéia de uma 'comunidade da bênção', aponta para uma curiosa articulação de hierarquia e ética protestante. Em Castrolanda, a duplicidade da posição da cooperativa permite uma combinação bem sucedida de aspectos de comunidade, englobados na 'comunidade da bênção', e aspectos de sociedade, vivos no potencial individualizante e desagregador da cooperativa, na sua forte inserção no mercado e no seu discurso externo de grande empresa capitalista, no qual a tradição, a cultura e a comunidade são imagens do marketing, também produtos negociáveis. Castrolanda se caracterizaria, assim, por um calvinismo hierárquico, englobante inclusive, da ética protestante individualista.

REFERÊNCIAS

BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAC, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998.

BOURDIEU, P. **O desencantamento do Mundo**. Perspectiva, 1979. São Paulo.

BUENO, F. **Pouso do lapó: contribuição para a história de Castro**. Castro: [s.n.], 2002.

COOPERATIVA CASTROLANDA. **Relatório anual**. Disponível em: <www.castrolanda.com.br> Acesso em 30 abr. 2003.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. São Paulo: EDUSC, 1999.

CUNHA, M. C. da. **Os mortos e os outros**. São Paulo: Hucitec, 1978.

DOUGLAS, M. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DUMONT, L. **Homo Hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações**. São Paulo: Edusp, 1997.

_____. **Homo Aequalis: gênese e plenitude da ideologia econômica**. Bauru: Edusc, 2000a.

_____. **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000b.

EVANS-PRITCHARD, E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978a.

_____. **Os Nuer**. São Paulo: Perspectiva, 1978b.

FAUSTO, C. **Inimigos Fiéis**. São Paulo: Edusp, 2001.

GOW, P. **Of Mixed Blood**. Oxford Press: New York, 1991.

IGREJA EVANGÉLICA REFORMADA DE CASTROLANDA. **Guia da Comunidade**. Castrolanda, 2002.

KIERS-POT, C.H.L. **Castrolanda 50 anos: 1951 – 2001**. Castro: [s.n.], 2001.

LÉVI-STRAUSS, C. **A via das máscaras**. Lisboa: Editorial Presença-Martins Fontes, 1979.

_____ Histoire et Ethnologie. **Annales E.S.C.** Paris, 1983.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Etnologia brasileira. In: MICELI, S. **O Que Ler na Ciência Social Brasileira (1970-1995)**. São Paulo: Editora Sumaré/ ANPOCS; Brasília, DF: CAPES, 1999.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2001.